

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ESTRATÉGICOS INTERNACIONAIS**

PAULO RICARDO DA SILVA

**A INTELIGÊNCIA MILITAR ARGENTINA NA GUERRA DAS MALVINAS:
UMA AVALIAÇÃO NECESSÁRIA**

**Porto Alegre
2020**

PAULO RICARDO DA SILVA

**A INTELIGÊNCIA MILITAR ARGENTINA NA GUERRA DAS MALVINAS:
UMA AVALIAÇÃO NECESSÁRIA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Estratégicos Internacionais.

Área de concentração: Segurança, Integração e Desenvolvimento

Linha de Pesquisa: Segurança Internacional

Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio Chaves Cepik

**Porto Alegre
2020**

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Paulo Ricardo da
A inteligência militar argentina na guerra das
Malvinas: uma avaliação necessária / Paulo Ricardo da
Silva. -- 2020.
94 f.
Orientador: Marco Aurélio Chaves Cepik.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos
Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Inteligência. 2. Intelligence Gathering. 3.
Malvinas/Falklands. 4. Deception. 5. Desinformação. I.
Cepik, Marco Aurélio Chaves, orient. II. Título.

PAULO RICARDO DA SILVA

**A INTELIGÊNCIA MILITAR ARGENTINA NA GUERRA DAS MALVINAS:
UMA AVALIAÇÃO NECESSÁRIA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Estratégicos Internacionais.

Aprovado em: Porto Alegre, 27 de janeiro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marco Aurélio Chaves Cepik - Orientador
UFRGS

Prof. Dr. Carlos Schmidt Arturi
UFRGS

Prof. Dr. Eduardo Munhoz Svartman
UFRGS

Prof. Dr. Thiago Borne Ferreira
UNIVATES

Dedico este trabalho aos meus pais, por investir em minha educação inicial os recursos dos quais dispunham. À minha esposa, Patrícia, e aos meus filhos, Nathália e Lucas, fontes permanentes de incentivo e motivação. Aos amigos Gilmar, Igor, Noronha, Porcher e Paulo Martins, pessoas que fizeram parte desta caminhada e muito me incentivaram na busca pelo conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Professor Dr. Marco Cepik, pelas inúmeras demonstrações de conhecimento, seriedade e profissionalismo.

À Professora Dra. Sílvia Feraboli, pela motivação constante aos alunos do PPGEEI na busca pela sólida construção de uma carreira. Ambos os professores, partícipes diretos e contribuintes nesta etapa de minha carreira, são referências que levo para o futuro.

Ao Professor Dr. José Miguel Quedi, um dos artífices do projeto que resultou nesta dissertação.

Ao Exército Brasileiro, o Exército de Caxias e de Max Wolff, instituição que me concedeu oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

“Aprender é descobrir aquilo que você já sabe. Fazer é demonstrar que você o sabe. Ensinar é lembrar aos outros que eles sabem tanto quanto você.”

Richard Bach

RESUMO

O desempenho da atividade de inteligência da Argentina permanece um aspecto pouco estudado da Guerra das Malvinas/Falklands. Considerando as características do conflito, esta investigação pode contribuir para ratificar e sistematizar lições para o Exército Brasileiro. Tendo como objetivo geral analisar o desempenho da atividade de inteligência militar da Argentina naquela guerra, em termos estratégicos, operacionais e táticos, com a finalidade de identificar aspectos que sejam úteis para a atividade de inteligência militar brasileira nos dias atuais, o objetivo específico é identificar exemplos pontuais, de equívocos ou acertos da Argentina e do Reino Unido, quanto ao desempenho da atividade de inteligência na opção pela Operação Rosário, em relação ao desembarque anfíbio britânico em Puerto San Carlos e no que diz respeito ao afundamento do cruzador ARA Belgrano. O problema central é: Por que houve falhas de inteligência da Argentina na Guerra das Malvinas? Com base na análise dos eventos estratificados em três níveis, procura-se interpretar o caso argentino. Busca-se testar a seguinte hipótese: os eventos relacionados à atividade de inteligência militar durante a Guerra das Malvinas podem ser analisados à luz das doutrinas em vigor no âmbito do Ministério da Defesa e no Exército Brasileiro, e até mesmo da doutrina estadunidense, a fim de se ratificar e sistematizar lições aprendidas a respeito do emprego da Função de Combate Inteligência. Constituída por seis capítulos, a pesquisa, na conclusão, sustenta que a hipótese é comprovada, elenca lições a partir do desempenho da atividade de inteligência naquela conflagração, bem como apresenta uma agenda de pesquisa sobre a temática.

Palavras-chave: Inteligência. Intelligence Gathering. Malvinas/Falklands. Deception. Desinformação.

RESÚMEN

El desempeño de la actividad de inteligencia de Argentina sigue siendo un aspecto poco estudiado de la Guerra de las Malvinas/Falklands. Considerando las características del conflicto, esta investigación puede contribuir a ratificar y sistematizar lecciones para el Ejército brasileño. Con el objetivo general de analizar el desempeño de la actividad de inteligencia militar de Argentina en esa guerra, en términos estratégicos, operacionales y tácticos, con el propósito de identificar aspectos que sean útiles para la actividad de inteligencia militar brasileña en la actualidad, el objetivo específico es identificar ejemplos puntuales, de equívocos o aciertos de Argentina y Reino Unido, respecto al desempeño de la actividad de inteligencia en la opción por la Operación Rosario, en relación al desembarco anfibio británico en Puerto San Carlos y respecto al hundimiento del crucero ARA Belgrano. El problema central es: ¿Por qué fallaron los servicios de inteligencia de Argentina en la Guerra de las Malvinas? A partir del análisis de hechos estratificados en tres niveles, se intenta interpretar el caso argentino. Intentamos comprobar la siguiente hipótesis: los hechos relacionados con la actividad de inteligencia militar durante la Guerra de las Malvinas pueden analizarse a la luz de las doctrinas vigentes en el ámbito del Ministerio de Defensa y en el Ejército brasileño, e incluso de la doctrina estadounidense, con el fin de ratificar y sistematizar las lecciones aprendidas sobre el uso de la función de combate inteligencia. La investigación tiene seis capítulos y, al concluir, sostiene que la hipótesis está comprobada, enumera lecciones del desempeño de la actividad de inteligencia en esa conflagración, así como presenta una agenda de investigación sobre el tema.

Palabras clave: Inteligencia. Recolección de Inteligencia. Malvinas/Falklands. Engaño. Desinformación.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Deslocamento da <i>task force</i> , possessões britânicas no Atlântico, Zona de Exclusão e Teatro de Operações	14
Quadro 1 - Mortos e Desaparecidos argentinos na Guerra das Malvinas, por força armada ...	15
Quadro 2 - Mortos e Desaparecidos argentinos na Guerra das Malvinas, por origem.....	15
Quadro 3 - Operações Militares mencionadas nesta pesquisa.....	16
Figura 2 - Interação da Função de Combate Inteligência com as demais Funções	22
Figura 3 - Ciclo de Inteligência	23
Figura 4 - Mapa das Malvinas	33
Figura 5 - Porta-aviões	36
Figura 6 - Submarinos	37
Figura 7 - Demais vasos militares (ARA e HMS) de superfície	38
Figura 8 - Informe 582	45
Figura 9 - Recepção, no Reino Unido, ao HMS Hermes, pós-guerra	48
Figura 10 - Recepção, no Reino Unido, ao HMS Invincible, pós-guerra.....	49
Figura 11 - Articulação das Forças Argentinas a partir de 8 de abril de 1982	54
Figura 12 - Locais a defender pelas Forças Argentinas na Guerra das Malvinas (da direita para a esquerda: Port Stanley, Darwin – Goose Green, Fox Bay)	55
Figura 13 - Operação Algeciras.....	55
Figura 14 - Desembarque Britânico em Puerto San Carlos.....	62
Figura 15 - Desembarque Britânico em Puerto San Carlos.....	62
Figura 16 - Uso do <i>chaff</i>	66
Figura 17 - Página 13, do jornal La Vanguardia (Barcelona, Espanha) de 20 maio 1982	69
Figura 18 - Produtos da inteligência britânica em proveito do desembarque em San Carlos ..	70
Figura 19 - Operation Sutton.....	72
Figura 20 - Defesas argentinas em San Carlos	73
Figura 21 - Combates a partir do desembarque anfíbio britânico em Puerto San Carlos.....	76
Figura 22 - Afundamento do ARA Belgrano, Zona de Exclusão, posições do ARA 25 de Mayo e da <i>task force</i> britânica.....	80

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

A2	<i>Anti-Access</i> (negação de acesso)
AD	<i>Area Denial</i> (negação de área)
Agr Ej Malv	<i>Agrupación Ejército Malvinas</i> (Componente Exército Malvinas)
Agr Fza Aé Malv	<i>Agrupación Fuerza Aérea Malvinas</i> (Componente Força Aérea Malvinas)
Agr Armada Malv	<i>Agrupación Armada Malvinas</i> (Componente Marinha Malvinas)
ANEA	<i>Área Naval Estratégica Austral</i>
ARA	<i>Armada de la República Argentina</i>
AM	<i>Air Missile</i>
ASW	<i>Anti Submarine Warfare</i> (guerra contra submarino)
C	Campanha (especifica o tipo de manual militar)
C2	Comando e Controle
CAD	<i>Comando Aereo de Defensa</i> (argentino)
CAERCAS	<i>Comisión de Análisis y Evaluación de las Responsabilidades del Conflicto del Atlántico Sur</i>
Cdo Guar Mil Malv	<i>Comando de la Guarnición Militar Malvinas</i>
CG	Centro de Gravidade
CIA	Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos da América
Civ	Civis
CNI	<i>Central Nacional de Inteligencia</i> (Argentina)
COA	<i>Course of Action</i> (Curso de Ação ou Linha de Ação)
D	Dia “D”, em português, e “D” <i>Day</i> , em inglês
EB	Exército Brasileiro
ECEME	Escola de Comando e Estado-Maior do Exército Brasileiro
EEI	Elementos Essenciais de Inteligência
EE.UU.	Estados Unidos da América, sigla no idioma espanhol
ERP	<i>Ejército Revolucionario del Pueblo</i> (Argentina)
ETA	“Pátria Basca e Liberdade” - <i>Euskadi Ta Askatasuna</i> , no idioma basco
EUA	Estados Unidos da América
FF.AA.	Plural, em espanhol, de Forças Armadas (<i>Fuerzas Armadas</i>)
FM	<i>Field Manual</i> (Manual de Campanha do exército dos EUA)

G	Geral
GHQC	<i>Government Communications Headquarters</i> (britânico)
HMS	<i>Her/His Majesty's Ship</i> (britânico, “embarcação de sua majestade”)
Imint	Inteligência de Imagens (terminologia no idioma inglês)
Icia Com	Inteligência de Fontes de Comunicações (Abreviatura em espanhol)
Icia Electr	Inteligência de Fontes Eletrônicas (Abreviatura em espanhol)
Icia Geog	Inteligência de Fontes Geográficas (Abreviatura em espanhol)
Icia Hum	Inteligência de Fontes Humanas (Abreviatura em espanhol)
Icia Imag	Inteligência de Fontes de Imagens (Abreviatura em espanhol)
Icia OB	Inteligência de Ordem de Batalha (Abreviatura em espanhol)
Icia Técnica	Inteligência Técnica (Abreviatura em espanhol)
IPB	Preparação de Inteligência do Campo de Batalha (<i>Intelligence Preparation of the Battlefield</i> , no idioma inglês)
JP	Joint Publication
KGB	Comitê de Segurança do Estado (Ex-URSS)
LA	Linha de Ação (Linha de Ação do oponente, do adversário)
M	Manual
MC	Manual de Campanha
M&AW	<i>Mountain and Arctic Warfare</i>
MD	Ministério da Defesa do Brasil
Mercosul	Mercado Comum do Sul
MF	Manual de Fundamentos
NATO	Organização do Tratado do Atlântico Norte, no idioma inglês
NSA	Agência Nacional de Segurança (<i>National Security Agency</i> , dos EUA)
NI	Necessidades de Inteligência
OAS	Organização dos Estados Americanos, no idioma inglês
OEA	Organização dos Estados Americanos
Of	Oficiais
ONU	Organização das Nações Unidas
Op Anf	Operação Anfíbia
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
Osint	<i>Open Source Intelligence</i> (Inteligência de Fontes Abertas, terminologia no idioma inglês)

PIEN	<i>Plan de Inteligencia Estratégica Nacional</i> (Argentina)
SAM	<i>Surface-to-Air Missile</i>
SAS	<i>Special Air Service</i> (Reino Unido)
Sd	Soldado
Sigint	<i>Signals Intelligence</i> (Inteligência de Sinais, terminologia no idioma inglês)
SIN	<i>Sistema Nacional de Inteligencia</i> (Argentina)
S.I.N.	<i>Servicio de Inteligencia Naval</i> (Armada Argentina)
SO	Suboficiais (círculo hierárquico onde estão todos os Sargentos e Subtenentes)
TIAR	Tratado Interamericano de Assistência Recíproca
TOAS	<i>Teatro de Operaciones del Atlántico Sur</i> (Argentina)
TOS	<i>Teatro de Operaciones Sur</i> (Argentina)
TTP	Técnicas, Táticas e Procedimentos
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
US	<i>United States</i>
USA	<i>United States of America</i>
VC	Vulnerabilidades Críticas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	DELINEAMENTO DA PESQUISA	16
1.2	FUNÇÕES DE COMBATE E INTELIGÊNCIA MILITAR	22
1.3	FALHAS DE INTELIGÊNCIA.....	25
1.4	SÍNTESE DOS CAPÍTULOS.....	30
2	CONTEXTO E FATORES ADICIONAIS.....	31
2.1	ANTECEDENTES HISTÓRICOS	31
2.2	COMBATE À SUBVERSÃO X GUERRA CONVENCIONAL	33
2.3	POTENCIAIS AMEAÇAS EM COMBATES TERRESTRES X COMBATE NO TEATRO DE OPERAÇÕES PREDOMINANTEMENTE NAVAL.....	34
2.4	COLABORAÇÃO ARGENTINA NA AMÉRICA CENTRAL (PRINCIPALMENTE NA QUESTÃO DOS “CONTRAS”, NA NICARÁGUA) X CRENÇA NA NEUTRALIDADE DOS EUA	38
2.5	MEIOS DE OBTENÇÃO: AJUDA SOVIÉTICA?.....	42
2.6	CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	46
3	A DECISÃO DE IR À GUERRA: NÍVEL ESTRATÉGICO	48
3.1	OPERAÇÃO ALGECIRAS, A2, AD E FLEET IN BEING	55
3.2	CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	59
4	O DESEMBARQUE BRITÂNICO EM PUERTO SAN CARLOS: NÍVEL OPERACIONAL.....	61
4.1	DESINFORMAÇÃO	63
4.2	DESEMBARQUE ANFÍBIO EM PUERTO SAN CARLOS	69
4.3	CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	74
5	A PERDA DO BELGRANO: NÍVEL TÁTICO	77
5.1	O AFUNDAMENTO DO ARA BELGRANO	78
5.2	CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	81
6	CONCLUSÃO	82
	REFERÊNCIAS	90

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema a atividade de inteligência militar. De forma mais delimitada, uma avaliação do desempenho da Inteligência Militar argentina na Guerra das Malvinas/Falklands War¹, ocorrida no Atlântico Sul durante 74 dias (02 de abril a 14 de junho de 1982), opondo a Argentina e o Reino Unido². Um dos aspectos pouco estudados na área de Segurança Internacional e Defesa diz respeito ao desempenho da inteligência argentina naquele conflito.

A pesquisa se propõe a analisar o papel da inteligência militar argentina na Guerra das Malvinas em diferentes níveis do planejamento de guerra (estratégico, operacional e tático) e, para tanto, serão conduzidos três estudos de caso, um relacionado a cada nível mencionado:

- a) no nível **estratégico** o recorte aborda a decisão argentina de ir à guerra, o que se materializou com o desencadeamento da Operação Rosário em 2 de abril de 1982;
- b) as consequências, para a Argentina, do desembarque anfíbio britânico a fim de estabelecer e consolidar uma cabeça-de-praia³ em Puerto San Carlos é o evento selecionado para abordar o nível operacional. Foi considerada, ainda, a realização de uma operação de desinformação pelo Reino Unido, com a finalidade de reforçar, nas tropas argentinas, a percepção (equivocada) de que as ações ocorreriam na região de Port Stanley⁴;
- c) Quanto ao nível tático, o evento de análise é a perda do cruzador ARA Belgrano, em 2 maio 1982, após ser torpedeado pelo HMS Conqueror, cujo afundamento levou à morte 323 argentinos.

¹ Guerra das Malvinas, nesta pesquisa, se refere à: Guerra das Malvinas, Falklands War, Guerra de las Malvinas e Conflicto del Atlántico Sur.

² A Argentina sustenta que no século XVI (1520) um navegador português, a serviço da coroa espanhola, chegou às Malvinas. Os britânicos, por sua vez, alegam que foram os pioneiros em chegar às Malvinas, em 1690. Após um período cuja posse esteve em poder de franceses e espanhóis, novamente o Reino Unido ocupou as ilhas, em 1833, não mais deixando o arquipélago. A Argentina, por ter se tornado independente da Espanha, no início do século XIX, entende que lhe cabe a posse das ilhas. Na década de 1960 a Organização das Nações Unidas (ONU) incluiu a questão das Malvinas como sendo de descolonização. O Brasil historicamente se posiciona a favor da reclamatória argentina, ainda que não tenha se envolvido nos combates em 1982. Por meio do Ministério das Relações Exteriores, o Brasil presta apoio político em defesa do vizinho sul-americano.

³ Segundo o Manual do Ministério da Defesa do Brasil MD 35-G-01 (BRASIL, 2007b), Cabeça-de-praia é a área terrestre selecionada do litoral adverso que contém os objetivos da força-tarefa anfíbia e da força de desembarque e que, quando conquistada e mantida, assegura o desembarque contínuo de tropa e material, proporcionando espaço de manobra para operações em terra.

⁴ A capital das Malvinas, é denominada Port Stanley pelos britânicos, e chamada de Puerto Argentino pelos argentinos.

Em 6 de abril de 1982 o Reino Unido declarou uma área de 200 milhas náuticas (aproximadamente 370 quilômetros) ao redor das Malvinas como Zona de Exclusão, dentro da qual embarcações da marinha da Argentina poderiam ser atacadas. Em 23 de abril, a restrição foi ampliada, passando a contemplar também os meios aéreos argentinos, conforme menciona a CAERCAS⁵ (ARGENTINA, 1982, parágrafo 371).

No dia 6 maio 1982, quatro dias após o torpedeamento e afundamento do ARA Belgrano pelos britânicos, e dois dias após o afundamento do HMS Sheffield⁶ pelos argentinos, o Governo do Reino Unido anunciou a extensão da Zona de Exclusão até 12 milhas náuticas (aproximadamente 22 quilômetros) da costa da Argentina (ARGENTINA, 1982, parágrafo 455).

Figura 1 - Deslocamento da task force, possessões britânicas no Atlântico, Zona de Exclusão e Teatro de Operações



Fonte: British... (2020)

⁵ Logo após o término da Guerra das Malvinas, ainda em 1982, a Junta de Governo Militar da Argentina determinou a criação e a constituição de uma comissão para avaliar as responsabilidades militares, políticas e estratégicas no que diz respeito àquela conflagração. Um decreto classificado de 2 de dezembro de 1982 definiu a denominação oficial como sendo *Comisión de análisis y evaluación de las responsabilidades políticas y estratégico militares en el conflicto del Atlántico Sur (CAERCAS)*, atribuindo a ela amplos poderes para acessar, dentre outros, produtos elaborados pela inteligência, depoimentos, documentos e tudo o que julgasse útil a fim de cumprir a tarefa recebida do Governo. Sua composição era de 6 oficiais-generais, 2 de cada força armada da Argentina. Por ser chefiada por Benjamín **Rattenbach**, Tenente-General do Exército, o Informe Final apresentado é conhecido também como **Informe Rattenbach**.

⁶ Em 4 de maio de 1982, dois dias após a perda do ARA Belgrano, os argentinos impuseram ao Reino Unido uma significativa perda. Disparado a partir de uma aeronave Super Étendard, um míssil Exocet AM 39 atingiu e levou ao naufrágio o destróier HMS Sheffield, causando a morte de vinte britânicos.

O *Informe Rattenbach*⁷ (ARGENTINA, 1982, parágrafo 735) apresenta o que denomina como o custo humano e material da guerra, onde aborda as quantidades de mortos, desaparecidos e feridos na Guerra das Malvinas, por origem (civil ou militar, por círculo hierárquico), dentro de cada força armada. As tabelas 1 e 2, a seguir, constituem um extrato de tais dados, abordando apenas mortos e desaparecidos.

Quadro 1 - Mortos e Desaparecidos argentinos na Guerra das Malvinas, por força armada

Situação	Exército					Marinha					Força Aérea									
	Of	SO	Sd	Civ	Total	Of	SO	Sd	Civ	Total	Of	SO	Sd	Civ	Total					
Mortos	15	22	121	00	158	12	228	123	18	381	05	07	05	00	17					
Desaparecidos	01	03	23	00	27	00	02	08	00	10	31	07	00	00	38					
Total por Força	16	25	144	00	185	12	230	131	18	391	36	14	05	00	55					
Total Geral	631																			
% sobre o total	29%					62%					9%									
	Of: Oficiais					SO: Suboficiais					Sd: Soldados					Civ: Civis				

Fonte: Adaptado de Argentina (1982, parágrafo 735)

Quadro 2 - Mortos e Desaparecidos argentinos na Guerra das Malvinas, por origem

Perdas argentinas por círculos origem		
Total de perdas: 631		
Origem	Mortos/Desaparecidos	% sobre o total
Of	64	10%
SO	269	43%
Sd	280 (*)	44%
Civ	18	3%

(*) 46% eram conscritos, todos da Marinha

Fonte: Adaptado de Argentina (1982, parágrafo 735)

Em 5 maio 1982 muitas das embarcações britânicas estavam chegando ao arquipélago. As forças argentinas realizaram um ataque com suas armas mais potentes, com aeronaves voando desde o continente até o local onde a *task force* tentava estacionar. Os britânicos sofreram suas primeiras perdas no conflito. Aparentemente exitosa, a ação argentina naquele local na verdade denunciava que a primeira grande tarefa não havia sido cumprida.

A Força Aérea Argentina não conseguiu, naquele crucial momento, localizar e atacar os dois mais valiosos vasos britânicos: os porta-aviões HMS Hermes e HMS Invincible. Dados de Inteligência insuficientes, seja por carência de meios de obtenção ou por falta de

⁷ Informe Rattenbach é a denominação corrente empregada para se referir ao Informe Final da CAERCAS. Portanto, para fins de entendimento no decorrer desta pesquisa, *Informe Rattenbach*, *Informe Final* e *CAERCAS* são sinônimos. A forma de entrada, ao longo do texto, por se tratar de documento oficial do governo argentino, é Argentina (1982) ou (ARGENTINA, 1982).

processamento adequado dos dados disponíveis, podem ser entendidos como fatores que contribuíram para o insucesso da nação sul-americana naquela conflagração.

Em 21 maio 1982 os britânicos deram início à execução da *Operation Sutton*⁸, a fim de executar um desembarque anfíbio em *Puerto San Carlos*, para o estabelecimento de uma cabeça-de-praia que permitisse, por via terrestre, a retomada da ilha, indo até *Port Stanley*, capital do arquipélago.

A fim de disponibilizar dados que auxiliem a relação entre as Operações Militares executada por argentinos e britânicos no contexto da Guerra das Malvinas, o quadro abaixo elenca aquelas que são abordadas nesta pesquisa.

Quadro 3 - Operações Militares mencionadas nesta pesquisa

País	Operação Principal (Objetivo)	Operações em apoio à Operação Principal (Objetivo)
ARGENTINA 	ROSÁRIO (Ocupar o arquipélago)	ALGECIRAS (Ataque à base britânica em Gibraltar)
REINO UNIDO 	CORPORATE (Reconquistar o arquipélago)	MIKADO (Ataque às bases aéreas e aos Super Étendard argentinos)
		SUTTON (Desembarque anfíbio britânico em Puerto San Carlos)
		TORNADO (Operação de desinformação/deception em apoio à Operação Sutton)

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Anderson (1982), Esbry (2016), Paget (2017), Paget (2018) e Ward (2008)

1.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

O **objetivo geral** consiste em analisar o desempenho da atividade de inteligência militar da Argentina na Guerra das Malvinas em termos estratégicos, operacionais e táticos, com a finalidade de identificar aspectos que sejam úteis para a atividade de inteligência militar brasileira nos dias atuais, lições para o Brasil e, por extensão, para outras nações.

Os objetivos específicos, a partir da análise de um recorte em cada esfera do planejamento militar (estratégico, operacional e tático), são: identificar exemplos pontuais, de

⁸ A Operação Sutton foi uma das Operações em proveito da Operação Corporate, a qual por sua vez foi a principal Operação executada pela *task force* e cujo objetivo era a reconquista das Malvinas, das Geórgias do Sul e das Sandwich do Sul (ESBRY, 2016, p. 11).

equivocos ou acertos da Argentina e do Reino Unido, quanto ao desempenho da atividade de inteligência na **opção pela Operação Rosário**, em relação ao **desembarque anfíbio britânico em Puerto San Carlos** e no que diz respeito ao **afundamento do cruzador ARA Belgrano**.

Estabeleceu-se o seguinte **problema central**: Por que houve falhas de inteligência da Argentina na Guerra das Malvinas? Com base na análise dos eventos estratificados em três níveis, procura-se interpretar o caso argentino.

Busca-se testar a seguinte **hipótese**: os eventos relacionados à atividade de inteligência militar durante a Guerra das Malvinas podem ser analisados à luz das doutrinas em vigor no âmbito do Ministério da Defesa e no Exército Brasileiro, e até mesmo da doutrina estadunidense, a fim de se ratificar e sistematizar lições aprendidas a respeito do emprego da Função de Combate Inteligência.

Em termos acadêmicos, a pesquisa justifica-se porque existe apenas um estudo sistemático sobre o desempenho específico da inteligência argentina na guerra, produzido por um oficial aluno do Curso de Comando e Estado-Maior da ECEME: Bastos (1992). Existem trabalhos que abordam a inteligência do Reino Unido naquela guerra. São exemplos neste sentido: uma análise do britânico Lawrence Freedman (1986) e outra do oficial do exército argentino Gabriel Alejandro Esbry (2016).

Ainda que já tenha transcorrido 37 anos do conflito, a Guerra das Malvinas opôs uma nação do que hoje é conhecido como sul global e outra do hemisfério norte, detentora de reconhecida tradição marítima e signatária da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

A Guerra das Malvinas ratificou que o Atlântico Sul segue sendo uma região de elevada relevância estratégica. Por ter ensejado combates em terra, no mar e no ar, a Guerra das Malvinas possui vasto repertório para análise do desempenho não apenas da inteligência, mas, também, das demais funções de combate.

A distância do Reino Unido em relação às Malvinas é, em certa medida, exemplo dos custos que podem advir da projeção de poder, bem como do *“the stopping power of water”* (“poder parador das águas”), aspectos estes que dialogam com conceitos de Mearsheimer (2001) e seu “realismo ofensivo”;

O afundamento do Belgrano é o único caso de um navio de guerra torpedeado e afundado em ação por um submarino nuclear, e um dos dois únicos casos de um navio de guerra afundado por qualquer tipo de submarino desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

Sob o ponto de vista de Inteligência Militar, a Guerra das Malvinas ensejou Operações de Desinformação (precedendo ao desembarque britânico em *Puerto San Carlos*), Anti-Acesso (*Anti Acces* ou A2) e Negação de Área (*Area Denial* ou AD) pelos argentinos, a fim de tentar condicionar o Reino Unido a rever sua posição de manter a *task force* no Atlântico Sul.

Em termos sociais, o exame do caso argentino na Guerra das Malvinas pode contribuir para sistematizar lições aprendidas e, eventualmente, para uma compreensão mais adequada dos limites e possibilidades de uso das capacidades de inteligência em diferentes contextos.

Não é objetivo desta pesquisa a análise dos equívocos à luz da doutrina de inteligência da Argentina daquele período – final dos anos 1970 e começo da década de 1980. O Informe Rattenbach CAERCAS (ARGENTINA, 1982), cumpre este papel. A análise dos recortes contemplados neste trabalho objetiva extrair ensinamentos que sejam úteis para as forças armadas e para a comunidade de inteligência do Brasil nos dias de hoje. Logo, os eventos são contrastados com a atual doutrina em vigor no âmbito do Exército Brasileiro, no Ministério da Defesa e, por vezes, na doutrina estadunidense, a qual, inegavelmente, é um dos modelos adotados por outras nações.

Trata-se de pesquisa observacional de tipo qualitativa, baseada em três estudos de caso (a decisão Argentina de ir à guerra, o desembarque anfíbio britânico em Puerto San Carlos e o afundamento do ARA Belgrano) teoricamente orientados. Para a construção do modelo teórico, foram revisados os corpos de literatura referentes ao papel da inteligência na guerra e na paz, ao papel da esfera operacional no planejamento de guerra, bem como sobre processos de tomada de decisão em ambientes de incerteza, atrito e incompletude informacional.

A pesquisa contempla a análise de fontes primárias (Comisión de Análisis y Evaluación de las Responsabilidades del Conflicto del Atlántico Sur – CAERCAS - Informe Final, também conhecido como Informe Rattenbach, documento oficial do governo da Argentina; e depoimentos de militares argentinos e britânicos veteranos da guerra das Malvinas). Analisa, ainda, fontes secundárias: artigos, livros, manuais militares (do Exército Brasileiro, do Ministério da Defesa do Brasil, e dos EUA).

O referencial teórico que inspirou a pesquisa é o de falhas de inteligência e de surpresas estratégicas, da norte-americana Roberta de Wohlstetter, cuja origem é de 1962, quando a autora publicou *Pearl Harbor: Warning and Decision*, com a finalidade de analisar os eventos que cercaram o ataque surpresa japonês à base estadunidense no Pacífico em 1941.

A análise de Wohlstetter (1962) aponta que boa parte do tráfego de dados das forças armadas e da diplomacia japonesa eram insumo corrente para os analistas dos EUA nos meses

que antecederam ao ataque. Como os analistas viam o ataque como improvável, mesmo tendo acessado os dados foram surpreendidos.

Segundo Wohlstetter (1962), a dificuldade consiste em interpretar os dados e separar os sinais (*signals*) dos ruídos (*noises*). Um grande volume de dados, segundo a autora, traz consigo um grande volume de ruídos, aquilo que não serve para a produção das análises consistentes que o nível estratégico usualmente requer. Há que ter a capacidade de separar o fundamental do supérfluo.

Em sua análise, Wohlstetter (1962) alerta que olhando para trás a configuração da ameaça fica muito mais nítida, haja vista que o evento já se consolidou. Porém, se realizamos uma sequência tal qual a que os analistas realizaram dentro do contexto original, a imagem resultante, na maioria das vezes, não é idêntica ao que de fato ocorreu. Quando analisamos algo que já foi finalizado, estamos com convicções e certezas que não seriam tão claras no momento real dos acontecimentos. Os dados que sinalizavam os eventos de Pearl Harbor estavam sempre acompanhados de “ruídos” que indicavam o oposto, em total contradição com o desenlace que teve o ataque.

Wohlstetter (1962) sustenta que todas as peças que configuravam o desastre e a surpresa em Pearl Harbor estavam de posse de analistas dos EUA, espalhados em diversos organismos que faziam parte do sistema de inteligência naquele momento. O elevado número de “ruídos” impediu a percepção dos “sinais”.

Se nossos sistemas de inteligência e todos os outros canais de informação falharam em produzir uma imagem precisa das intenções e capacidades japonesas, não foi por falta dos materiais relevantes. Nunca antes tivemos uma imagem de inteligência do inimigo tão completa (WOHLSTETTER, 1962, p. 382).

Faltou, segundo Wohlstetter, um órgão centralizador e coordenador da inteligência, a fim de permitir que o conjunto de dados relevantes fosse processado e o resultado tivesse condições de fornecer uma visão ampla e global, e não parcial dos fatos.

Quanto à surpresa do ataque, Wohlstetter menciona que “a possibilidade de tal surpresa a qualquer momento reside nas condições da percepção humana e decorre de incertezas tão básicas que provavelmente não serão eliminadas, embora possam ser reduzidas” (WOHLSTETTER, 1962, p. 397).

A autora estadunidense aborda, ainda, questões como: operações de *deception* japonesas a fim de iludir a inteligência dos EUA; excessivo sigilo dos dados, onde algumas frações eram apenas visualizadas e, ainda assim, por um pequeno número de analistas, o que inviabilizava percepções e abordagens diferentes em relação aos “sinais”; saturação e desgaste

do sistema de processamento de dados em função do excessivo tráfego de “ruídos”; e, crença excessiva na superioridade estadunidense.

Falhas de inteligência podem decorrer do uso equivocado dos conhecimentos recebidos, do erro de compreensão dos dados que chegaram aos decisores ou, ainda, do fato de o usuário do conhecimento optar por ignorar o seu conteúdo, quando então se configura falha no nível político.

A decisão argentina de ir à guerra e o acionamento das funções de combate, com enfoque na inteligência, estão intrinsicamente ligados. Os trabalhos da função de combate inteligência se apoiam na metodologia que contempla, dentre outros componentes, o ciclo de inteligência. No ciclo estão atividades como a definição da ameaça e o estabelecimento das diretrizes a respeito das atividades (orientação), a coleta de dados (obtenção), o processamento e a análise (produção) e a disseminação (difusão). Todas estas tarefas, bem como a guerra em si, foram objeto da revisão da literatura sobre o tema.

A revisão da literatura seguiu uma hierarquização onde as fontes primárias (Informe Final da CAERCAS, também conhecido como Informe Rattenbach, e depoimentos de veteranos da guerra) foi o ponto de partida. Em seguida, a obra de um Oficial-General brasileiro (Duarte, 1986) cuja ênfase é a importância estratégica do Atlântico. A seguir, as obras que tratam da guerra completa. O ciclo da inteligência e conceitos da atividade de inteligência encerram a revisão daquelas obras (sobretudo os manuais militares do Ministério da Defesa do Brasil e do Exército Brasileiro, bem como a doutrina dos EUA) que oferecem suporte ao entendimento dos fatos como um todo, bem como anunciam a terminologia aplicada ao longo da pesquisa.

Finalmente, foi revisada a literatura que está diretamente relacionada com cada esfera do planejamento que serão objeto dos estudos de caso: estratégico, operacional e tático. Foram acessados textos que fornecem subsídios para uma análise e compreensão das decisões argentinas, as quais buscavam o êxito, mas que nem sempre foram tão efetivas neste sentido.

A principal fonte primária adotada é o Informe Rattenbach, resultado do trabalho de uma comissão criada em 1982 para analisar o desempenho argentino na guerra das Malvinas, e cujo produto foi entregue à Junta de Governo em dezembro daquele ano, abordando, dentre outros aspectos, a uma avaliação e análise crítica da Inteligência da Argentina naquela guerra. Somente em 10 de abril de 2012, decorridos trinta anos, o Informe Final da CAERCAS (ARGENTINA, 1982), também conhecido como Informe Rattenbach, foi desclassificado pelo

Governo da Argentina, ocasião em que seu teor integral foi disponibilizado na página da Casa Rosada (página oficial da Presidência da República da Argentina)⁹.

Ainda dentro das fontes primárias, foram analisados depoimentos de veteranos de guerra argentinos e britânicos que participaram daquela conflagração. A análise foi possível a partir de vídeos (documentários e entrevistas, em sua maioria) disponíveis nas fontes abertas, ou seja, sem restrição no que diz respeito à sigilo dos dados.

Estruturado em cinco partes (Introdução, Antecedentes do Conflito, Avaliação e Análise Crítica, Determinação das Responsabilidades e Experiências/Ensinaamentos), o Informe Final da CAERCAS (ARGENTINA, 1982) é subdividido em quinze capítulos e contempla títulos e subtítulos que abarcam 890 parágrafos¹⁰.

Com a intenção de legar para as gerações vindouras os ensinamentos, o Informe não se furta em mencionar, por vezes individualmente, os responsáveis pelas falhas ocorridas, não se atendo apenas ao segmento militar, mas também às esferas políticas e de Governo, inclusive no que diz respeito ao Ministério das Relações Exteriores da Argentina.

O detalhamento dos eventos, na maioria das vezes de maneira didática, trouxe à luz, ainda que somente depois de decorridos trinta anos da Guerra das Malvinas, dados que a nação argentina já conjecturava, sobretudo no que diz respeito a ter sido, por parte da Junta de Governo, uma aventura militar a tentativa de retomada das ilhas, da forma como foi conduzida.

A pesquisa detalha as falhas argentinas, do ponto de vista de aplicação da metodologia para a produção de inteligência, identificando quais as etapas do chamado ciclo de inteligência (requerimentos informacionais, planejamento, gerenciamento dos meios técnicos, coleta a partir de fontes singulares, processamento, análise das informações, produção de relatórios, disseminação, consumo e avaliação) (CEPIK, 2003) eventualmente tenham sido negligenciadas em cada esfera, para os casos estudados.

⁹ No endereço eletrônico <https://www.casarosada.gob.ar/informacion/archivo/25773-informe-rattenbach> pode ser acessado o teor completo do informe Rattenbach.

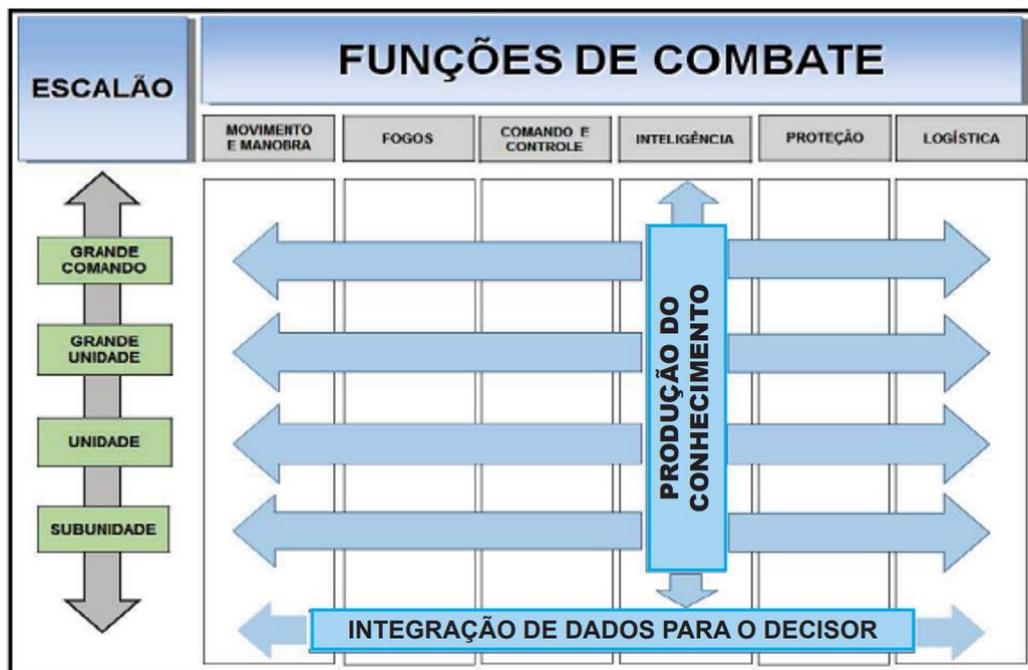
¹⁰ Há diversas formas de apresentação do informe Rattenbach em páginas web. Tal constatação dificulta sobremaneira que as citações e notas de rodapé tomem como referência as folhas do documento onde se encontram os trechos mencionados na presente dissertação. As referências feitas ao Informe Rattenbach ao longo desta pesquisa terão como parâmetro a indicação dos parágrafos, a fim de permitir que todos quantos consultem qualquer dos formatos daquela relevante fonte primária, possam ter segurança que estarão manuseando o trecho que se quis, de fato, referenciar.

1.2 FUNÇÕES DE COMBATE E INTELIGÊNCIA MILITAR

Conforme o manual EB 70-MC-10.341 (BRASIL, 2016b), uma função de combate é um conjunto relativamente homogêneo de atividades e tarefas afins, que atendem a uma finalidade comum. As funções de combate são 6: Comando e Controle, Movimento e Manobra, Fogos, Logística, Proteção e **Inteligência**.

De acordo com o manual EB 20 MF-10.107 (BRASIL, 2015), a Inteligência, uma das seis Funções de Combate, possui uma abrangência que alcança as demais, as quais são diretamente impactadas ou estão relacionadas com os produtos da Inteligência. A Função de Combate Inteligência é o conjunto de atividades e sistemas empregados para assegurar a compreensão sobre o ambiente operacional, as ameaças (atuais e potenciais), os oponentes, o terreno e as Considerações Cíveis.

Figura 2 - Interação da Função de Combate Inteligência com as demais Funções



Fonte: Brasil (2016b).

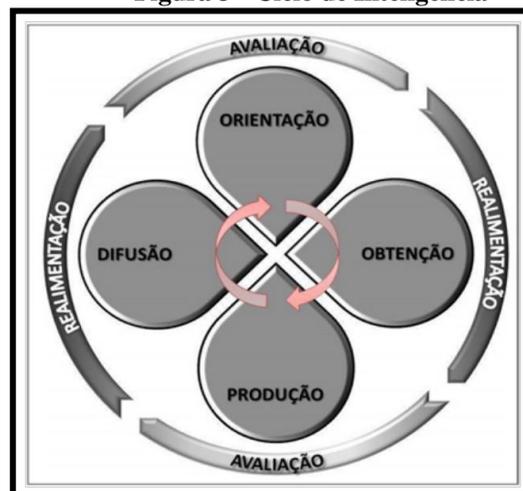
A Inteligência Militar é o conjunto de atividades e tarefas técnico-militares exercidas em caráter permanente, com os objetivos de produzir conhecimentos (Inteligência) de interesse dos comandantes e seus estados-maiores, em todos os níveis, bem como proteger

(Contraineligência) conhecimentos sensíveis, instalações e pessoal contra ações da Inteligência oponente.

Conforme preconiza o manual EB 20 MF-10.107 (BRASIL, 2015), é a busca permanente pela redução do grau de incerteza existente nos diversos ambientes operacionais. Para isso, são fundamentais a análise e a integração dos dados obtidos pelos diversos sensores.

A fim de conferir credibilidade aos produtos gerados, a metodologia para a produção do conhecimento preconiza uma sequência de atividades, denominada Ciclo de Inteligência, segundo a qual os dados são obtidos e os conhecimentos são produzidos e colocados à disposição dos usuários de forma racional. Este faseamento é cíclico, compreendendo a orientação, a obtenção, a produção e a difusão para o comandante e seu estado-maior e para outros decisores.

Figura 3 - Ciclo de Inteligência



Fonte: Brasil (2015).

Na fase de **orientação**, são definidas as ameaças e estabelecidas as diretrizes para o planejamento e a execução das atividades e tarefas relacionadas à Inteligência. Sucedendo a orientação, a próxima fase é onde são obtidos (daí a denominação de fase de **obtenção**) dados, informações e conhecimentos que servirão de matéria prima para a etapa da produção, por meio do planejamento e emprego de meios, especializados ou não, seja pessoal ou material, os quais são as chamadas fontes de dados, que podem ser abertas ou protegidas¹¹.

¹¹ São abertas quando seus dados se encontram amplamente disponíveis, sem restrições significativas e são obtidos por intermédio da coleta, ou seja, não enseja o emprego de pessoal ou material especializado. As fontes protegidas são aquelas cujos dados não estão disponíveis a qualquer pessoa, normalmente necessitando de técnicas apropriadas para que se tenha acesso a eles.

Após a obtenção, tem início a fase de **produção**, onde os dados, informações e conhecimentos obtidos são convertidos em novos conhecimentos de Inteligência, para responder às necessidades dos usuários. O resultado da produção enseja a divulgação dos conhecimentos resultantes para o comandante, órgão, ou escalão que o solicitou e, ainda, mediante ordem, para quem tal conhecimento possa interessar ou ser útil. É a fase de **difusão**.

A Inteligência Militar emprega seus meios para atender às necessidades de conhecimento nos níveis **estratégico, operacional e tático**.

No nível **Estratégico** tem como foco a produção e a salvaguarda de conhecimentos requeridos para a formulação de avaliações estratégicas que consubstanciarão as políticas e os planos militares no mais alto nível, orientados para os Objetivos Nacionais (o capítulo 2 desta pesquisa menciona um Objetivo Nacional Permanente argentino de retomar as Malvinas, o qual consta da Constituição Federal em vigor na Argentina). Conforme o manual EB 20 MF-10.107 (BRASIL, 2015), o levantamento permanente de informações sobre as capacidades dos países de interesse, e a sua posterior análise, constituem atribuições prioritárias.

Quanto ao nível **operacional**, a inteligência militar tem por finalidade a produção e a salvaguarda de conhecimentos requeridos para planejar, conduzir e sustentar operações militares, a fim de que sejam alcançados objetivos estratégicos. Abrange todos os fatores que condicionam o emprego conjunto de meios terrestres, navais e aéreos. No nível operacional, a Inteligência deve: colaborar na concepção, no planejamento e na condução das campanhas e das principais operações militares (como, por exemplo, as que são abordadas nesta pesquisa: Rosário, Algeciras, Corporate, Mikado, Sutton e Tornado), bem como obter conhecimento acerca do Ambiente Operacional (no caso da Guerra das Malvinas o ambiente operacional era o arquipélago propriamente dito e o Atlântico Sul) e das forças hostis presentes, ou que nele possam atuar. Seus produtos têm natureza estimativa, possibilitando emitir um juízo sobre a importância, intensidade e magnitude de uma ameaça real ou potencial, baseando-se no processamento, na análise e na integração dos dados (BRASIL, 2015).

No nível **tático**, a inteligência contribui para a consciência situacional do comandante operativo, pois permite o conhecimento do ambiente operacional e das ameaças presentes. Neste nível, cresce de importância o princípio da oportunidade¹², uma vez que as condições do ambiente operacional e do espaço de batalha se alteram muito rapidamente, obrigando o

¹² Segundo o manual EB 20 MF-10.107 (BRASIL, 2015), a inteligência possui 13 princípios básicos, sendo a oportunidade um deles, o qual preconiza que os conhecimentos devem ser produzidos em prazo que assegure sua utilização completa e adequada; não dispor de conhecimento oportuno enseja as ações e decisões baseadas em dados incompletos, proporcionando que a iniciativa e a eficácia nas operações sejam cedidas ao oponente. Além da oportunidade, os demais princípios básicos são: segurança, objetividade, controle, flexibilidade, clareza, amplitude, imparcialidade, integração, precisão, continuidade, relevância e predição.

comandante a reavaliar a situação militar frequentemente. É no nível **tático**, segundo o manual EB 20 MF-10.107 (BRASIL, 2015), que a inteligência deve: gerar conhecimentos e produtos capazes de apoiar diretamente o processo decisório dos comandantes táticos, no planejamento e na condução de operações militares, além de obter um detalhado conhecimento das unidades dos oponentes, das características técnicas de seus materiais, de seus métodos de atuação e doutrina de emprego, da personalidade de seus chefes político-militares e, finalmente, levantar as condições meteorológicas (o clima do inverno austral foi um dos fatores que favoreceu o desembarque britânico em Puerto San Carlos, uma vez que contribuiu para a redução da capacidade de emprego da Força Aérea e da Aviação Naval argentinas), as características do terreno e as considerações civis que possam impactar na condução das operações militares.

Pode-se inferir, analisando a ação da Argentina na Guerra Malvinas, que os três níveis da Inteligência Militar da nação sul-americana no conflito estão, sinteticamente, assim identificados: no nível Estratégico, atuando em prol de um dos Objetivos Nacionais, qual seja, recuperar o arquipélago no Atlântico Sul; no nível Operacional, o desencadeamento da Operação Rosário e das ações que se sucederam, ou seja, emprego de forças militares, sejam elas terrestres, aéreas ou navais; e no nível Tático, com a entrega de produtos úteis para os comandantes deste nível.

1.3 FALHAS DE INTELIGÊNCIA

A fim de evitar analisar segurança internacional pelo viés do realismo, esta pesquisa buscou teorias de pequeno e médio alcance, as quais tratam, também, de falhas de inteligência. Até mesmo para mensurarmos se as abordagens consagradas a respeito deste objeto de estudo são suficientes para explicar todos os tipos de falhas de inteligência.

Por vezes, a Inteligência cumpre o seu papel como sistema, mas por estar circunscrita em um ambiente de poder no âmbito do alto escalão decisório, acaba por ser influenciada no sentido de acomodar-se ante às limitações naturais que o personalismo do decisor estratégico impõe.

O *Informe Rattenbach* (ARGENTINA, 1982), em sua III Parte (Avaliação e Análise Crítica), destina um capítulo completo (VIII – As Causas da Derrota) para elencar as falhas cometidas durante o conflito no Atlântico Sul. São abordadas as falhas das esferas política, de planejamento, de condução e de oportunidade (as que estão relacionadas especificamente com a decisão de efetivamente ir à guerra e o período escolhido para tal). A CAERCAS destinou

52 parágrafos para abordar as falhas, chegando à conclusão de que a data da Operação Rosário, livremente escolhida pelo Governo argentino, beneficiou fundamentalmente o inimigo.

Segundo o *Informe Rattenbach* (ARGENTINA, 1982, parágrafo 677), outros fatores contribuíram para as falências apresentadas pela inteligência militar argentina na Guerra das Malvinas. No nível **tático**, por exemplo, não foi ativado um centro conjunto de operações nas ilhas, para centralizar e coordenar principalmente as ações de operações, logística e inteligência.

Por outro lado, no que diz respeito à contrainteligência¹³, a conclusão, também relacionada ao nível **tático**, é de que as tropas argentinas não empregaram uma medida de contrainteligência denominada segurança das comunicações¹⁴, onde se reduz o tráfego de mensagens ao mínimo necessário. A falta de disciplina na exploração¹⁵ das comunicações proporcionou dados relevantes à inteligência militar do inimigo (ARGENTINA, 1982, parágrafo 677).

A CAERCAS, na III Parte do Informe Rattenbach (ARGENTINA, 1982, parágrafo 688) atribui ao Comandante do Componente Exército das Malvinas (Agrupación Ejército Malvinas) dois equívocos, um deles com implicações no nível **tático** e outro com consequências no nível **operacional**. Foi rechaçado o assessoramento de cobrir com um volume maior de tropas a região de Puerto San Carlos, local onde efetivamente ocorreria o desembarque anfíbio britânico que permitiu ao Reino Unido avançar até Port Stanley. O mesmo comandante, refutou, também, o assessoramento para ocupar e estabelecer posições fortificadas nas alturas dominantes que unem Darwin e Goose Green (Darwin e Pradera del Ganso, na terminologia argentina) a Port Stanley. Dominar tais alturas, durante seu avanço, acelerou a chegada dos britânicos ao objetivo final, qual seja, a capital malvinense.

Em combate, os topos das maiores elevações de um teatro de operações, assim como outros pontos que oferecem vantagem a quem os conquiste, recebem a denominação militar

¹³ Segundo o Manual de Campanha EB20-MF-10.107 – Fundamentos de Inteligência Militar Terrestre (BRASIL, 2015), em seu item 5.3: A Contrainteligência (C Intlg) é o ramo voltado para a prevenção, detecção, obstrução e neutralização da atuação da Inteligência adversa e das ações de qualquer natureza que possam se constituir em ameaças à salvaguarda de dados, informações, conhecimentos e seus suportes, tais como documentos, áreas, instalações, pessoal, materiais e meios de tecnologia da informação.

¹⁴ O manual de campanha C 11-1 Emprego das Comunicações” (BRASIL, 1997) menciona, em seu item 5-15: SEGURANÇA DAS COMUNICAÇÕES. a. Generalidades (1) A Segurança das Comunicações consiste na proteção resultante de todas as medidas postas em execução para impedir ou retardar a obtenção, por pessoas não autorizadas, de informes ou mesmo informações, de valor militar, que tem como origem as comunicações.

¹⁵ O manual de campanha C 24-50 Segurança das Comunicações (BRASIL, 1978) menciona, em seu item 4. A definição, no âmbito do Exército Brasileiro, do que é a segurança da exploração: são todas as medidas postas em prática nos nossos sistemas de comunicações para impedir ou dificultar ao inimigo a obtenção de informes por interceptação ou análise do tráfego e a realização de intromissão por imitação.

de acidentes capitais. Segundo o Manual de Campanha EB 70-MC-10.307, Planejamento e Emprego da Inteligência Militar (BRASIL, 2016c), em seu item 7.4.4 - Acidentes Capitais:

7.4.4.1 Acidente capital é qualquer acidente do terreno ou área cuja conquista, manutenção ou controle proporcione acentuada vantagem a qualquer das forças oponentes. 7.4.4.2 Os acidentes capitais são determinados em função da missão e dos aspectos do terreno analisados anteriormente. Para isso, identificam-se os acidentes do terreno que, quando controlados, proporcionem acentuada vantagem a qualquer das forças oponentes. Estes acidentes capitais, conforme o estudo de situação, poderão se transformar em objetivos. [...] 7.4.4.4 Os acidentes capitais podem ser marcados no calco das vias de acesso, sendo designados por letras maiúsculas dentro de um círculo e citados dos mais próximos para os mais afastados, da esquerda para direita (considerar a observação de frente para o inimigo).

A CAERCAS (ARGENTINA, 1982, parágrafos 715-716) avaliou, também, o desempenho da inteligência **estratégica nacional** da Argentina. Segundo o Informe Rattenbach, era recente a estruturação do Sistema Nacional de Inteligência (SIN), organismo que acabara de difundir o Plano de Inteligência Estratégica Nacional (PIEN).

Uma das bases fundamentais para a elaboração do PIEN foi o “*Informe sobre conflitos*”, difundido pela Secretaria Geral da Central Nacional de Inteligência (CNI). Composta por integrantes da atividade de inteligência das forças armadas, das forças policiais, das forças de segurança, e dos organismos nacionais, a CNI atribuiu a tarefa de produzir o “Informe sobre conflitos” para seu órgão executivo, a sua Secretaria Geral (ARGENTINA, 1982, parágrafo 715-716).

O “*Informe sobre conflitos*” concluía que, sobre a questão das Malvinas, entre a Argentina e o Reino Unido, que se tratava de conflito grave, vigente, e que se configurava em uma Hipótese de Guerra a curto prazo. Tal assertiva ensejou a determinação de tarefas a desenvolver, no contexto de um quadro temporal cujos prazos finais eram para 1982 e 1983. Logo, as necessidades de Inteligência (NI)¹⁶ seriam levantadas somente após decorridos estes prazos (ARGENTINA, 1982, parágrafo 715-716).

¹⁶ Segundo o Manual do Ministério da Defesa do Brasil, MD 30-M-01 (BRASIL, 2011): “1.6.1 Todos os níveis decisórios necessitam do trabalho da Atividade de Inteligência para minimizar ou eliminar as incertezas que envolvem qualquer processo de tomada de decisão. Dentro desse escopo, os tomadores de decisão e suas respectivas assessorias precisam estabelecer, imperiosamente, qual a abrangência e as prioridades dos requisitos de conhecimentos ou de informações necessários para o devido embasamento a esse processo. Esse é o fundamento mais criterioso que deve ser observado, sob pena do desperdício de meios e de tempo. 1.6.2 No ambiente operacional, mesmo antes do engajamento de forças, os Comandantes necessitarão de respostas às suas indagações para planejar e conduzir operações com sucesso. Algumas respostas são cruciais para a tomada de decisão. Por isso, os Comandantes precisam priorizar as suas necessidades perante a Inteligência, dentre as quais incluem-se os Elementos Essenciais de Inteligência (EEI) como os mais críticos para um Comandante em determinados momentos.” (BRASIL, 2011, p. 12)

Ainda dentro da etapa do planejamento da inteligência **estratégica** o cenário foi deliberadamente alterado pela Junta de Governo ao optar pela materialização da Hipótese de Guerra para a recuperação das ilhas a partir da Operação Rosário (ANDERSON, 1982, p. 16), desencadeada em 2 de abril de 1982.

A CNI teve que adaptar as estruturas do PIEN à realidade que se passava a vivenciar a partir daquele momento. Ato contínuo, produziu três apreciações de inteligência **estratégica** nacional, as quais apresentavam falhas no que diz respeito à avaliação dos meios do oponente e da probabilidade de o Reino Unido efetivamente partir para o Atlântico Sul. Os juízos e premissas que sustentaram as conclusões da CNI nem sempre foram estabelecidos em bases sólidas (ARGENTINA, 1982, parágrafos 715-716).

Quanto ao Ciclo de Inteligência, a CAERCAS entendeu que a etapa da orientação foi adequada. Já a obtenção foi considerada relativamente adequada. No que diz respeito à produção, a Comissão entendeu que não ocorreu de maneira a atender as demandas do momento, principalmente por ter entregado dados do nível estratégico que não tiveram utilidade para aquele contexto (ARGENTINA, 1982, parágrafos 715-716).

Os maiores problemas da **inteligência estratégica nacional**, no que diz respeito às etapas do Ciclo de Inteligência, ocorreram na difusão e na consequente utilização. Um deles foi a falta de *know-how* – o SNI era um ente recém-criado e que não teve tempo para passar da teoria à prática. Tendo em sua configuração diversos serviços de inteligência como integrantes, o SNI enfrentou um grave problema que inviabiliza o adequado cumprimento de qualquer missão: falta de coordenação. Outro aspecto que comprometeu a **inteligência estratégica nacional** foi o fato de que seus organismos componentes produziram conhecimentos de forma isolada, que atendiam demandas específicas e pontuais de cada órgão, não logrando produção relevante de conhecimentos em proveito do todo (ARGENTINA, 1982, parágrafos 715-716).

Nos parágrafos 717 a 720, a CAERCAS (ARGENTINA, 1982), ao avaliar o desempenho da **inteligência estratégica militar** na Guerra das Malvinas menciona que os chefes dos escalões de inteligência de cada força singular (exército, marinha e força aérea) não escaparam do “segredo”. O oficial de inteligência do estado-maior do exército argentino, por exemplo, foi alertado, em viagem oficial aos Estados Unidos, somente às vésperas do início da Operação Rosário.

A **inteligência estratégica militar** enfrentou problemas relacionados à falta de coordenação, o que resultou em sobreposição de emprego dos meios de obtenção. Além disto,

foi utilizado um volume excessivo de dados, desatualizados e irrelevantes em sua maior parte (ARGENTINA, 1982, parágrafos 717 a 720).

As principais conclusões da CAERCAS a respeito da **inteligência estratégica militar** foram as seguintes: houve a necessidade de trâmites pessoais para resolver problemas de estrutura do sistema; devido à escassez de dados fidedignos, os produtos entregues tiveram que se apoiar excessivamente em premissas concebidas fora da metodologia; ocorreu excessiva compartimentação, devido à falta de prática conjunta; os dados disponíveis possuíam baixos graus de credibilidade quanto à julgamento da fonte e do conteúdo¹⁷; “reciclagem” dos dados entre os organismos, o que gerava uma “recirculação”, induzindo a uma aparente confirmação de dados que, em realidade, não existia; apoio em fontes influenciadas pelo inimigo (ARGENTINA, 1982, parágrafos 717 a 720).

Na análise da **inteligência operacional**, a qual se configurou no Teatro de Operações pelos componentes militares do exército, da força aérea e da marinha, a CAERCAS concluiu que as falências mencionadas no tocante a inteligência estratégica militar impactou, na mesma medida, a parte operativa. A Comissão registrou, também, que os escalões enquadrantes de cada uma das forças singulares entregou dados absolutamente insuficientes para suas respectivas forças componentes da Guarnição Militar das Malvinas (ARGENTINA, 1982, parágrafos 721 e 722).

A CAERCAS fez questão de deixar registrado que a contrainteligência foi negligenciada pela **inteligência operacional** argentina, antes e durante a Guerra das Malvinas. Ao não dar a devida atenção à proteção dos dados que deviam ser mantidos longe do alcance do inimigo, as forças argentinas permitiram ao Reino Unido obter conhecimentos sensíveis que se revelaram de grande valor para as intenções britânicas (ARGENTINA, 1982, parágrafo 722).

¹⁷ A metodologia para a produção do conhecimento de inteligência preconiza que seja empregada a Técnica de Avaliação de Dados para aferir a credibilidade da fonte e do conteúdo que irá constar de um produto de inteligência. Quanto à fonte, os parâmetros utilizados pela doutrina são autenticidade, confiabilidade e competência. No caso do conteúdo, há que se verificar se é coerente, compatível e confirmado por outras fontes de dados. O resultado da avaliação se traduz em um código alfanumérico onde a fonte varia de “A” até “F”, e o conteúdo de “1” a “6”. As fontes de maior credibilidade são as “A” e “B”, “inteiramente idônea” e “normalmente idônea”, respectivamente, e os dados de maior valor recebem avaliação “1” ou “2”, “confirmado por outras fontes” e “provavelmente verdadeiro”, respectivamente.

1.4 SÍNTESE DOS CAPÍTULOS

Este trabalho está configurado em seis capítulos. A **introdução** apresenta a estrutura da pesquisa, define o que são a função de combate inteligência e a atividade de inteligência militar e possui uma seção que contextualiza o que são falhas de inteligência.

O **capítulo dois** contempla o contexto histórico que cerca a questão das Malvinas e introduz fatores adicionais: os papéis da inteligência militar argentina no combate à subversão e na guerra convencional no período de 1976 a 1983; a ativação de um teatro de operações naval nas Malvinas; a crença na neutralidade dos EUA e a ainda pouco abordada ajuda soviética à Argentina.

Com uma abordagem focada no nível estratégico, o **capítulo três** aborda os aspectos que cercaram a decisão argentina de desencadear a Operação Rosário em 2 de abril de 1982, antecipando em 45 dias a data tida como a melhor oportunidade. Contempla, também, a frustrada tentativa de realizar uma ação contra vasos britânicos em Gibraltar.

No **capítulo quatro** ocorre a abordagem do nível operacional, onde a análise recai sobre os eventos relacionados ao desembarque anfíbio britânico para o estabelecimento de uma cabeça-de-praia em *Puerto San Carlos*. É analisado, concomitantemente, o desencadeamento de uma operação de desinformação britânica em apoio ao desembarque anfíbio.

A perda do ARA Belgrano é o tema do **capítulo cinco**, cujo enfoque é o nível tático da Guerra das Malvinas. São verificadas as ações de argentinos e britânicos que culminaram com o afundamento do vaso fora da zona de exclusão traçada pelo Reino Unido.

O **capítulo seis** apresenta as conclusões do trabalho, indicando a corroboração da hipótese, bem como lições aprendidas. Apresenta, ainda, uma breve agenda de pesquisa a respeito da temática.

2 CONTEXTO E FATORES ADICIONAIS

A constituição federal vigente na Argentina, modificada pela última vez em 1994, menciona, em suas disposições transitórias:

La Nación **Argentina ratifica su legítima e imprescriptible soberanía** sobre las islas **Malvinas, Georgias del Sur y Sandwich del Sur** y los espacios marítimos e insulares correspondientes, por ser parte integrante del territorio nacional. La **recuperación de dichos territorios** y el ejercicio pleno de la soberanía, respetando el modo de vida de sus habitantes, y conforme a los principios del Derecho Internacional, constituyen un objetivo permanente e irrenunciable del pueblo argentino (ARGENTINA, 1994, grifo nosso).

2.1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS

A título de ambientação e contextualização, os parágrafos seguintes trazem um breve histórico sobre o controle das ilhas até o início da conflagração do final do século XX.

Distantes cerca de 500 km da costa da Argentina, as Ilhas Malvinas foram objeto de disputa entre a Inglaterra, a França e a Espanha, desde 1690. A partir de 1774, a Espanha se impõe como única potência no arquipélago.

Com a independência argentina, em 1810, a disputa ficou entre a Inglaterra e a nação sul-americana, que reivindicava os direitos espanhóis sobre a área, haja vista que em um tratado de 1825 os britânicos não objetaram a reclamatória de posse argentina, que já vinha de 1820.

No ano de 1829 a Argentina nomeou uma comandância militar para as ilhas e, em 1833, o Reino Unido teria expulsado o pequeno governo argentino da região e tomado a soberania das Malvinas.

A partir de então, as negociações seguiram predominantemente a via diplomática, intensificando-se tal procedimento a partir da criação da Organização das Nações Unidas (ONU), o que em certa medida contribuiu para o entendimento, pela comunidade internacional, de que a solução sobre o que os argentinos chamam de descolonização de fato ocorreria de forma pacífica.

Em 19 de Março de 1982 ocorreu o evento que ficou conhecido como “incidente das ilhas Geórgias do Sul”, quando um grupo de trabalhadores argentinos que tinha a tarefa de desmontar uma estação baleeira içou a bandeira do país naquele território insular, desencadeando protestos britânicos.

O dia 30 de março de 1982 marca o início de uma série de protestos contra o governo militar argentino. Crise econômica, elevadas taxas de desemprego, e acentuada queda na avaliação do desempenho do governo, foram alguns dos fatores que levou a população às ruas para protestar, como ainda não havia ocorrido desde o início daquele período, em 1976. Em certa medida, este ambiente pressionava a junta de governo a buscar reverter o quadro de crise que começava a dar sinais de término de um ciclo na história política da Argentina.

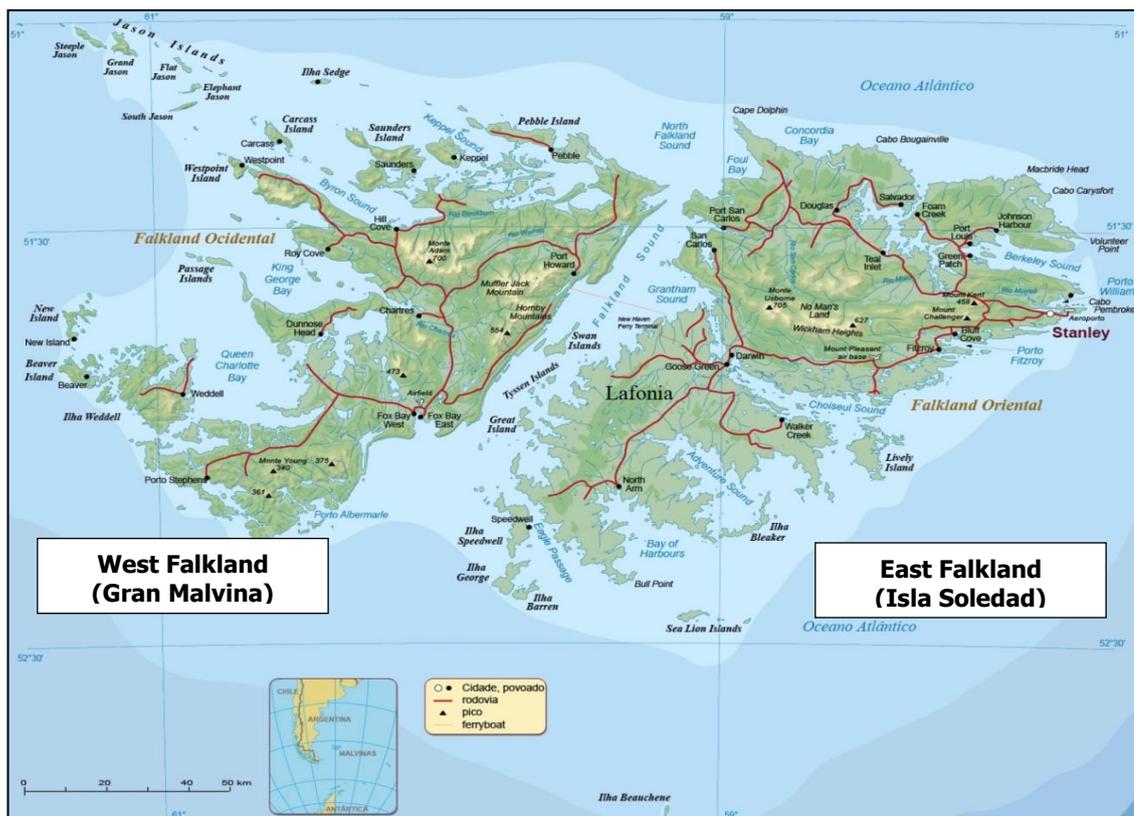
No início de abril de 1982 a Argentina desencadeou a Operação Militar Rosário, com a finalidade de retomar a posse das Malvinas. Como resposta à ação dos argentinos, o Reino Unido deu início à Operação Militar Corporate (ESBRY, 2016, p. 11), enviando uma *task force* ao Atlântico Sul, objetivando reconquistar as ilhas Malvinas, Geórgias do Sul e Sandwich do Sul.

A junta militar argentina assumiu como definitivo que após a ocupação das ilhas, o Reino Unido se dedicaria a tratativas diplomáticas para resolver a questão, porém, a surpresa¹, que é um dos princípios de guerra, foi obtida pelos britânicos a partir do envio da *task force* ao Atlântico Sul, cobrindo uma distância de quase 13 mil quilômetros, hipótese que parece não ter sido tomada em consideração no planejamento da Argentina, ou seja, se mostrou completamente inesperada.

A tropa britânica empregada no Atlântico Sul era de aproximadamente 28 mil combatentes e, daquele total, o Reino Unido desembarcou 5,5 mil militares, efetivo que era menos da metade do que os 12 mil argentinos que lutaram no conflito (enquanto muitos dos argentinos eram conscritos, a tropa britânica possui bom nível de adestramento).

¹ A surpresa é um dos 12 denominados Princípios de Guerra (Surpresa, Objetivo, Ofensiva, Simplicidade, Segurança, Economia de Forças ou de Meios, Massa, Manobra, Moral, Exploração, Prontidão e Unidade de Comando). O MD 51-M-04, 2ª Edição, Doutrina Militar de Defesa (BRASIL, 2007a), assim define: Princípios de Guerra - são preceitos filosóficos decorrentes de estudos de campanhas militares ao longo da história e apresentam variações no espaço e no tempo; são pontos de referência que orientam e subsidiam os chefes militares no planejamento e na condução da guerra sem, no entanto, condicionar suas decisões. A mesma publicação define a Surpresa - princípio que consiste em golpear o adversário onde, quando ou de forma tal que ele não esteja preparado; o comandante que obtém o efeito da surpresa poderá alterar a seu favor, de forma decisiva, a correlação das forças em combate; esse princípio sugere que os esforços devam ser empreendidos de forma a surpreender o oponente e não ser surpreendido por ele; com o emprego da surpresa, poderão ser obtidos resultados superiores ao esforço despendido, compensando fatores desfavoráveis; a surpresa deverá ser buscada nos níveis estratégico, operacional e tático; manifesta-se pela originalidade, audácia nas ações, sigilo, despistamento, inovação tecnológica e, sobretudo, pela velocidade de execução das ações e dissimulação.

Figura 4 - Mapa das Malvinas



Fonte: Adaptado de Rivas e Cicalesí (2007)

2.2 COMBATE À SUBVERSÃO X GUERRA CONVENCIONAL

Em relação ao Sistema de Inteligência da Argentina, há que se considerar, a fim de contextualizar as falhas, que aquele país vinha, desde o início dos anos 1970, com sua Inteligência apontada na direção dos inimigos internos (*Montoneros* e *Ejército Revolucionário del Pueblo - ERP*) e, como tal, exercitava diuturnamente este tipo de doutrina, a qual não é missão precípua da inteligência militar.

A CAERCAS (ARGENTINA, 1982, parágrafo 718), ao avaliar como se desempenhou a inteligência estratégica militar argentina na Guerra das Malvinas menciona claramente que *“La inteligencia de nivel elevado se debió hacer desde la paz, con visión hacia los probables enemigos. Para nuestra inteligencia militar, los enemigos de los últimos tiempos fueron Chile en el marco externo, y la subversión en el marco interno.”*

Seu denominado esforço de obtenção de dados, assim como a consequente entrega de produtos de inteligência, estava afastado de sua principal finalidade, qual seja, Inteligência de Operações Militares. Segundo Cavallini (1988, p. 204), os meios de inteligência argentinos, sobretudo no que diz respeito às fontes de sinais e humanas, estavam concentrados no

combate à subversão. Focados no ambiente interno, estavam prejudicados em relação ao cenário internacional.

Naquilo que se propunha o Governo argentino daquele período, a Inteligência empenhada em sua luta contra a subversão era exitosa, a ponto de exercer participação efetiva em evento similar na América Central (Armony, 1999, p. 34, 47 e 67- 68).

Porém, logo na sequência de tais eventos, a Junta Militar se engajou no conflito com os britânicos. Frentes completamente distintas, o que permite inferir que não houve uma transição de combate ao “Inimigo Interno”, para o “Inimigo Externo”. Se houve transição, o período foi demasiadamente exíguo e provavelmente contribuiu para a derrota nas Malvinas.

2.3 POTENCIAIS AMEAÇAS EM COMBATES TERRESTRES X COMBATE NO TEATRO DE OPERAÇÕES PREDOMINANTEMENTE NAVAL

Historicamente o adversário argentino era o Chile. Há que se considerar, ainda, que o Brasil, no contexto dos anos 1970/1980 também era potencial oponente da Argentina. Ambos os casos ensejavam emprego em combates iminentemente terrestres ou, quando muito, aéreo. O combate convencional latente para os argentinos era por Beagle, contra os chilenos. No período da Guerra das Malvinas, a Argentina, o Brasil e o Chile eram governados por militares. Na sequência da década de 1980 a Argentina se aproximaria, ainda que de formas distintas, dos dois países: aproximação civil, com o Chile, e militar, com o Brasil.

O Informe Rattenbach (ARGENTINA, 1982, parágrafos 579-581, grifo nosso) menciona que:

579. Dada la gravedad que implicaba el abrir un **segundo frente** de conflicto al recuperar los archipiélagos australes, la Junta Militar, por medio de la Comisión de trabajo, adoptó algunas previsiones al respecto.

580. Los hechos relacionados con esta problemática son los siguientes:

a. Previos a la ocupación de las Islas.

1) La comisión de Trabajo² señaló en sus documentos la necesidad de considerar la **posible participación de Chile** en el conflicto.

² No dia 12 de janeiro de 1982 a Junta de Governo da Argentina determinou a criação da denominada Comisión de Trabajo, composta por um oficial-general de cada Força Armada, para cumprir a missão de planejar o emprego do poder militar nas Malvinas. A tarefa foi executada sem que fossem consultados quaisquer órgãos que usualmente deveriam participar da planificação da materialização de uma hipótese de guerra. Sequer os Estado-Maior Conjunto foi consultado a respeito. Restrições, inclusive relacionadas ao fato de se tratar de acessar documentos classificados, contribuíram decisivamente para que o resultado do planejamento não saísse da maneira correta. As informações para realizar o planejamento do poder militar existiam, mas estavam de posse da Secretaria de Planejamento, uma vez que a hipótese de conflito com a Grã Bretanha se achava contemplada no Plan de Inteligencia Estratégica Nacional (ARGENTINA, 1982, parágrafos 113-116). Pelo menos **dois princípios básicos** da atividade de **inteligência não foram observados** neste caso: **amplitude e**

[...]

3) El Comandante del Teatro de Operaciones del Atlántico Sur lo tuvo en cuenta, el Comando Aéreo Estratégico, por su parte, asignó a la Fuerza Aérea Sur la responsabilidad de prever el conflicto austral y contemplar una **eventual reacción de Chile**, tal como lo muestra la expresión de la misión de dicha fuerza. También adoptaron sus previsiones los otros comandos estratégicos, especialmente el TOS y el CAD.

4) La capacidad británica más peligrosa enunciada por el Estado Mayor Conjunto expresaba: "Intentar la recuperación de las Islas mediante el empleo de una Fuerza de Tareas Naval (ídem a capacidad Nro. 1) coordinada y **simultáneamente con el ataque por parte de Chile** en el TOS y ANEA".

b. Ulteriores a la ocupación de las Islas. Ocupadas ya las islas por nuestras fuerzas, merecen destacarse los siguientes elementos de juicio:

[...]

3) **Chile ejecutó un despliegue** en su zona Sur (coincidente con nuestro TOS), reforzando sus efectivos.

5) Un **helicóptero de Gran Bretaña fue destruido**³ por su tripulación en las proximidades de **Punta Arenas**. Ulteriormente, fueron ubicados sus tripulantes, a quienes se evacuó a Gran Bretaña sin inconvenientes. Cabe destacar que su piloto fue recientemente condecorado por el Gobierno británico.

6) Existieron **constancias diversas referidas a la ayuda que Chile** proporcionaba a Gran Bretaña.

7) En las reuniones de la OEA y en la convocatoria del **TIAR, Chile votó por la abstención (junto con EE.UU., Colombia y Trinidad Tobago)**.

8) Los **movimientos de efectivos de las FF.AA. de Chile en el Sur afectaron el despliegue de parte de nuestras fuerzas** en el Teatro de Operaciones del Atlántico Sur y en el TOS (En la asignación de refuerzos de Ejército a las Islas Malvinas se asignó prioridad al dispositivo contra **Chile**, no enviándose por tal motivo los efectivos de las Brigadas I M VI y VIII).

[...]

581. Del análisis de los hechos mencionados precedentemente se desprenden las siguientes consideraciones:

a) Resulta evidente que el caso **Chile** merecía una especial consideración en cualquier circunstancia que contemplara el empleo del poder militar argentino, ya que **su acción creó incertidumbre respecto** de sus intenciones reales.

[...]

c) Al producirse la reacción británica de gran magnitud y al tomarse la decisión de enfrentarla, **debió cambiarse la concepción estratégica, hecho que no se produjo**. Es decir, puestos frente a todo el poderío de Gran Bretaña, ante el cual los propios medios eran escasos, **nuestra conducción se negó a abandonar la hipótesis de guerra en dos frentes**. Esta negativa produjo considerables complicaciones en la conducción de nuestro poder de combate, teniendo en cuenta que **la amenaza "Chile" aferró no pocas de nuestra fuerzas**.

d) En definitiva, **nuestra incapacidad para mantener una lucha simultánea en dos frentes, uno de ellos con Gran Bretaña, debió forzar a la junta militar a postergar el enfrentamiento con dicho país**, de acuerdo con lo planificado inicialmente, o bien, resolver antes diplomáticamente el conflicto en el oeste.

As Malvinas ensejaram combates em sua maioria navais (até o afundamento do Belgrano pelos britânicos) e aéreos (onde os argentinos obtiveram equilíbrio com os ingleses).

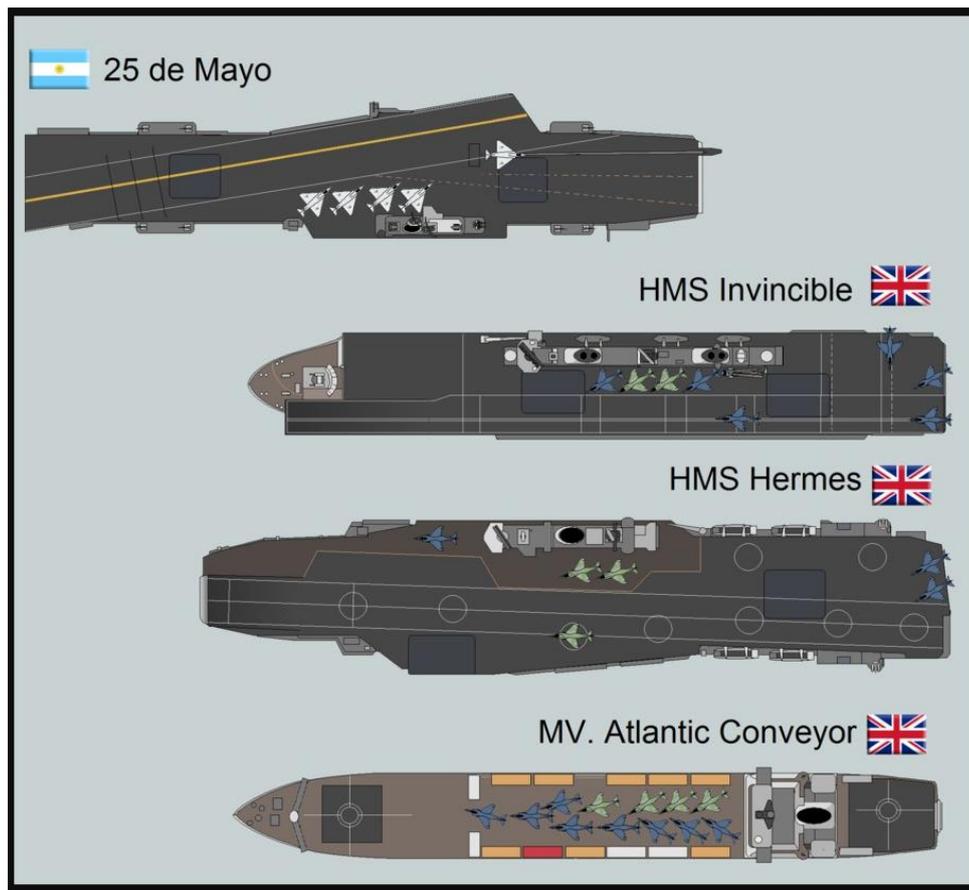
integração. Os dados de planejamento **não foram tão completos e abrangentes quanto possível**, e **tampouco contemplou** dados de **todas as fontes** disponíveis.

³ Uma das operações do Reino Unido em apoio à Operação Corporate (retomadas das ilhas) foi a Operação Mikado (ESBRY, 2016, p. 15). Contemplou o planejamento britânico para ameaçar as bases aéreas continentais da Argentina, notadamente San Julián, Río Gallegos e Río Grande, todas localizadas no extremo sul do país.

Propor um combate que seria essencialmente naval ou, pelo menos, minimamente terrestre, pode não ter sido a melhor opção contra um oponente com reconhecida tradição marítima. Em que pese que a Operação Rosário, de ocupação das ilhas pelos argentinos tenha sido uma surpresa imposta aos britânicos.

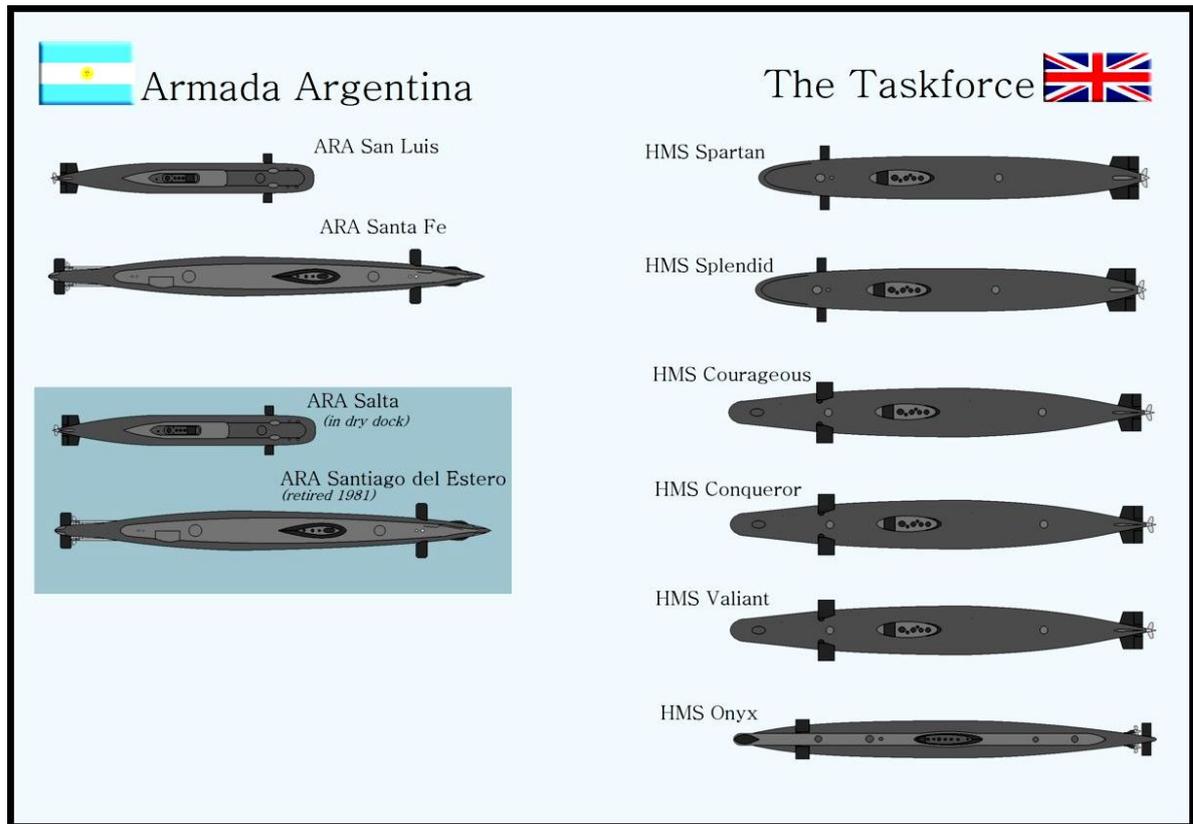
Na Guerra das Malvinas, em síntese, combates em terra foram mais recorrentes somente após o desembarque britânico em *San Carlos*. Até aquele momento (21 de maio de 1982), a guerra era predominantemente aeronaval. As figuras 5, 6 e 7 ilustram a disparidade de meios empregados pelos contendores. Em linhas gerais o Reino Unido dispunha do triplo de porta-aviões e de submarinos (quanto a este tipo de meio de combate, considerados os operativos no momento do conflito), e de superioridade no que diz respeito aos demais vasos militares de superfície.

Figura 5 – Porta-aviões



Fonte: Guerra... (2009)

Figura 6 – Submarinos



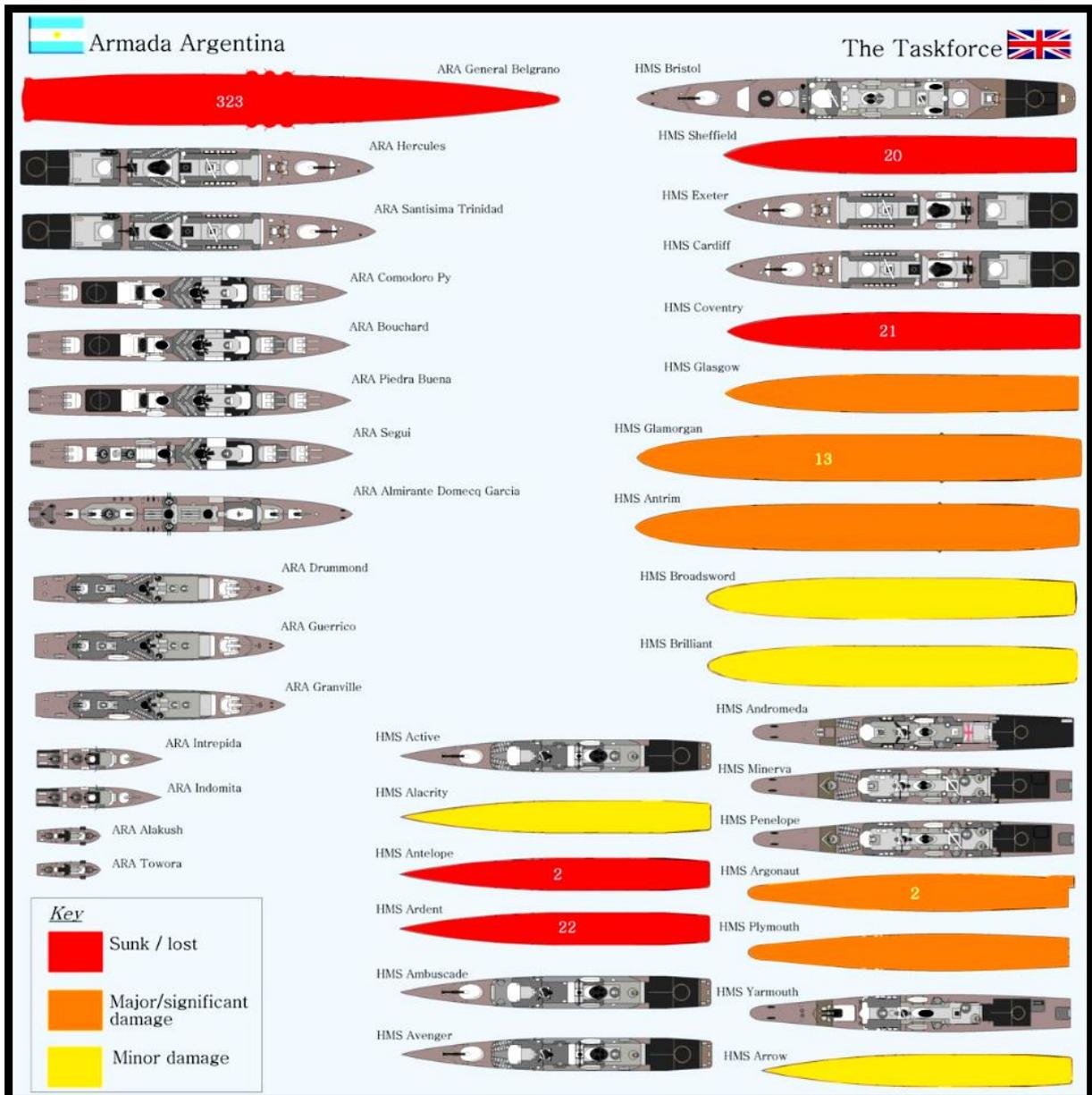
Fonte: Guerra... (2009)

Quanto aos demais vasos militares (ARA e HMS) de superfície, a figura 7 permite não apenas a comparação das quantidades, mas sobretudo assinalar que o número de embarcações britânicas afundadas ou que sofreram danos, sejam eles de maior ou menor proporção, é similar ao total de embarcações argentinas na Guerra das Malvinas. A legenda da figura demonstra que enquanto a Argentina perdeu o ARA *Belgrano* (tema do capítulo 5 desta pesquisa), o Reino Unido perdeu os HMS *Sheffield*, *Coventry*, *Antelope* e *Ardent*.

A maior exposição da força-tarefa britânica contribuiu para o considerável número de perdas ou danos de seus vasos. No contexto do desembarque anfíbio para o estabelecimento de uma cabeça-de-praia em Puerto San Carlos (tema do capítulo 4 deste trabalho), as embarcações dos ingleses ficaram vulneráveis aos fogos, sobretudo da aviação naval, da Argentina. O eficaz emprego das aeronaves *Super Étendard*, com o míssil *Exocet*, se mostrou um obstáculo que deixou elevado custo em meios para o Reino Unido.

Ainda que a *task force* tenha logrado o afundamento de apenas uma embarcação argentina na Guerra das Malvinas, as consequências para os argentinos se fizeram notar, principalmente, em dois aspectos: primeiro, a permanência dos vasos argentinos nos portos continentais, em um caso clássico de *fleet in being* (tema da seção 3.1 da presente pesquisa), a fim de preservar seus meios navais, o que de fato acabou ocorrendo; segundo, ao não operar com suas embarcações, ficou inviabilizado o emprego do porta-aviões ARA 25 de Mayo, o que condicionou o emprego da aviação naval a partir de bases continentais, impondo limitações ao emprego desse meio aéreo, uma vez que a distância entre deixar o continente, ir às ilhas, e regressar, era de aproximadamente 1.500 km.

Figura 7 – Demais vasos militares (ARA e HMS) de superfície



Fonte: Guerra... (2009)

2.4 COLABORAÇÃO ARGENTINA NA AMÉRICA CENTRAL (PRINCIPALMENTE NA QUESTÃO DOS “CONTRAS”, NA NICARÁGUA) X CRENÇA NA NEUTRALIDADE DOS EUA

No ano de 1979 ocorreu, no Irã, a chamada Revolução Islâmica, com a implantação do fundamentalismo xiita no poder naquela nação do Oriente Médio. De 1979 a 1981, decorrente da invasão da embaixada norte-americana no Irã, 52 nacionais dos EUA foram feitos reféns, sendo libertados somente no primeiro dia do governo de Ronald Reagan (20 de janeiro de 1981).

Na busca da melhoria das relações com o Irã, contando com a mediação de Israel, os EUA, capitaneados pela Agência Central de Inteligência (CIA), remetiam uma quantidade maior de armas do que era a necessidade de Israel. O governo israelense, por sua vez, repassava o excedente de armas ao Irã, país que enfrentava, naquele período, um embargo internacional para aquisição de armamento. Israel recebia o pagamento do Irã e repassava aos EUA. Ou seja, na prática, dinheiro iraniano parava nas mãos dos EUA.

A contrapartida iraniana pelo armamento seria interceder junto ao Hezbollah, organização xiita libanesa com ligações com o Exército dos Guardiões da Revolução Islâmica, com a finalidade de libertar reféns estadunidenses presos no Líbano.

A partir da gestão do Tenente-Coronel Fuzileiro Naval Oliver Laurence North à frente da condução da remessa de armas para o Oriente Médio, o recurso oriundo da triangulação EUA – Israel – Irã passou a financiar as ações encobertas norte-americanas em apoio aos “Contras”⁴ nicaraguenses.

Em novembro de 1986, as operações vieram à tona no que ficou mundialmente conhecido como “caso Irã-Contras”. Transcorria o segundo mandato do republicano Ronald Wilson Reagan como Presidente dos EUA. O escândalo tinha potencial para que Reagan deixasse a presidência, o que acabou não ocorrendo.

Há que se mencionar que os presidentes estadunidenses no período da Guerra das Malvinas e do caso dos “Contras” foram: James Earl Carter Jr (Jimmy Carter), democrata, com mandato de janeiro de 1977 a janeiro de 1981, janela temporal em que ocorre a queda de Anastasio Somoza da chefia do governo da Nicarágua; Ronald Wilson Reagan (primeiro mandato), republicano, de janeiro de 1981 a janeiro de 1985, o qual teve como Vice-Presidente George Herberth Walker Bush (“Bush pai”), que viria a assumir como sucessor após o segundo mandato de Reagan; foi neste período que ocorreu a Guerra das Malvinas; e o segundo mandato de Reagan, de janeiro de 1985 a janeiro de 1989, período em que, em 1986, ocorreu o escândalo “Irã – Contras”.

Porém, no que diz respeito à América Central, um ator do sul do continente americano teve participação efetiva: a Argentina. Segundo Armony (1999), entender as atividades argentinas na América Central trazem à luz perspectivas diferentes sobre um aspecto pouco estudado dos governos militares daquele país na transição dos anos 1970 para 1980, bem como para divisar a tentativa da ocupação do vácuo deixado pelo governo Carter no que os

⁴ “Contras”, de “contrarrevolucionários”, é a designação que se refere aos vários grupos insurgentes que lutaram contra a Frente Sandinista de Libertação Nacional, de orientação socialista, na Nicarágua. A Frente Sandinista removeu do poder, em meados de 1979, Anastasio Somoza Debayle, à época Presidente daquela nação centro-americana, assumindo o controle do governo do país.

militares acreditavam ser o inimigo da vez: a expansão e a consolidação da presença soviética na porção central das Américas.

Empreender atividades na América Central, sobretudo na Nicarágua, adestrando e contribuindo com os contrarrevolucionários que se opunham aos sandinistas, teve mais de uma consequência sobre a Inteligência Militar da Argentina. No caso desta pesquisa, nosso enfoque pretende abordar o papel que a Argentina se propunha a desempenhar em terras centro-americanas: uma vez mais, assim como já ocorrera no próprio ambiente interno argentino, combate à subversão (ARMONY,1999).

Não é objetivo deste trabalho julgar se a opção da Argentina em combater “inimigos internos” foi correta ou não. Porém, vindo de um período (desde 1976) desempenhando tal tipo de inteligência, inclusive nos anos de 1980 e 1981 na América Central, é questionável a opção pelo enfrentamento, na guerra convencional, contra os britânicos nas Malvinas, o que certamente cobraria um nível de adestramento que provavelmente estava além da capacidade argentina daquele contexto histórico.

O sistema de inteligência militar da Argentina estava concebido, estruturado e adestrado, pela sua lide diária, em um tipo de emprego e para atender determinado tipo de demanda, de 1976 ao início de 1982. A exceção foi o período de iminente conflito com o Chile, em 1978, por Beagle. Ainda assim, como já mencionado na seção 2.3 desta pesquisa, não se tratava de combate predominantemente naval.

A partir do desencadeamento da Operação Rosário, para a retomada das Malvinas, em curto espaço de tempo a estrutura de inteligência teve que se voltar para as ações de combate convencional. Porém, as falências do combate ao “inimigo interno” transcenderam a divisão temporal entre um período e outro, ou seja, antes e durante a guerra. Para se desempenhar em sua missão de combate não convencional, contra a subversão, o Sistema de Inteligência Militar, a fim de cooperar com a estrutura nacional, teve que dispender um nível de esforço a fim de atender às demandas (ARMONY,1999).

Durante o Governo Carter (janeiro de 1977 a janeiro de 1981), houve certo nível de pressão estadunidense em relação aos governos do Cone Sul do subcontinente sul-americano, a fim de que os direitos humanos fossem respeitados no ambiente interno. Tal posicionamento, segundo Armony (1999), emanado pela Casa Branca não era seguido à risca, sobretudo pela CIA.

Por outro lado, os governos militares argentinos avocaram para si a tarefa de apoiar os “Contras” na América Central. Leopoldo Galtieri, general, prestigiado que era pela CIA naquele contexto, viria a assumir a chefia do governo da Argentina em 1981. Galtieri ocupou

posição de destaque dentre seus colegas de exército, e o combate à subversão e aos inimigos internos podem ser entendidos como fatores que contribuíram sobremaneira para o erro de avaliação que levou à percepção, equivocada, de que os EUA não se posicionariam – quiçá apoiariam, em relação às pretensões argentinas quanto às Malvinas (ARMONY,1999). O apoio estadunidense foi entendido por integrantes do nível político-estratégico da Argentina como sendo uma forma de “reconhecimento” pelo apoio na América Central. O apoio em questão nunca se materializou.

A partir do início do primeiro mandato de Reagan (janeiro de 1981 a janeiro de 1985), com a mudança de orientação da política externa estadunidense, a Argentina se consolida como “substituta”, pelo menos naquele momento, dos EUA, sobretudo na Nicarágua. Sob a condução de Reagan, os EUA trabalham a partir da premissa que diz que soviéticos e cubanos tem potencial para agir nos países centro-americanos e, como tal, há que se empregar os recursos disponíveis – e a Argentina estava dentre eles – a fim de impedir a interferência socialista na região.

Militares argentinos, com o respaldo do governo estadunidense, se deslocaram para a América Central na condição de assessores, supervisores e instrutores na preparação dos “Contras”, com a finalidade de promover a chamada “insurgência contrarrevolucionária”. Guerra de guerrilhas, ações psicológicas e operações militares não convencionais eram os principais aspectos ensinados pelos argentinos. Ou seja, prosseguia o distanciamento argentino da doutrina de Inteligência Militar de Combate Convencional (ARMONY, 1999).

A participação de militares argentinos na política do Governo Reagan na América Central, notadamente no que diz respeito aos “Contras”, era vital, na percepção unilateral dos argentinos. Assumindo tal premissa como verdadeira e definitiva, a cúpula militar da Argentina – já sob o comando de Leopoldo Galtieri, concluiu que os norte-americanos ficariam neutros caso as Malvinas fossem ocupadas (ARMONY,1999).

A conclusão argentina se mostraria equivocada, naquilo que pode ser entendido como um erro no nível político-estratégico, cujos reflexos tiveram alcance nos níveis operacional e tático, haja vista que o governo de Washington, signatário da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN, por sua sigla em português; NATO, por sua sigla no idioma inglês), além de não ficar neutro no conflito, apoiou, com produtos de inteligência, as tropas britânicas durante o conflito. Sequer o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR) teve força para que os EUA não apoiassem o Reino Unido.

Sobre o erro de percepção a respeito da posição dos EUA, Jorge Isaac Anaya, almirante da Armada Argentina, quando ouvido pela Comisión de Análisis y Evaluación de las Responsabilidades del Conflicto del Atlántico Sur, declarou:

La participación de asesores del Ejército Argentino en Centro América y nuestra posible influencia en Bolivia, fueron factores que el Gobierno apreció erróneamente, ya que supuso que tales acciones tendrían tal importancia para los EE.UU⁵, que su gobierno estaría comprometido a mantenerse equidistante en caso de conflicto con Gran Bretaña (ARGENTINA, 1982).

A partir da Guerra das Malvinas os militares argentinos reduziram suas atividades na América Central em apoio ao adestramento dos “Contras”, até a retirada total dos assessores e instrutores daquela região no final de 1984.

2.5 MEIOS DE OBTENÇÃO: AJUDA SOVIÉTICA?

Os argentinos combatiam a subversão interna, capitaneada que era pelos montoneros e pelos revolucionários do ERP. Combatiam, também, tentativas de implantação de regimes baseadas no comunismo e no socialismo. O maior expoente do bloco socialista era, e isto não era segredo de estado, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Porém, paradoxalmente, um dos operadores da frustrada *Operación Algeciras* (abordada na seção 3.1 desta pesquisa) era um montonero e, não menos surpreendente, o “amigo invisível” que auxiliou os argentinos era a inteligência de imagens apoiada em satélites soviéticos.

No mês de abril de 1981, o ministro de estado das relações exteriores da Argentina, Oscar Camilion, se pronunciou ratificando a posição do Governo argentino da época: independência da tutela estadunidense no que diz respeito à política externa, bem como manutenção do comércio de grãos com a União Soviética durante o embargo que estava vigente contra os soviéticos (BOYCE, 2005, p. 57). As convicções argentinas a respeito de tais temas podem ter desempenhado papel relevante na ajuda soviética no contexto da Guerra das Malvinas.

Além da União Soviética, os países do leste europeu também eram um mercado que a Argentina se empenhava em manter no início da década de 1980 como destino de sua produção agrícola e pecuária. O fluxo comercial, sobretudo entre a Argentina e a URSS crescia (SCIARONI, 2019). Era o contexto da Guerra Fria, e o leste da Europa (Europa Oriental) configurava a chamada “cortina de ferro”, cujos países eram satélites soviéticos.

⁵ Abreviatura de Estados Unidos da América, no idioma espanhol. A repetição das letras indica o plural.

Ainda assim, as relações entre soviéticos e argentinos tinha suas oscilações: em 1977, a marinha da Argentina disparou contra pesqueiros soviéticos no sul do subcontinente sul-americano; em 1980, como represália à invasão soviética no Afeganistão, a Argentina foi um dos países que participou do boicote aos jogos olímpicos de Moscou. Porém, soviéticos e argentinos tinham algo em comum naquele período, sobretudo em 1982: o Reino Unido como inimigo (SCIARONI, 2019).

Ainda que não descartasse o uso, na Guerra das Malvinas, de dados obtidos pelos soviéticos, a Argentina entendia que não podia aceitá-los deliberadamente. Se o fizesse, estaria inserindo efetivamente a União Soviética no conflito, o que legitimaria, sob a ótica dos argentinos, ações dos EUA, levando à, no mínimo, tensão e instabilidade no hemisfério ocidental (SCIARONI, 2019).

Em 11 de abril de 1982, o embaixador soviético na Argentina se reuniu com o Ministro de Estado das Relações Exteriores, em Buenos Aires. Na ocasião, o diplomata da URSS manifestou, em relação ao incidente das Geórgias do Sul, que o fato somente ocorrera em virtude da vocação colonialista dos britânicos. Segundo o embaixador, o Governo Soviético se sentia comprometido a apoiar a Argentina no que pudesse, como sinal de reciprocidade pela posição adotada pela nação sul-americana em não tomar parte no embargo vigente contra a URSS, principalmente no comércio de grãos (ARGENTINA, 1982, parágrafo 320).

Porém, a partir de 1º maio 1982, o Reino Unido deixou claro que a solução do conflito não seria pela via diplomática, e a percepção da Junta de Governo da Argentina se modificou. Se não era aconselhável aceitar ajuda soviética de forma oficial, nada impedia que uma aliança temporária fosse executada de maneira dissimulada. Os militares argentinos tinham consciência de que um de seus principais elementos essenciais de inteligência (EEI) não tinham como ser atendidos pelos meios próprios: monitorar a *task force* britânica em seus movimentos a leste das Malvinas, dentro da zona de exclusão (SCIARONI, 2019).

Sobre os EEI, o manual MD-30-M-01 (BRASIL, 2011, p. 28) diz o seguinte:

4.2.4 Os EEI podem ser dados, informações ou conhecimentos imprescindíveis à produção de conhecimentos operacionais, que o Comandante de Operações necessita em um determinado momento, para correlacioná-los com outros conhecimentos disponíveis, a fim de tomar uma decisão que lhe permita o cumprimento da missão. Essa decisão tem em vista a escolha de uma linha de ação (LA) a ser executada.

4.2.5 Qualquer possibilidade do inimigo, característica da área de responsabilidade ou outro fator que influencie, decisivamente, o cumprimento da missão, ou seja, preponderante na escolha de uma LA, será um EEI. Eles traduzem, portanto, as necessidades de inteligência (NI) de mais elevada prioridade.

O caminho percorrido pelos dados obtidos pelos soviéticos partia de Moscou, onde funcionava um centro de controle, e chegava à Buenos Aires, por telex, na representação diplomática soviética na Argentina. Segundo Sciaroni (2019), a fração destinada a estudos históricos da Força Aérea Argentina seria a detentora de documentos que registram como os dados a respeito da *task force* foram detectados pelos meios de obtenção soviéticos e qual a utilidade que tiveram para as tropas argentinas, inclusive nas ações que levaram ao ataque, por exemplo, ao HMS Invincible (SCIARONI, 2019).

Ainda segundo Sciaroni (2019), a Força Aérea Argentina se referia aos meios de obtenção soviéticos como “amigo invisible” e “ojo mágico”. A fim de manter o sigilo das fontes, os analistas que manuseavam dados oriundos de sensores soviéticos justificavam, sem mencionar quais, que o conhecimento produzido era procedente de “fontes confiáveis”. Os sensores dos quais se valia a União Soviética eram diversos, tais como submarinos, aviões de reconhecimento, plataformas orbitais e, até mesmo, barcos pesqueiros nas proximidades do teatro de operações (SCIARONI, 2019).

Somente no ano de 1982 os soviéticos lançaram 101 satélites ao espaço, alguns dos quais para emprego no monitoramento da área da Guerra das Malvinas. Com vida útil em torno de 14 anos cada um, foram lançados em abril daquele ano os satélites Kosmos 1347, 1350, 1352, 1353 e 1355, todos com câmeras de alta definição e com resolução orbital para cobrir o Atlântico Sul.

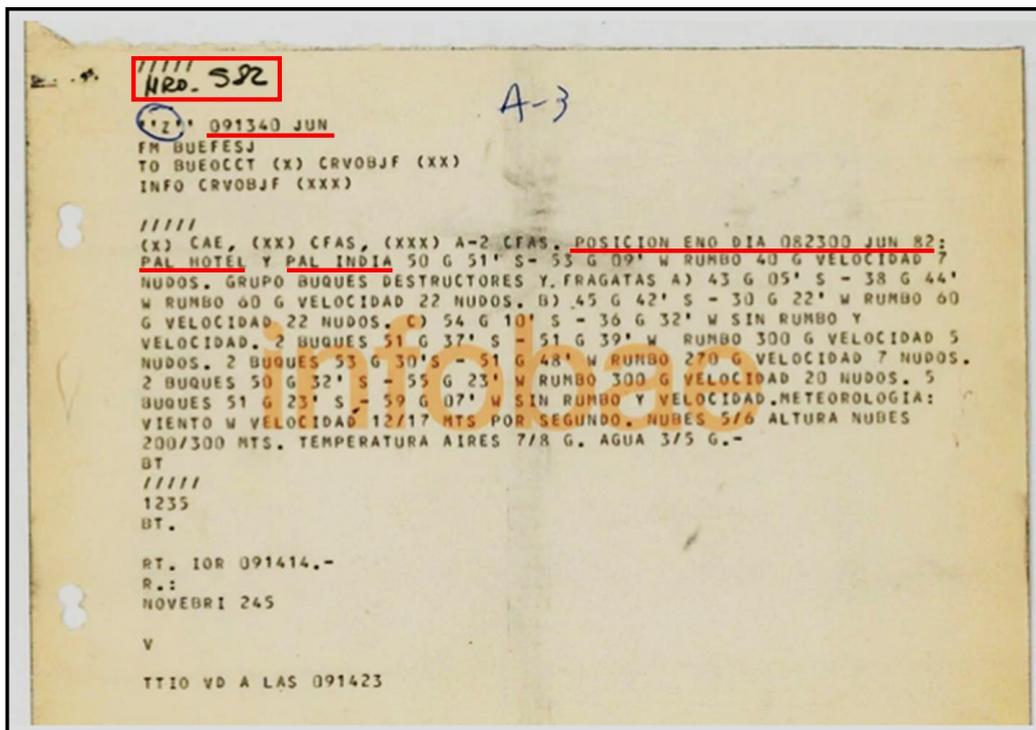
No dia 14 de maio foi lançado o Kosmos 1365, que realizava reconhecimento empregando sistema de radar. Ainda em maio, no dia 21, foi lançado o Kosmos 1368, que passava diariamente sobre as Malvinas, por volta das onze da manhã, até o dia 13 de junho. O Kosmos 1372, que também realizava reconhecimento por radar, foi lançado no dia 1º de junho (SCIARONI, 2019).

Sciaroni (2019) menciona, ainda, que os melhores dados eram obtidos a partir da constelação de satélites Leyenda, que estava operativa desde 1975, a qual possuía dois subsistemas. O primeiro deles era de inteligência eletrônica, passivo, e possuía capacidade para interceptar sinais de rádio. O segundo, por sua vez, era ativo, e empregava um radar para localizar embarcações no mar. A finalidade do emprego da constelação, naquele inverno austral, era obter dados sobre as manobras que ocorriam nas Malvinas (SEPRIN, 2012).

A figura 8 foi veiculada pela página web de Infobae (SCIARONI, 2019), em 18 de abril de 2019, como sendo um dos documentos desclassificados cujo teor é oriundo de meios de obtenção soviéticos. Se trata do Informe nº 582, confeccionado e transmitido pelas tropas

argentinas às 13:40 horas do dia 9 jun. 1982, versando sobre a posição do inimigo às 23:00 horas do dia anterior. Faz menção aos vasos britânicos, se referindo, dentre outros aos “PAL HOTEL” e “PAL INDIA”, terminologia empregada em referência aos HMS Hermes e Invencible, por suas iniciais no alfabeto fonético internacional, onde “hotel” é a letra “h”, e “india” é a letra “i”. PAL é uma abreviatura empregada para se referir à designação, no idioma espanhol, de *Porta Aviones Ligero*.

Figura 8 - Informe 582



Fonte: Adaptado de Sciaroni (2019)

Sergey Brilev, apresentador de televisão e analista político na Federação Russa, publicou, no ano de 2010, um livro intitulado *“Fidel, Fútbol y Malvinas”*. Um dos capítulos de obra contempla um dos aspectos menos abordados e estudados – o escasso número de fontes que tratam a temática ratifica tal premissa – da Guerra das Malvinas: qual o papel desempenhado pelos soviéticos durante aquela conflagração? (GALTIERI..., 2010)

Considerada a orientação ideológica anticomunista da Junta de Governo chefiada pelo General Leopoldo Galtieri, resulta contraditória qualquer aliança entre a Argentina e a União Soviética. Porém, segundo Brilev (GALTIERI..., 2010): *“Por aquello de que el enemigo de mi enemigo es mi amigo, los soviéticos se pusieron en riesgo de un conflicto mundial brindando una ayuda militar que resultó clave para los principales triunfos argentinos*

durante la guerra". Em seu livro, Brilev revela dados pouco conhecidos sobre a "ajuda" soviética à Argentina no contexto da Guerra das Malvinas.

Para reunir os dados que disponibiliza em "*Fidel, Fútbol y Malvinas*", o autor teve que enfrentar uma óbvia restrição inicial, qual seja, se tratava de informação classificada. O caminho alternativo adotado por Brilev foi entrevistar expoentes militares soviéticos do início da década de 1980. Os generais Nikolai Leonov e Valentin Varennikov, respectivamente ex-integrante do KGB (sigla no idioma russo para designar o Comitê de Segurança do Estado) e vice-chefe do Quartel-General das Forças Armadas soviéticas, confirmaram, em suas respectivas entrevistas, que houve envio de dados obtidos por plataformas orbitais aos argentinos (GALTIERI..., 2010).

A obra de Brilev sustenta que alguns dos êxitos mais significativos dos argentinos no enfrentamento com os britânicos estavam apoiados em dados soviéticos oriundos do satélite Kosmos 1365. O afundamento dos HMS Sheffield, Coventry e Atlantic Conveyor são, segundo o autor, exemplos a esse respeito (GALTIERI..., 2010).

A União Soviética utilizou, ainda, aeronaves TU-95 para cumprir tarefas de inteligência, a fim de sobrevoar forças britânicas que rumavam para o Atlântico Sul (GALTIERI..., 2010).

2.6 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Desde o final do século XVII as Malvinas são objeto de disputa. De 1690 a 1982, diversos foram os incidentes na busca pela posse definitiva das ilhas e, principalmente, pelo reconhecimento da comunidade internacional a respeito desse tema. As operações Rosário, por parte da Argentina, e Corporate, desencadeada pelos britânicos, são parte do contexto no qual está inserida a análise que motivou esta pesquisa.

Nos anos imediatamente anteriores ao desencadeamento da operação Rosário, pela Argentina, ou seja, a segunda metade da década de 1970, o governo argentino tinha sua atividade de inteligência focada no combate aos inimigos internos, o que teve como consequência um insuficiente adestramento nas questões de inteligência militar. O combate à subversão pode ser entendido como um dos potenciais contribuintes para o desempenho aquém do esperado da inteligência argentina na guerra das Malvinas. A percepção de rendimento insuficiente da inteligência militar no conflito é uma das conclusões da CAERCAS (ARGENTINA, 1982), materializada no Informe Rattenbach.

Ocupar militarmente as Malvinas foi uma decisão cujos alcances não foram totalmente dimensionados quando da opção pela ação militar nas ilhas. Ainda que na iminência de sofrer uma redução em sua frota de superfície, fato que tampouco parece ter sido considerado pelo nível político-estratégico da Argentina, a *Royal Navy* é parte das capacidades militares de uma nação com elevada tradição marítima. Não considerar que os britânicos enviariam uma força-tarefa ao Atlântico Sul foi um erro de avaliação cujas consequências foram desastrosas para os argentinos, seja pelo número de baixas sofridas nos combates, mas, principalmente, pelo êxito dos ingleses em retomar as ilhas.

Outro erro de avaliação foi o fato de, devido a percepção equivocada a respeito dos EUA, acreditar que o empenho na América Central no combate à subversão tornava os estadunidenses no mínimo neutros no conflito, levando em conta somente o TIAR, desconsiderando aspectos como a OTAN e, ainda, as históricas relações entre Reino Unido e Estados Unidos.

Quanto aos dados que abordam a “ajuda” soviética aos argentinos na Guerra das Malvinas são, ainda, incipientes. Porém, as desclassificações de documentos têm permitido uma análise mais criteriosa a respeito desta temática. Como é de se esperar em situações que envolvem informações que se referem a eventos que resultaram ou foram parte de conflitos, as confirmações por integrantes dos altos escalões de governo são sempre escassas.

3 A DECISÃO DE IR À GUERRA: NÍVEL ESTRATÉGICO

A obra *The Falklands War* (BOYCE, 2005) foi utilizada como um dos parâmetros para analisar o nível estratégico. Boyce explicita a questão da redução das capacidades de superfície do Reino Unido, a partir de 1982, a fim de adequar-se às tarefas da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), o que teria como resultado, caso a Operação Rosário fosse alguns meses mais tarde, a não participação, nos combates, dos HMS Hermes e Invincible (porta-aviões), bem como dos HMS Fearless e Intrepid (navios de desembarque), embarcações que exerceram relevante papel nas missões da força-tarefa britânica na guerra.

No documentário “*Malvinas: la historia que pudo ser - Discovery Channel*” (MALVINAS..., [2014]), o almirante britânico Sandy Woodward, comandante da *task force* do Reino Unido naquele conflito, se referindo às mudanças pelas quais passaria a armada do Reino Unido, assim se posiciona: “A *Royal Navy* ia ser reduzida a uma força de defesa costeira” (MALVINAS..., [2014]).

Ainda sobre a readequação da marinha do Reino Unido, o general Jeremy Moore (MALVINAS..., [2014]), comandante das forças terrestres britânicas na Guerra das Malvinas, entende que “se tivessem se completado os planos de passar a retiro os dois vasos de desembarque (HMS Fearless e HMS Intrepid) e os dois porta-aviões (HMS Hermes e HMS Invincible), não teríamos como enfrentar a Força Aérea argentina ou realizar o desembarque anfíbio.”

Aldo Rico, político e ex-militar argentino que combateu na Guerra das Malvinas na condição de comandante da Companhia de Comandos 601 do Exército da Argentina, em entrevista ao documentário “*Aldo Rico – Malvinas*” (RICO, 2012), questionou a inércia em obter os dados sobre as forças e a composição dos meios britânicos. Em sua opinião, “a ordem de batalha britânica estava disponível na revista *Jane’s*¹, ou seja, a informação estratégica é pública, está nos jornais, nos livros”.

Figura 9 - Recepção, no Reino Unido, ao HMS Hermes, pós-guerra



Fonte: IWM [19--?]

¹ Publicação regular sobre segurança, inteligência e defesa.

Figura 10 - Recepção, no Reino Unido, ao HMS Invincible, pós-guerra



Fonte: IWM [19--?]

Uma das etapas mencionada do Ciclo de Inteligência (CEPIK, 2003) é a coleta a partir de fontes singulares e, dentre estas, a “inteligência de fontes abertas”, cujo acrônimo em inglês é *open source intelligence (osint)*. Uma questão que se apresenta diz respeito a conjecturar se teria sido possível, ou não, que a osint argentina tivesse obtido o dado versando sobre a modificação na marinha do oponente, haja vista que não se tratava de um conhecimento protegido, um “dado negado”.

Doutrinariamente, quando se estuda um adversário ou, como menciona o Manual EB70-MC-10.307 Planejamento e Emprego da Inteligência Militar (BRASIL, 2016c), quando se avalia a ameaça (o oponente), há alguns fatores que não podem ser negligenciados. Sobre as denominadas Necessidades de Inteligência, o EB70-MC-10.307 diz “... é relevante conhecer a organização e os efetivos da ameaça (deduzidos de sua Ordem de Batalha), assim como os seus procedimentos táticos, articulação e possíveis linhas de ação.” (BRASIL, 2016c).

O Capítulo VIII do mesmo Manual de Planejamento e Emprego da Inteligência Militar é dedicado à “Avaliação da Ameaça”, definida pela publicação da seguinte forma: “A Avaliação da Ameaça consiste na determinação das capacidades da força adversária e os princípios e técnicas, táticas e procedimentos (TTP) que a ameaça prefere empregar.”

John Nott era o Secretário de Defesa do Reino Unido (assumira a função em janeiro de 1981 e permaneceu no cargo até janeiro de 1983). É de sua gestão a proposta de adequar os gastos da marinha britânica à crise na economia inglesa do início da década de 1980. Segundo a percepção de Nott, a principal ameaça britânica era a União Soviética e assim se manteria pelos próximos vinte anos. O HMS Endurance, por exemplo, que patrulhava o Atlântico Sul, estava recolhido a Port Stanley quando da ocupação das Malvinas pelos argentinos. Outro vaso, o porta-aviões HMS Invincible, estava para ser vendido aos australianos.

Há que se considerar que a ocupação argentina nas Malvinas ocorreu no início de abril de 1982, quando as adequações propostas por John Nott ainda estavam em seus momentos

iniciais, o que permitiu empregar no conflito embarcações que seriam desativadas ou vendidas. Em virtude da guerra, o planejamento de Nott sofreu algumas modificações e, mesmo antes do final daquele ano, o HMS *Endurance* retomou as missões de patrulhamento e o HMS *Invincible* não foi vendido para a Austrália.

A Inteligência argentina no nível estratégico não obteve ou não considerou tais dados. O alcance da incompletude informacional aqui abordada, ainda que no nível estratégico, teve seus reflexos duramente evidenciados nos níveis operacional e tático, haja vista que os quatro vasos britânicos (os HMS *Fearless*, *Intrepid*, *Hermes* e *Invincible*) foram decisivos em várias missões da *task force*, dentre as quais o desembarque anfíbio dos ingleses em *Puerto San Carlos*.

O Reino Unido era, e ainda é, uma potência nuclear, signatária da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), que também tem por membro os Estados Unidos da América. Os EUA, assim como a Argentina, são membros da Organização dos Estados Americanos (OEA ou OAS, neste último caso por sua sigla no idioma inglês). Com o apoio dos EUA ao Reino Unido, em detrimento de apoiar a Argentina ou pelo menos manter-se neutro, ficou evidente que as avaliações da inteligência e da diplomacia estatal da nação sulamericana estavam equivocadas quanto ao posicionamento dos norte-americanos. O comprometimento dos EUA com a OTAN é de uma profundidade maior do que aquele com a OEA. Os recursos investidos são sinais inequívocos da prioridade estadunidense.

A inteligência argentina não entregou aos decisores dados completos sobre a percepção diplomática mundial a respeito da Junta Militar de Governo, o que produziu um entendimento equivocado de que, após a ocupação das ilhas pelos argentinos, os britânicos abririam negociações diplomáticas, sem enviar uma *task force* ao ambiente operacional.

Ainda no que diz respeito às percepções equivocadas, o governo argentino entendia que Londres não arcaria com os custos para enviar tropas a uma distância de quase 13 mil quilômetros. Foram erros de formulação de cenários, onde determinados eventos não ocorreram da forma que os argentinos concebiam, ou não tiveram a intensidade esperada.

Em 4 de Abril de 1982 o governo britânico recebeu, do governo dos Estados Unidos, a autorização e o apoio para empregar a base aeronaval estadunidense que está localizada na Ilha de Ascensão, cuja posse é do Reino Unido. Esta autorização é um dos eventos de elevada magnitude no contexto do conflito. Foi a partir do uso da base localizada em Ascensão que os britânicos tiveram condições de deslocar a *task force* em seu caminho de treze mil quilômetros até o Atlântico Sul. Ascensão foi o principal ponto de apoio para todas as operações aéreas e navais que os britânicos realizaram na Guerra das Malvinas

(ARGENTINA, 1982, parágrafo 293). As instalações foram, por exemplo, o local de onde partiram as aeronaves Vulcan e Victor que realizaram as operações *Black Buck*².

Dados de Inteligência insuficientes, seja por carência de meios de obtenção ou por falta de processamento adequado dos dados disponíveis, podem ser entendidos como fatores que contribuiram para o insucesso argentino naquela conflagração.

A análise da denominada Comisión de Trabajo, instituída pela Junta de Governo da Argentina para planejar a alternativa militar para reaver as Malvinas, concluía que 15 maio 1982 seria a data tida como apta, factível e aceitável para o desencadeamento da Operação Rosário (ARGENTINA, 1982, parágrafo 186). Com a antecipação da data para 2 de abril, o decisor estratégico aceitou o risco de não obter êxito na campanha militar.

A CAERCAS adjetivou como inexplicável a ocupação antes da data julgada ideal e considerou uma obsessão a tentativa de obter a surpresa estratégica. Sob a ótica da CAERCAS, foi escolhido o pior momento do ponto de vista de política internacional. O primeiro escalão de governo da Argentina sabia que Reino Unido e Estados Unidos, em virtude de seus interesses comuns, inclusive na OTAN, estabeleceriam algum tipo de aliança no caso de uma guerra nas Malvinas (ARGENTINA, 1982, parágrafos 94 e 98).

O comandante dos Royal Marines na Guerra das Malvinas, Julian Thompson (MALVINAS..., [2014]), se referindo à decisão argentina de adiantar a data da Operação Rosário, entende que “se tivessem esperado um pouco, era provável que não tínhamos respondido daquela forma como fizemos”.

Ainda sobre o nível estratégico, a CAERCAS concluiu que uma vez que se tinha conhecimento da vinda da frota completa do inimigo, tendo apoio dos EUA, do Mercado Comum Europeu e da OTAN, as capacidades do Reino Unido deveriam ser atualizadas, o que evidenciaria que o poder relativo de combate do oponente era consideravelmente superior ao das tropas argentinas (ARGENTINA, 1982, parágrafo 144).

Difundir a intenção de ir à guerra apenas para poucos integrantes da alta cúpula militar, junto a antecipação da data de desencadeamento da Operação Rosário em 45 dias, teve reflexos em vários aspectos, principalmente nos seguintes: deficiências de ordem logística, de inteligência e de comunicações (ARGENTINA, 1982, parágrafo 148).

² Desencadeadas a partir da base aeronaval localizada na Ilha de Ascensão, as Operações *Black Buck* tinham como objetivo realizar a interdição da pista do aeroporto de Port Stanley, a fim de inviabilizar o emprego de aeronaves pelos argentinos a partir das Malvinas, condicionando a Argentina a empregar suas bases aéreas continentais em Río Grande, Río Gallegos e San Julián. Voando a partir do continente, a força aérea argentina, dada a distância das Malvinas, dispunha de poucos minutos para realizar operações sobre o teatro de operações.

No entendimento da CAERCAS, mesmo ciente de todas as restrições conjunturais a respeito do desencadeamento da Operação Rosário, ainda assim a Junta de Governo foi surpreendida, dentre outros aspectos, pelo fato de os EUA cederem, aos britânicos, as instalações militares que possuem na Ilha de Ascensão, possessão britânica no Atlântico Sul (ARGENTINA, 1982, parágrafo 152).

O Informe Rattenbach (ARGENTINA, 1982), em seus parágrafos 158 e 159, sustenta que:

158. La estrategia de la Junta Militar, una vez producido el refuerzo de las islas con numerosas tropas y pertrechos militares, se centró en las posibilidades de lograr un acuerdo concertado mediante la participación de los EE.UU., con la gestión del Secretario de Estado Haig, y, posteriormente, con otros intentos de negociación.

159. Esta decisión de la Junta Militar tuvo su raíz en el planeamiento defectuoso realizado antes del día 02 de Abril, al no contemplar la posible reacción del gobierno británico, así como otras circunstancias previsibles que pudieron evitarse o morigerarse. Al hacerse efectiva la capacidad más peligrosa del enemigo, que era reaccionar con todo su poderío militar con el apoyo de los EE.UU., no había planes contingentes que, previendo esta posibilidad hubiesen suministrado a la conducción estratégica-militar y política de la Nación una salida más decorosa que la obtenida finalmente.

Em 16 de abril de 1982 o governo da Argentina já tinha claro que, aos olhos da comunidade internacional, ainda que se conjecturasse sobre a legitimidade de seu pleito, o emprego da força, pela Operação Rosário, era desfavorável aos intentos da Junta de governo. Estava claro que o alinhamento e o apoio dos Estados Unidos eram mais próximos do Reino Unido do que da Argentina (ARGENTINA, 1982, parágrafo 356).

Restava ao governo da Argentina opções como invocar o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR), ou buscar apoio nos dois maiores foros ao qual tinha acesso, qual seja, a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização dos Estados Americanos (OEA). Porém, os argentinos já sabiam, de antemão, que qualquer destas opções significaria ficar deliberadamente em oposição aos Estados Unidos da América (ARGENTINA, 1982, parágrafo 356).

Sob a ótica da CAERCAS, a hipótese de guerra com o Reino Unido era inédita. Ao iniciar os enfrentamentos com os britânicos, a tropa do exército argentino não tinha o nível de preparação requerido para uma missão de tal magnitude. O inimigo era experimentado e possuía poder de combate notadamente superior. A maioria dos soldados da classe de 1962, que prestou o serviço militar em 1981, já tinha dado baixa das fileiras do exército argentino. Os soldados da classe de 1963, tinham sido incorporados no início de 1982, ou seja, não haviam recebido toda a instrução básica. Este foi um dos motivos que levou soldados

conscritos ao Teatro de Operações sem sequer ter realizado na totalidade a instrução elementar e o tiro de combate, o qual materializa que o incorporado está apto sobretudo a manejar e empregar corretamente o armamento individual (ARGENTINA, 1982, parágrafo 605).

Recém adquiridos, o sistema que contemplava as aeronaves Super Étendard e os mísseis Exocet AM 39, ainda que excelentes ferramentas para emprego contra as embarcações britânicas, não se encontravam plenamente operacionais (ARGENTINA, 1982, parágrafo 611), o que demandou algum tempo até que engenheiros argentinos lograssem sincronizar os dados da aeronave com o míssil e viabilizar o efetivo emprego. O êxito argentino neste aspecto foi o principal fator que levou ao afundamento do HMS Sheffield, em 4 maio 1982.

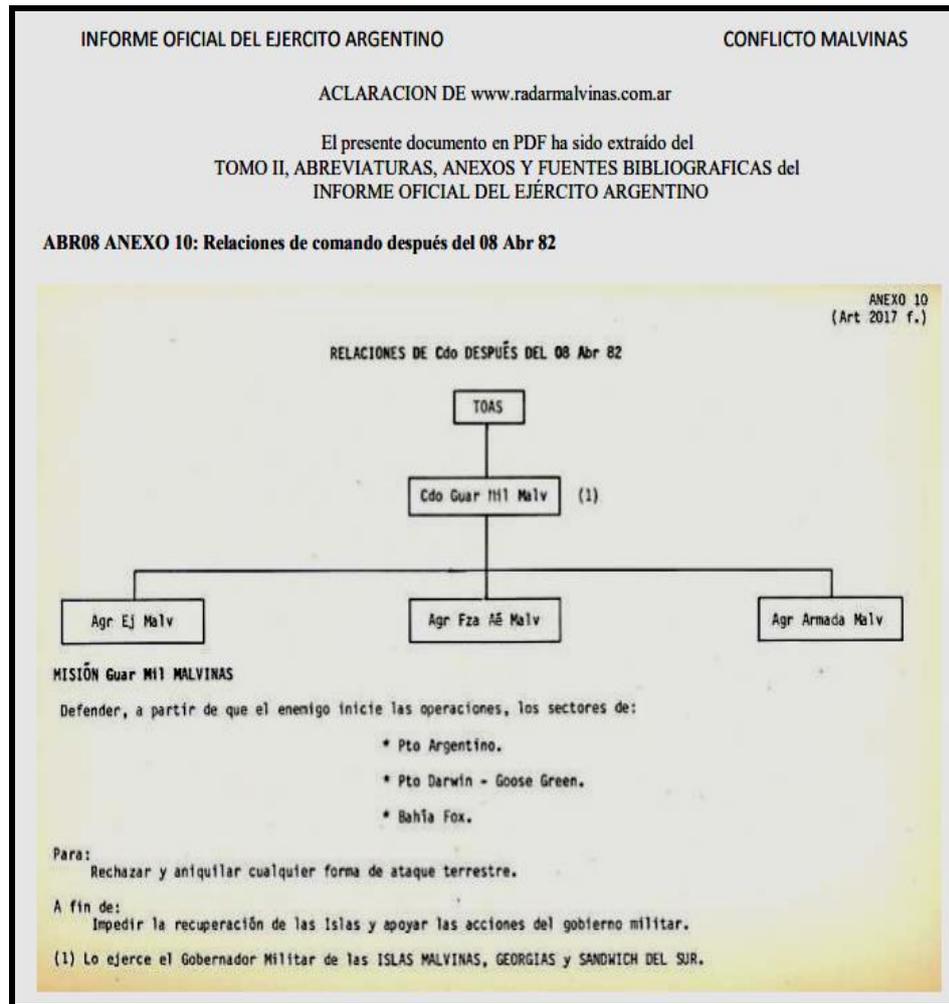
Ainda em processamento, à aquisição dos Super Étendard tinha novas entregas programadas, bem como novos mísseis Exocet. Porém, a inteligência britânica se encarregou de assessorar o Governo do Reino Unido, que fez gestões junto aos países da Europa, a fim de que exportações de armas para a Argentina fossem interrompidas. As aeronaves e os mísseis franceses que seguiriam para Buenos Aires ficaram retidos no porto de Marselha, na França (ARGENTINA, 1982, parágrafo 786).

Segundo o Comodoro Jorge Ureta (MALVINAS..., [2014]), piloto de combate na Guerra das Malvinas, em 2 de abril de 1982, data em que foi desencadeada a Operação Rosário, a Argentina não tinha recebido mais do que dez aeronaves Super Étendard, e possuía apenas cinco mísseis Exocet”.

A partir de 8 de abril de 1982, a articulação dos meios militares argentinos para enfrentar o inimigo era a seguinte: o Teatro de Operações do Atlântico Sul (TOAS); diretamente subordinado ao TOAS, o Comando da Guarnição Militar das Malvinas (Cdo Guar Mil Malv, por sua abreviatura no idioma espanhol); Subordinados ao Cdo Guar Mil Malv, estavam os componentes militares, quais sejam, Componente Exército Malvinas (Agrupación Ejército Malvinas, cuja abreviatura em espanhol é Agr Ej Malv), Componente Força Aérea Malvinas (Agrupación Fuerza Aérea Malvinas, que emprega a abreviatura Agr Fza Aé Malv) e Componente Naval Malvinas (Agrupación Armada Malvinas, abreviado em espanhol como Agr Armada Malv).

O comandante de cada uma das frações acima elencadas eram oficiais-generais. No caso específico da Guarnição Militar das Malvinas, o comando era exercido pelo, à época, Governador Militar das ilhas, General Mario Benjamín Menéndez.

Figura 11 - Articulação das Forças Argentinas a partir de 8 de abril de 1982

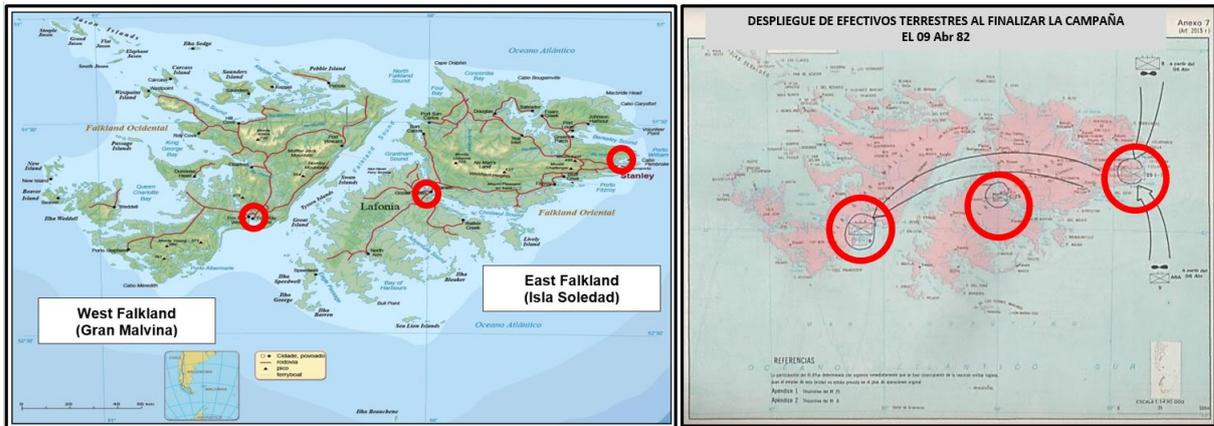


Fonte: Radar Malvinas [19--?]

A figura 11 contempla, além da articulação das forças argentinas, a missão da *Guarnición Militar Malvinas*, com a clara indicação de que os locais a defender eram *Puerto Argentino* (denominação argentina para a capital, *Port Stanley*), *Puerto Darwin – Goose Green* (*Darwin – Goose Green*, para os britânicos), e *Bahía Fox* (*Fox Bay*, em inglês). Ou seja, desde 08 de abril, pelo menos, os argentinos não consideravam *Puerto San Carlos* como um provável local de desembarque das tropas do inimigo para estabelecer uma cabeça-de-praia.

A figura 12 indica a localização dos pontos a defender, de acordo com a missão estabelecida às forças armadas argentinas. O mapa da esquerda indica, da direita para a esquerda, respectivamente, as três localidades. O esquema de manobra (mapa da direita) ilustra o desdobramento (*despliegue*) das tropas argentinas nos referidos locais, em 9 de abril de 1982.

Figura 12 - Locais a defender pelas Forças Argentinas na Guerra das Malvinas (da direita para a esquerda: Port Stanley, Darwin – Goose Green, Fox Bay)



Fonte: Adaptado de Rivas e Cicalesì (2007) e de 1982 Malvinas (2008).

3.1 OPERAÇÃO ALGECIRAS, A2, AD E FLEET IN BEING

Cabe detalhar que no contexto do conflito das Malvinas, a Argentina realizou uma Operação denominada Algeciras (CASSAN, 2012, p. 68-74), em Gibraltar, território ultramarino do Reino Unido que fica na margem do estreito homônimo, entre a Europa e a África.

Transcorria o mês maio 1982. Gibraltar está, como mencionado, na península Ibérica, no sul do reino da Espanha. De meados de junho a meados de julho daquele ano a Espanha foi a sede da 12ª Copa do Mundo de Futebol. Ou seja, o ambiente (a Europa, como um todo, e a Espanha, em particular) se achava sob intensa vigilância de serviços policiais e de inteligência de diversas partes do planeta, haja vista que o grupo “Pátria Basca e Liberdade”, conhecido globalmente pela sigla ETA (letras iniciais de Euskadi Ta Askatasuna, do idioma basco), era violentamente atuante. Somente no ano de 1980 cerca de 100 foi o número de vítimas que o ETA levou à morte.

O objetivo da Operação Algeciras, executada por uma célula de forças especiais argentinas, era levar ao naufrágio uma ou mais embarcações da base britânica ali existente, o que, no entender dos argentinos, provavelmente ensejaria necessidade de reforço, a partir do retraimento de embarcações que estavam na Guerra do Atlântico Sul, causando perda de poder de combate na *task force* empregada nas Malvinas. A fragata HMS Ariadne seria o alvo inicial.

A Algeciras foi uma Operação atribuída a uma célula de Forças Especiais Argentinas, que contou com a participação de “ex-Montoneros”. Organização de cunho peronista, os

Montoneros perpetraram atos contra os Governos argentinos na década de 1970, a fim de desestabilizar sobretudo os governantes militares daquele país. A execução da recaiu em a um grupo de quatro indivíduos: Nelson Latorre, quem por vezes utilizava o falso nome de Miguel Ángel Castilla, falecido em 1998, e cuja alcunha era “careca Diego”; Héctor Rosales, ex-oficial da Marinha da Argentina, falecido em 1996, que deixou a força em 1976 e retornou como agente especial de inteligência a partir de 1979; Máximo Alfredo Nicoletti, montonero, ainda vivo; e Abel Ojeda, ainda vivo, ex-conscrito da marinha argentina que foi acusado de ser montonero, cuja identidade foi uma incógnita até meados dos anos 2010, sedo conhecido apenas por “marciano”. Um dos livros que aborda a Algeciras é a obra “*Operación Gibraltar*”, de autoria de César Ríos, jornalista argentino.

Em mais de uma oportunidade o Almirante Jorge Isaac Anaya, representante da marinha na Junta de Governo quando foi feita a opção pelo desencadeamento da Operação Rosário, deu declarações onde menciona que foi a autoridade militar que aprovou e efetivamente deu a ordem para os executantes da operação Algeciras. Anaya deixa claro que se tratava de uma operação encoberta, ou seja, sem registros oficiais de que efetivamente ocorreu.

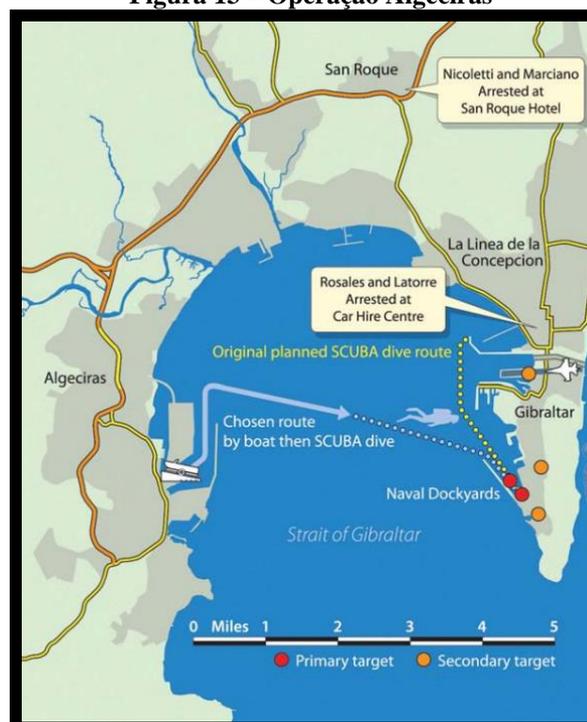
Alguns dados que o *montonero* Nicoletti (ANAYA; NICOLETTI, 2008, 2012, 2015, 2017 e NICOLETTI, 2017a, 2017b) e que o Almirante Anaya (ANAYA; NICOLETTI, 2008, 2012, 2015, 2017) apontam em suas entrevistas são os seguintes:

- a) o vaso britânico HMS *Ariadne* era o alvo inicial e, somente com o passar dos dias, perdeu tal condição;
- b) 28 de março de 1982 foi a data em que o grupo incumbido da operação partiu de Buenos Aires, ingressando na Europa por Paris, onde a baixa qualidade da falsificação de seus passaportes já chamou a atenção;
- c) a escolha para a execução recaiu sobre os três montoneros, tendo como oficial de ligação Héctor Rosales, em virtude de se tratar de uma operação encoberta e o grupo ter sido alertado, por Anaya, de que se lograssem êxito, ninguém saberia, e se fracassassem, estavam agindo por conta própria;
- d) outro motivo que fez com que recaísse sobre *montoneros* a escolha foi o fato de, em caso de fracasso, ser baixa a probabilidade de alguém dar credibilidade a participação conjunta do grupo a mando das Forças Armadas, já que no ambiente interno eram “inimigos”;
- e) outra condicionante foi o fato de estarem os *montoneros* acostumados a se dissimularem no meio da população, de viver na clandestinidade;

- f) em 1975, Nicoletti, junto ao “careca Diego”, atacou, ainda no estaleiro, a embarcação *ARA Santísima Trinidad*, da marinha argentina;
- g) a previsão do ataque era para 8 maio 1982, e a antecedência da partida de Buenos Aires se justificava a fim de que os reconhecimentos necessários fossem realizados pelo grupo já no ambiente onde executaria a ação;
- h) seriam empregadas minas italianas na execução da tarefa do grupo, e a chegada delas ao continente europeu consistia em um problema, o qual foi resolvido remetendo-as desde Buenos Aires, por mala diplomática, até a embaixada argentina em Madrid, no Reino da Espanha;
- i) com o passar dos dias, as escassas oportunidades para realizar a ação fizeram com que a previsão inicial se dilatasse.

Em 31 de maio ocorreu a prisão do grupo pela polícia espanhola. Porém, o quarteto foi levado em aeronave de Algeciras até Madrid e de lá partiu com destino a Buenos Aires. Um dos motivos para o abafamento do ocorrido pela Espanha se deve ao fato de que aquele país estava em tratativas para ingresso na OTAN, além de não desejar embates diplomáticos, seja com a Argentina ou com o Reino Unido. Ainda naquele ano o Reino da Espanha foi admitido oficialmente como membro da Organização.

Figura 13 – Operação Algeciras



Fonte: Cassan (2012)

Uma das perspectivas sob a qual se pode analisar o conflito das Malvinas (1982) é buscando evidenciar aspectos que permitam jogar luz sobre os fins das políticas e estratégias marítimas e sobre o emprego e a constituição dos meios marítimos, com maior ênfase nos conceitos de “*Fleet in Being*”, Anti-Acesso (A2) e Negação de Área (AD), bem como relacioná-los com a Operação Algeciras e o afundamento do ARA Belgrano naquela conflagração.

Anti-acesso (*anti-access*, ou simplesmente A2) é a ação destinada a diminuir a implantação de forças adversárias em um teatro de operações ou fazer com que tais forças operem a partir de distâncias maiores em relação ao local do conflito do que de fato prefeririam. Afeta o movimento para uma área de operações. Geralmente envolve capacidades e ações de longo alcance.

Negação de Área (*Area Denial*, ou apenas AD) é a ação destinada a impedir operações do oponente ou restringir sua liberdade de manobra dentro de um teatro de operações. Afeta a manobra dentro de uma área de operações. São mais usuais ações de menor alcance do que as de A2.

Anti Access e *Area Denial* (A2/AD) significam, em linhas gerais, manter o oponente fora da Área de Operações (A2) ou, uma vez nela, limitar seu espaço de manobra (AD).

Outro conceito que pode ser identificado no tocante ao enfrentamento naval nas Malvinas é o de “*Fleet in Being*”, cuja tradução literal seria algo como “frota em ser”, algo que existe mas não é empregado diretamente, como se “estivesse apenas no papel”. Mais importante do que a tradução literal é o entendimento do que significa tal conceito. “*Fleet in Being*” é o contexto onde uma força naval se preserva por opção própria, isto é, evita o enfrentamento por entender que a frota oponente é mais poderosa. Pode, ainda, ser entendido como parte de uma ação de negação de área, com a intenção de manter o adversário com limitações em suas manobras (SPELLER, 2014).

Capacidades marítimas são fundamentais para contrapor ações de A2/AD. O emprego de A2/AD pode ser entendido, também, como uma ação dos “estrategicamente mais fracos” para enfrentar oponentes mais fortes. A Guerra das Malvinas é um caso clássico de um Estado estrategicamente “mais fraco” (Argentina) contra um reconhecidamente mais forte (Reino Unido). É um dos exemplos da relevância que deve ser atribuída ao desenvolvimento de capacidades para realizar ações de *Area Denial* (negação do uso do mar) a partir da sinergia de ações das forças aérea, terrestre e naval.

Contribuíram para a derrota argentina, concomitantemente, mais de um fator. A falta de capacidade para executar ações que atualmente são identificadas como sendo de anti-acesso (A2) e de negação de área (AD) está dentre os fatores.

Em 02 maio 1982, o HMS Conqueror atingiu e afundou o cruzador argentino ARA BELGRANO. O afundamento do ARA Belgrano teve uma consequência significativa a favor dos britânicos: os vasos argentinos se recolheram aos portos continentais e ali permaneceram até o final da conflagração. As forças argentinas não tiveram a capacidade de conduzir suas defesas na região, seja mantendo os britânicos fora do Atlântico Sul (A2) ou agindo em suas bases de apoio, como por exemplo, a Ilha de Ascensão. Tampouco foram eficientes na AD, quando os britânicos já estavam no ambiente operacional.

Ainda que não com a denominação e as características atuais, os argentinos adotaram na Guerra das Malvinas o “*Fleet in Being*”. Após o afundamento do cruzador argentino ARA Belgrano, causado pelo disparo de torpedos pelo submarino britânico HMS Conqueror, os demais vasos argentinos permaneceram em seus portos.

A adoção de um procedimento (recolhimento dos vasos aos portos) que hoje é consolidado como “*Fleet in Being*” (mas cujo emprego ocorre desde o século XVII) pode ser entendida como um dos fatores que contribuiu para que não houvesse uma grande perda de vasos pela *Armada de la República Argentina* (ARA).

Logo após a perda do ARA Belgrano, preponderou, para a marinha argentina, a navegação em águas negadas ao emprego de submarinos nucleares, o que ensejou a busca por águas menos profundas. Recolher os vasos às águas costeiras inviabilizou o emprego do porta-aviões ARA 25 de Mayo, o que condicionou o Grupo Aéreo Embarcado a operar desde as bases aéreas continentais (ARGENTINA, 1982, parágrafo 663).

A Operação Algeciras, por exemplo, pode ser entendida como uma clara tentativa de emprego de A2 por parte da argentina ou, caso tivesse sido desencadeada logo no início das operações e obtivesse êxito, poderia ter levado o Reino Unido à adoção de “*Fleet in Being*”, a fim de preservar seus vasos.

3.2 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Ocupar militarmente as Malvinas, ainda que tenha se revelado uma opção equivocada, pelo menos nas condições em que os eventos se desenvolveram, não foi a primeira opção argentina. A CAERCAS (ARGENTINA 1982) relata que desde 1965 a diplomacia da Argentina buscava uma solução que não fosse uma ação militar. Um memorando de

entendimentos de 1968 é um dos documentos dos embates diplomáticos que ocorreram até 1982. Fevereiro e março de 1982 foram dois meses de intensa atividade diplomática dos argentinos, inclusive na ONU, solicitando que o Reino Unido se inclinasse ao diálogo. Mesmo com a preparação militar, a Argentina não abandonou a intenção de solucionar a questão pela via diplomática.

O *Informe Rattenbach* (ARGENTINA, 1982) apresenta argumentos no sentido de que ações equivocadas no nível estratégico tiveram impacto tanto na esfera operacional quanto na tática. Antecipar a data para o desencadeamento da Operação Rosário foi um destes equívocos. A interpretação equivocada sobre a posição que seria adotada pelos EUA, foi outro.

Acreditando que os britânicos não enviariam tropas ao Atlântico Sul (outro erro), a Junta de Governo da Argentina foi surpreendida. Na busca por contrapor a reação britânica, uma das opções foi a tentativa, fracassada, de realização de uma ação de A2/AD, denominada Operação Algeciras, contra vasos britânicos em Gibraltar.

Um dos fatores a nível estratégico que não apenas viabilizou, mas também, favoreceu as operações britânicas, foi a cessão, pelos EUA, da base de Ascensão. Sem o uso daquela instalação, o emprego da *task force* seria inviável.

Com a Guerra em curso, as ações argentinas passaram ter como objetivo principal impedir o desembarque britânico nas ilhas. O capítulo a seguir contempla uma análise a esse respeito.

4 O DESEMBARQUE BRITÂNICO EM PUERTO SAN CARLOS: NÍVEL OPERACIONAL

O nível operacional é tratado a partir do livro “*Battle for the Falklands (1) Land Forces*” (Fowler, 1982) o qual apresenta elementos para o estudo de caso, uma vez que aborda, dentre outros aspectos, a operação militar britânica de desembarque em Puerto San Carlos, bem como a desinformação do Reino Unido que foi parte daquele contexto.

Ainda no tocante ao nível operacional, o manual de campanha (*Field Manual*) FM 34-130 (*UNITED STATES*, 1994), Preparação de Inteligência do Campo de Batalha (IPB, por sua sigla em inglês), preconiza que uma das principais tarefas da Inteligência diz respeito à formulação das linhas de ação do oponente. Doutrinariamente, pelo menos duas linhas opostas, ou seja, do inimigo que se enfrenta, devem ser concebidas, mesmo ante a exiguidade do tempo: a mais provável e a mais perigosa. O FM 34-130 é o manual de campanha do exército dos Estados Unidos da América (EUA) que trata da Atividade de Inteligência e seus trabalhos a fim de prover o decisor do melhor quadro possível, reduzindo ao mínimo possível os riscos.

A Junta Militar que governava a Argentina entendia que aumentar a pista do aeroporto de Port Stanley era uma ação valiosa, a fim de que a mesma comportasse o pouso e a decolagem das aeronaves de combate. Com o desencadeamento prematuro da Operação Rosário, tal intenção não pôde ser concretizada. O Comodoro Ruben Moro (MALVINAS..., [2014]), piloto militar e especialista na Guerra das Malvinas, argumenta que o simples aumento da extensão da pista não solucionava o problema argentino. Seria necessária toda uma estrutura que é peculiar à aviação de combate, tal como paióis, depósito de armamento para as aeronaves, áreas para manobras antes e depois das missões operacionais, áreas de refúgio e depósito de combustível.

O centro de gravidade¹ da *task force*, e, por conseguinte os porta-aviões HMS Hermes e HMS Invincible, estavam cerca de 170 km a sudeste das Malvinas. As bases aéreas de San

¹ Segundo o Manual de Campanha MD30-M-01 Doutrina de Operações Conjuntas (BRASIL, 2011), a definição de Centro de Gravidade é a seguinte: Centro de Gravidade (CG) 3.2.3.1 O foco do exame de situação é identificar o (s) CG do inimigo, suas Vulnerabilidades Críticas (VC) e concentrar poder de combate superior para explorá-las. 3.2.3.2 Da mesma forma, a destruição, eliminação ou neutralização do nosso próprio centro de gravidade nos levará à derrota. Isso implica na necessidade de identificar e proteger nosso (s) CG. 3.2.3.3 Um centro de gravidade pode incluir o conjunto das forças oponentes ou a sua estrutura de comando, a opinião pública, a vontade nacional ou a estrutura de uma coligação. 3.2.3.4 Via de regra, quanto mais elevado o nível de planejamento, menor o número de centros de gravidade e mais intangíveis eles se tornam. 3.2.3.5 Nos níveis operacional e tático, normalmente, os CG são forças militares específicas.

Julián, Río Gallegos e Río Grande, de onde operavam as aeronaves argentinas, estavam a aproximadamente 600 km das Malvinas. Ou seja, das bases continentais até a posição da força-tarefa do Reino Unido a distância a percorrer pelas aeronaves argentinas, para ir e regressar ao continente, era de quase 1.500 km, o que inviabilizava as operações por conta da autonomia dos aparelhos da Argentina. Da mesma forma, a distância que os britânicos estavam das Malvinas (170 km) era menor do que a terça parte da distância dos argentinos (600 km). Esta diferença de posicionamento se converteu em fator amplamente favorável ao Reino Unido.

O brigadeiro Horácio Crespo, comandante da Força Aérea Sul da Argentina durante a Guerra das Malvinas, assim abordou a restrição de emprego do porta-aviões ARA 25 de Mayo após o afundamento do Belgrano, bem como a imposição, pelo combate, de ter que empregar bases aéreas continentais: “Considerada a distância entre as nossas bases aéreas e as Malvinas, nós voávamos do continente e dispúnhamos de três minutos para operar no Teatro de Operações, em função da autonomia das aeronaves. Por sua posição mais próxima, os britânicos dispunham de 30 minutos para operar sobre as ilhas. (MALVINAS..., [2014])”

O General Mário Menéndez, Governador Militar das Malvinas e Comandante da Guarnição Militar das Malvinas, diretamente subordinado, na composição dos meios argentinos na guerra, ao Teatro de Operações do Atlântico Sul (TOAS), mencionou que, em uma apresentação para o alto escalão militar, indicou que havia pelo menos doze locais para os britânicos realizarem seu desembarque anfíbio (MALVINAS..., [2014]). Tal declaração pode ser entendida como um assessoramento, porém, em termos efetivos, não solucionou o principal problema argentino naquele momento, o qual se constituía em um EEI de alta prioridade: antecipar qual o provável local do desembarque anfíbio britânico.

Figura 14 - Desembarque Britânico em Puerto San Carlos



Fonte: IWM [19--?]

Figura 15 - Desembarque Britânico em Puerto San Carlos



Fonte: IWM [19--?]

4.1 DESINFORMAÇÃO

Os termos *engaño*, *deception*, “engano” e “desinformação”, na presente pesquisa, são considerados, em linhas gerais, sinônimos. A alternância do uso deles ao longo do texto está relacionada com a origem da bibliografia de cada trecho (idiomas espanhol, inglês e português).

O *Informe Rattenbach* (ARGENTINA, 1982, parágrafo 722), na III Parte – Avaliação e análise crítica, aborda a contrainteligência na Guerra das Malvinas, em seu nível operacional. Menciona que:

1. The ultra secret, por Winter Dell Publishing Co Inc; New York, 1975.
2. Bodyguard of lies por Antony Cave Brown; Harper y Row Publishers- New York, 1975 (2do. Volumen).

Estas dos publicaciones tratan la historia de la penetración británica del tráfico cifrado alemán durante la segunda guerra mundial y la extraordinaria capacidad desarrollada por los medios ingleses de contrainteligencia, para el conocimiento anticipado de la situación de su enemigo, y para el velo y engaño de sus propias acciones.

A Desinformação é uma ação executada para enganar deliberadamente os decisores adversários, induzindo-os a tomar ações específicas (ou deixar de tomá-las) que contribuam para a realização da missão das nossas forças. É aplicável, conforme menciona o JP 3-13.4 *Military Deception* (UNITED STATES, 2012), em todos os níveis de guerra, em toda a gama de operações militares, e pode ser conduzida durante todas as fases das operações.

O planejamento militar deve, sempre que possível e adequado, contemplar a realização de fintas, o uso de artifícios, de demonstrações e de exibições como forma de engano contra o adversário, conforme preconiza o FM 6-0, *Commander and Staff Organization and Operation* (UNITED STATES, 2014).

O FM 34-130 (UNITED STATES, 1994) *Intelligence Preparation of the Battlefield* (IPB), preconiza que a “preparação de inteligência” consiste em:

- a) analisar o campo de batalha;
- b) analisar os efeitos que este sofre em virtude de clima, vegetação, hidrografia e solos, dentre outros aspectos;
- c) avaliar a ameaça;
- d) indicar quais as prováveis linhas de ação do oponente.

No que diz respeito à avaliação da ameaça, há que se determinar as capacidades e a doutrina de emprego do adversário. Se busca estimar (caso não disponha de dados sobre o inimigo) ou atualizar as matrizes doutrinárias, o modo de atuação mais usual e suas táticas e procedimentos de combate e, também, identificar os alvos mais compensadores do oponente.

O estudo específico do modo de emprego, das táticas e procedimentos permite conceber quais os critérios de decisão que o adversário normalmente adota. Chegar a tais conclusões é extremamente útil para a força amiga no que diz respeito à formulação das linhas de ação passíveis de adoção pelo inimigo, ao planejamento de busca de alvos e, principalmente, na elaboração do Plano de Desinformação ou de Engano (*Deception Plan*) que se pretende executar.

Ainda em relação ao FM 34-130 (UNITED STATES, 1994), o manual preconiza que, ao avaliar e atribuir prioridade às Linhas de Ação do adversário (normalmente uma força formula mais de uma linha de ação, logo, ao simularmos as linhas de ação do oponente também devemos considerar mais de uma possibilidade) deve-se considerar a possibilidade de que a ameaça tenha escolhido a segunda ou outra opção de Linha de ação, mas por meio da desinformação sugira ter escolhido a primeira, a mais óbvia.

Este foi um equívoco argentino: os britânicos não escolheram a Linha de Ação mais provável (desembarque em *Port Stanley*). O Reino Unido optou por uma das mais arriscadas e perigosas linha de ação (desembarque anfíbio em Puerto San Carlos). O FM 34-130 menciona que “*Consider the possibility that the threat may choose the second or third “best” COA*

while attempting a deception operation portraying acceptance of the “best” COA²” (UNITED STATES, 1994, p. 2-44).

Outra importante missão da Inteligência, segundo o manual EB 70-MC-10.307 (BRASIL, 2016c) é a definição a respeito de quais são as chamadas Necessidades de Inteligência, as quais se traduzem, em síntese, em quais os dados são necessários para cumprir o papel de reduzir os riscos para a manobra da tropa amiga.

O Almirante Woodward, argumenta que, em 1982, *deception* ou desinformação já eram uma prática comum na guerra moderna, com o fim de induzir o oponente a se equivocar na interpretação de nossas verdadeiras intenções. A desinformação, segundo o comandante britânico, é a única forma de uma força prevalecer sobre um adversário melhor localizado, ou seja, em vantagem no terreno onde defende (WOODWARD, 2012). Os britânicos concebiam que os argentinos estavam melhor localizados e em vantagem para as ações defensivas.

Woodward sabia que era fundamental que a desinformação não gerasse contradições, para não permitir ao oponente a percepção da tática adotada. Desde que deixara o Hemisfério Norte, a força britânica já empregava a *deception*, plantando informações que davam a entender ao Chefe da Junta de Governo da Argentina, General Leopoldo Galtieri, que era possível aos ingleses desferir um ataque sobre a capital portenha, Buenos Aires (WOODWARD, 2012).

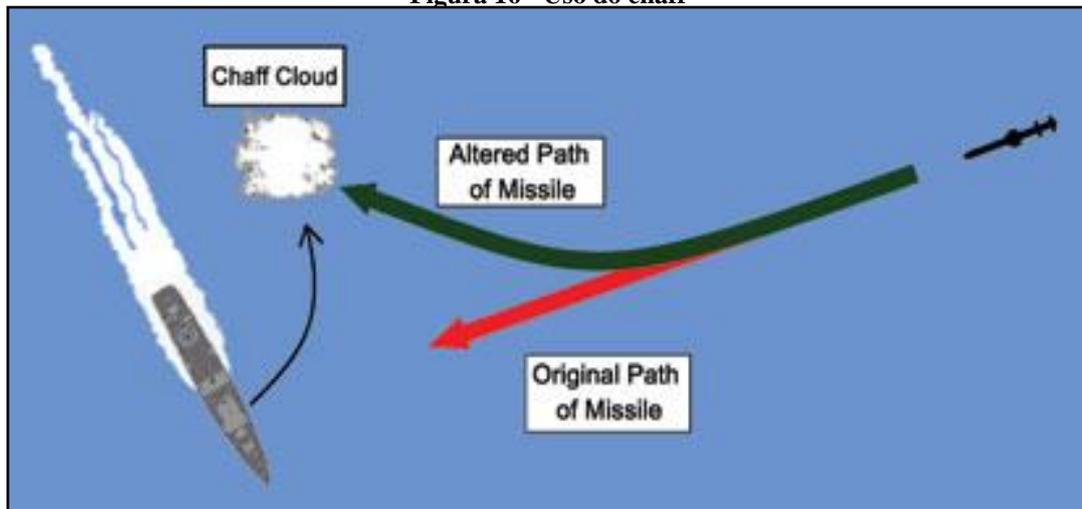
Uma vez na região de conflito, a *task force*, relata Woodward, empregava ações de desinformação com o uso do *chaff*³ lançado por vetores como foguetes e projéteis a partir de

² COA, abreviatura de *Course Of Action*, cuja tradução livre é Linha de Ação.

³ *Chaff* é uma contramedida de radar em que aeronaves ou outros alvos espalham uma nuvem de pequenas e finas peças de alumínio, fibra de vidro metalizada ou plástico, que aparecem como um conjunto de alvos primários em telas de radar ou inundam a tela com múltiplos retornos. Segundo MORALES (1993), já no contexto do desembarque aliado na Normandia, em 1944, durante a 2ª Guerra Mundial há o emprego de *chaff* como forma de engano, ou seja, a fim de desinformar o adversário. Na iminência da ação, já com o deslocamento de embarcações para o desembarque, o *chaff* foi empregado a fim de confundir os radares do eixo e induzir à percepção de que a frota que navegava era ainda maior. Ainda segundo o autor, na Guerra do Yom Kippur os israelenses também empregaram *chaff*, para iludir os mísseis SAM-6 do oponente e permitir que as suas aeronaves, voando a baixas altitudes, lograssem obter êxito nos ataques que desferiam. Finalmente, MORALES (1993) alerta que o uso do *chaff* em locais onde há fortes ventos se converte em ação arriscada, uma vez que a dispersão do material lançado ocorre de maneira muito rápida, deixando o verdadeiro alvo a descoberto novamente. Por longos anos se inferiu, haja vista que tal inferência era aceita como possível ou, até mesmo, provável, que no caso do afundamento da fragata britânica HMS Sheffield, no contexto da Guerra das Malvinas, os fortes ventos da área não permitiram a negação do alvo aos argentinos. Supunha-se que mesmo tendo os britânicos empregado o *chaff* a janela temporal da eficácia foi muito curta. Aeronaves Super Étendard dispararam duas vezes contra o Sheffield. Um dos mísseis Exocet, de fabricação francesa, atingiu o vaso britânico, levando 20 ingleses à morte e ferindo outros 26. O HMS Sheffield naufragou. Porém, em um relatório da comissão de inquérito sobre a perda do Sheffield, cujos dados parciais foram divulgados em 2006 e que somente veio à luz por completo em 2017, fica claro que, dentre outras falhas ocorridas naquele momento na embarcação, uma foi justamente não lançar nenhuma nuvem de *chaff*. Não menos relevante que qualquer falha britânica no caso em tela foi a obtenção da surpresa pelos argentinos.

aeronaves ou embarcações, com o intuito de iludir o apoio de fogo ou os meios de obtenção⁴ do oponente, desviando munições ou sugestionando um número de meios dispostos no mar em quantidade maior do que o que realmente existia. O emprego do *chaff* ensejava uma continuidade de medidas, a fim de realmente lograr iludir os meios de obtenção argentinos, caso contrário, em nova investida de sensores a *deception* se revelaria e não cumpriria sua finalidade (WOODWARD, 2012).

Figura 16 - Uso do chaff



Fonte: Defence frontline online (2011)

Ao optar pelo emprego da desinformação, Sandy Woodward determinou a realização de ações com potencial para levar o alto comando argentino ao entendimento, equivocado, de que os britânicos iriam realizar um assalto frontal na região de Port Stanley. A força terrestre argentina empregava doutrina estadunidense (*US Marines*). Há que considerar que os estadunidenses eram, naquele momento, “mentores” dos argentinos no que diz respeito ao modo de combater. Por concepção, a tropa dos Estados Unidos da América, em virtude da qualidade e da quantidade de meios dos quais dispõe, não hesita em “entrar pela porta principal” nos teatros de operações que expugna. Norte-americanos e britânicos são tradicionais aliados. Pareceu, até certo ponto, lógico para os argentinos que os britânicos iniciariam a retomada do arquipélago pela capital, Port Stanley, a “porta principal”. Outra

⁴ Segundo o manual EB 20 MF 10-107 (BRASIL, 2015), Os meios de obtenção estão distribuídos pelos vários elementos de emprego de uma força e são executados em tarefas inerentes às operações militares, tais como: a) vigilância e reconhecimento (terrestre, naval e aéreo); b) patrulhas de qualquer tipo; c) ações de combate; d) entrevistas do pessoal que participa, diretamente ou indiretamente, do esforço de combate; e) exame e análise de documentos e materiais; f) interpretação de imagens fotográficas e satelitais; g) exploração do espectro eletromagnético e do ambiente cibernético; h) observação e escuta (sensores); i) busca de alvos (especialmente por radares e sonares).

decorrência da desinformação do Reino Unido foi a convicção, errônea, argentina de que o “D-Day” (dia “D”⁵) seria 1º maio 1982 (WOODWARD, 2012).

Estimar que os argentinos soubessem como “prever” a manobra britânica contribuiu sobremaneira para que a desinformação inglesa fosse centrada em reforçar tal premissa. A conclusão do comandante da *task force* sobre a conduta argentina em relação à provável decisão britânica (abordar *Port Stanley*) não deve ser entendida como mero golpe de sorte, mas como produto do assessoramento do estado-maior da força tarefa do Reino Unido.

O plano de *deception* dos ingleses incluía ataques ao aeródromo de Port Stanley e à região de Goose Green, a fim de convencer os argentinos de que realmente as ações começariam pela capital e, principalmente, detectar a localização das defesas argentinas, o que seria relevante sob a ótica de obter dados que os meios de obtenção da Inteligência britânica ainda não haviam sensoriado.

A atual doutrina norte-americana, especificamente as publicações JP 3-13.4 *Military Deception* (UNITED STATES, 2012) e JP 3-02 *Amphibious Operations* (UNITED STATES, 2019), indicam que em apoio a uma operação principal podem ser executadas outras, denominadas operações de suporte. A *deception* é uma destas, normalmente utilizada para confundir o oponente, dentre outros aspectos, no que diz respeito às intenções futuras de determinada força. Induzir o oponente à uma percepção equivocada é uma síntese das *Deception Operations*.

Na noite de 14 maio 1982, uma equipe do *Special Air Service* (SAS), tropa de elite das Forças Especiais do Reino Unido, realizou uma ação em proveito da *Operation Sutton* (desembarque britânico em Puerto San Carlos, o qual somente ocorreria em 21 de maio), agindo contra um pequeno aeródromo em Pebble Island, no extremo norte da West Falkland (Gran Malvina, para os argentinos), a ilha que não seria objeto do desembarque anfíbio⁶, tampouco do estabelecimento de uma cabeça-de-praia. Ou seja, com o claro objetivo de iludir os argentinos quanto ao real local planejado pelo Reino Unido para o desembarque e excluir a possibilidade de um contra-ataque argentino a partir de Pebble Island.

Os britânicos usaram tanto o engano estratégico quanto o operacional durante a guerra. No nível estratégico, isso foi conseguido através da publicação, pela mídia britânica, de

⁵ Na terminologia militar o Dia “D” é aquele em que se iniciam operações ou ataques.

⁶ Segundo o manual EB 70-MC-10.223 Operações (BRASIL, 2017), uma operação anfíbia (Op Anf) consiste em um desembarque de forças terrestres em litoral defendido por forças oponentes, ou em sua retirada de um litoral, por meios navais, em virtude da ação do adversário. Integra forças navais, terrestres e aéreas em um esforço militar unificado. A finalidade principal de uma operação anfíbia é a conquista de uma cabeça-de-praia para permitir o lançamento de uma ofensiva terrestre.

diferentes nomes de embarcações que haviam navegado para o Atlântico Sul, algumas das quais sequer fizeram parte da *task force*.

Operações de desinformação foram realizadas também para apoiar especificamente o desembarque em San Carlos. Denominada de Operação Tornado (PAGET, 2017, p. 7), a desinformação consistiu na realização de várias ações destinadas a enganar os argentinos a respeito de onde e quando os desembarques ocorreriam e incluiu o vazamento intencional de informações falsas, bombardeios aéreos e navais nas Malvinas, e emprego de Forças Especiais. O SAS também atacou as forças argentinas em Darwin, na primeira ação da Operação Sutton. A intenção era que esta ação distraísse as forças argentinas próximas a San Carlos, de modo a impedir que interferissem na condução da operação Sutton (WOODWARD, 1982; PAGET, 2017; PAGET, 2018).

A respeito da Operação Tornado, a mesma foi concebida para induzir os argentinos a entender que os britânicos desembarcariam em Port Stanley. Ações de engano foram realizadas por frações de tropas integradas por forças especiais britânicas em Goose Green, a fim de manter distraídas as guarnições argentinas ali instaladas. Emissões falsas de comunicações⁷ britânicas se intensificaram próximo a 20 maio 1982 (PAGET, 2018; WARD, 2007).

Special Forces do Reino Unido fizeram incursões próximas a capital das Malvinas a fim de plantar informações falsas junto aos habitantes locais e a deixar, intencionalmente, materiais que corroboravam a tese de que o desembarque se aproximava e que de fato ocorreria naquele setor (WARD, 2007).

Cerca de 40 homens do SAS fizeram uma aproximação noturna carregada com uma mistura de armas para dar a impressão de um ataque de batalhão completo. Foram realizadas, também, ações de aeronaves britânicas com bombardeios de fustigamento em Lively Island e entre Port Stanley e Choiseul Sound, tudo na costa leste da East Falkland (Isla Soledad, para os argentinos).

Ou seja, o objetivo maior da Operação Tornado era ratificar a leitura equivocada das tropas argentinas de que o maior foco dos ingleses era a região da capital das ilhas, deixando, assim, menos complicada a tarefa em Puerto San Carlos (FREEDMANN, 2005; FOWLER, 1982; PAGET, 2018).

A matéria veiculada pelo periódico *La Vanguardia*, de Barcelona/Espanha, na véspera do desembarque britânico, serve para dimensionar a consistência da desinformação britânica.

⁷ São indicadores da iminência do desencadeamento de um ataque segundo o manual C 11-1 (BRASIL, 1997, p. 6-10 e 6-11).

A notícia aponta, também como entendiam os argentinos, para o início das ações terrestres a partir de Fox Bay, de San Salvador ou de Port Stanley.

Figura 17 - Página 14, do jornal La Vanguardia (Barcelona, Espanha) de 20 maio 1982

JUEVES, 20 MAYO 1982 INTERNACIONAL LA VANGUARDIA • 13

Horas cruciales y decisivas en el conflicto de las Malvinas

Pérez Esquivel
«Detened la guerra»

Londres. — Adolfo Pérez Esquivel, el argentino que ganó en 1980 el premio Nobel de la Paz, hace, hoy, en «The Times», un llamamiento a la paz en el conflicto de las Malvinas. «Detened la guerra, no puede haber un triunfador», dice.

Pérez Esquivel admite que comparte la opinión de que las islas Malvinas pertenecen a Argentina, pero aclara que no justifica la decisión del Gobierno militar de usar la fuerza.

Agrega que «el pueblo argentino ha sido mero espectador» y que «muchos países que ahora expresen su indignación por la dictadura argentina, le han dado a ésta, antes del conflicto, su apoyo económico y militar».

«Por eso es que la posición de los Estados Unidos es inaceptable», subraya Pérez Esquivel.

El premio Nobel de la Paz dice en «The Times» que el régimen argentino

BARCOS CLAVE EN UNA INVASION

NAVIOS DE GUERRA
Fragatas tipo 22 con misiles «Sea Wolf» y aviones

Destructores clase «County» con cañones automáticos de 114 mm.
Fragatas clase «Rothesay»
Fragatas tipo 21

2 BUQUES DE ASALTO
«Fearless» e «Intrepida» con lanchas de desembarco (capacidad: 100 hombres c/u)

2 PORTA AERONAVES
«Hermes» e «Invencible» con cazabombarderos «Sea Harrier» para cobertura aérea

5 BUQUES DE DESEMBARCO LOGISTICO
Transportan vehículos, combustible y munición

BUQUES DE TRANSPORTE DE TROPAS
SUBMARINOS
Protectores de los buques

Londres
Caen la libra y la Bolsa

Londres. — El creciente pesimismo por la situación en las Malvinas ocasionó ayer una importante caída de la Bolsa londinense y una disminución de la cotización de la libra.

Las acciones de la Bolsa experimentaron una fuerte caída en su valor cuando a media mañana se conocieron las declaraciones de la primer ministro que dijo que las últimas propuestas para la paz no eran muy alentadoras.

En su peor momento, el índice de la Bolsa había bajado 12,1 puntos, pero al final de la jornada, y tras una breve recuperación, el índice al cierre fue 10,5 puntos menos que la sesión del martes.

Elo supuso que el valor global de las acciones del mercado londinense perdió 790 millones de libras esterlinas (1.746 millones de dólares).

En tres semanas, el índice de la Bolsa londinense

Puntos probables de desembarco

ESTRECHO DE SAN CARLOS (FALKLAND SOUND)

1.500 soldados argentinos
1 batallón con base en Fox Bay

7.500 soldados argentinos
1 batallón con base en Port Darwin
4 batalliones con base en Port Stanley

Servicio cartográfico «La Vanguardia»

Lugares, pros y contras del posible desembarco

Fonte: Adaptado de 1982 Malvinas [20—?]

4.2 DESEMBARQUE ANFÍBIO EM PUERTO SAN CARLOS

Desembarcar em San Carlos foi uma surpresa imposta pelos britânicos aos argentinos, que concebiam em seus planejamentos que o desembarque se daria em Port Stanley. Em virtude da escassez de minas para empregar, a tropa sul-americana optou por minar as águas próximas à capital das Malvinas, o que se revelou um erro grave, uma vez que o estabelecimento da cabeça-de-praia britânica em San Carlos foi exitoso e, a partir dele, as ações em terra passaram a ter a prevalência dos europeus sobre os argentinos.

O Almirante Carlos Robaccio (MALVINAS..., [2014]), comandante do 5º Batalhão de Infantaria da Marinha durante a Guerra das Malvinas, afirmou que eram 37 as minas que possuíam os argentinos para empregarem, judiciosamente, nos prováveis locais de desembarque. *Puerto San Carlos* não foi uma das opções de minagem das forças argentinas.

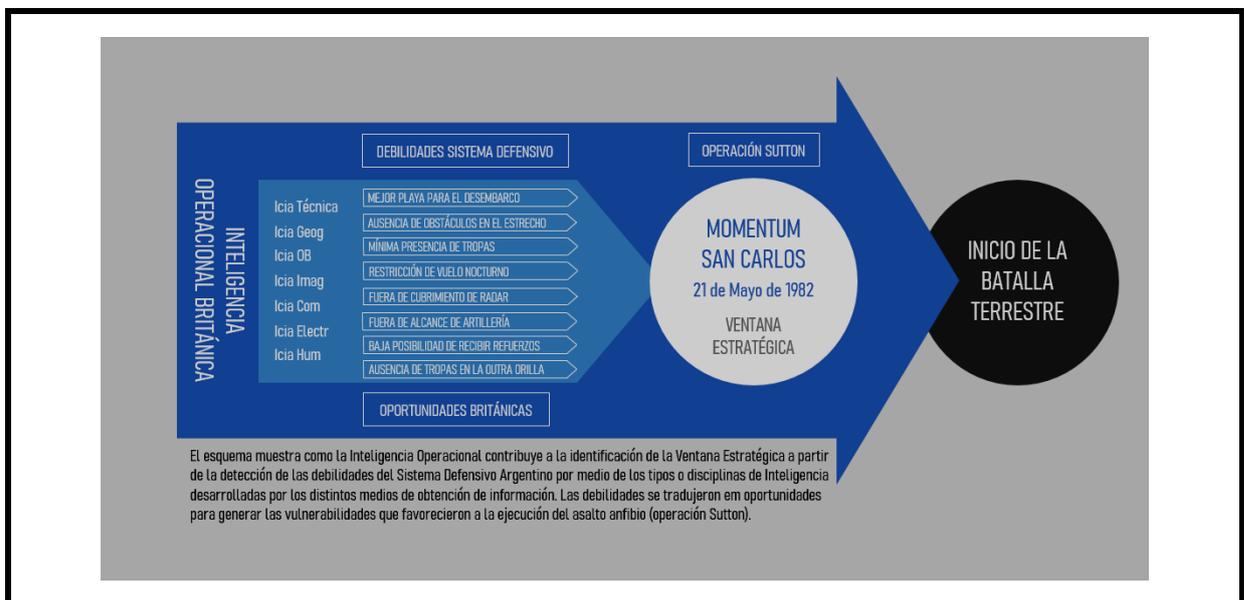
O General Martín António Balza (MALVINAS..., [2014]), Comandante do Grupo de Artilharia nº 3 na Guerra das Malvinas, afirmou que a inteligência naval argentina dizia que a opção britânica nunca seria pelo desembarque em *Puerto San Carlos*, tendo em vista que

ficariam expostos aos ataques argentinos. Portanto, não escolheriam este local para estabelecer uma cabeça-de-praia. Assim, apoiados nesta premissa equivocada da inteligência no nível operacional, não foram colocadas minas no estreito de San Carlos.

Train (1987), mencionou em um artigo publicado no Boletín del Centro Naval Argentino: *“Analizamos el curso que la guerra terrestre pudo haber tomado si las fuerzas de Gran Malvina hubieran estado en San Carlos, forzando a los británicos a establecer su cabeza de playa en Gran Malvina en lugar de Soledad, porque esto es lo que hubieran hecho”*.

A frase acima é um dos fatores que instigaram a presente pesquisa. Este trabalho objetiva analisar em que medida a Inteligência contribuiu para a exitosa Desinformação britânica no contexto do desembarque anfíbio realizado em Puerto San Carlos, a fim de enfatizar, nos ambientes social e acadêmico, os resultados que uma Força pode obter a partir do judicioso emprego dos seus meios de obtenção de dados, bem como em que medida eles contribuem com as demais funções de combate.

Figura 18 - Produtos da inteligência britânica em proveito do desembarque em San Carlos



Fonte: ESBRY (2016)

A fim de efetivamente realizar o desembarque em San Carlos, e na ausência de sensores (humanos, eletrônicos, de sinais ou de imagens) para empregar no estreito homônimo, o comando da task force optou por empregar a fragata HMS Alacrity a fim de certificar-se da inexistência de campos de minas na área. Foi um risco, contraposto pela

grande quantidade de baixas que os britânicos teriam caso optassem por iniciar a *Operation Sutton* sem ter garantias de que as águas locais não estavam minadas.

No documentário “*Malvinas contado por los ingleses*”⁸, Sandy Woodward, comandante da task force britânica, comenta que deu a ordem e o comandante da fragata sabia de que se tratava, mas não a contestou.

Os argentinos não tinham consciência situacional a respeito do que ocorria nas ilhas. O Reino Unido, por sua vez, obteve superioridade de dados, de Inteligência e de comunicações durante o conflito. Os comandantes britânicos sabiam que o momento da execução do desembarque propriamente dito era o de maior exposição e vulnerabilidade das tropas do Reino Unido. Segundo o documentário de *History Channel* “*La guerra desde el aire*” (1982:..., 2020), ainda que exímios nos combates ar – ar, com o emprego dos mísseis estadunidenses *Sidewinder* AIM9L, era esperado o contra-ataque da Argentina com o emprego da aviação naval e, provavelmente, dos *Super Étendard* com os mísseis franceses ar – superfície Exocet AM 39⁹. Os contra-ataques ocorreram e foram majoritariamente com o emprego da força aérea.

Com seus vasos intencionalmente dispersos no estreito de San Carlos quando do desembarque, a intenção do comandante da *task force*, sabedor do pouco tempo do qual dispunham as aeronaves argentinas, objetivava que o curto lapso temporal que os pilotos da força aérea argentina tinham para definir o alvo a ser abatido se convertesse em vantagem britânica no sentido de que as naves mais valiosas fossem preservadas, como os HMS Hermes, Invincible, Fearless e Intrepid, bem como as de apoio logístico. Voando a baixa altitude para se furtar dos meios de obtenção do Reino Unido, as aeronaves argentinas tinham duas condicionantes em suas missões contra a frota britânica no estreito:

- a) a primeira dizia respeito a um retardo nas espoletas, a fim de evitar que a baixa altitude da aeronave permitisse que a explosão instantânea afetasse o atacante;
- b) a segunda, relacionada ao tempo, impunha às aeronaves a execução de disparos contra os primeiros objetivos que surgissem, normalmente as fragatas.

A questão do retardo na espoleta fez com que algumas naves britânicas fossem impactadas por artefatos disparados por aeronaves argentinas, sendo varadas pelos mesmos sem que ocorresse a explosão. Alguns vasos britânicos escaparam do naufrágio em função destas circunstâncias (MALVINAS..., [2014]).

⁸ Documentário disponível no site de vídeos Youtube (MARINONI, 2014).

⁹ Documentário disponível no site de vídeos Youtube (1982:..., 2020).

O Reino Unido, signatário da Organização para o Tratado do Atlântico Norte (OTAN), executava eficiente doutrina de Guerra Eletrônica, empregando medidas de interferência nas comunicações argentinas entre o arquipélago e o continente e entre unidades vizinhas, impedindo ligações e difundindo mensagens falsas.

A Argentina nunca pôde reabastecer ou reforçar suas tropas terrestres após o início dos combates. Ao contrário dos britânicos, os sul-americanos nunca obtiveram sinergia em suas ações, o que fere de morte a obtenção do pleno Comando e Controle (C2, por sua sigla no idioma inglês), que é uma das funções de combate (SPELLER, 2014).

Segundo o hoje Comodoro argentino Jorge Barrionuevo, piloto que combateu nas Malvinas, outra deficiência nos contra-ataques argentinos se deve ao fato de que as aeronaves da Argentina não eram equipadas com contramedidas eletrônicas, o que inviabilizava a detecção e o ataque aos radares e lançadores do Reino Unido (MALVINAS..., [2014]).

Algumas das operações de guerra naval requerem algum tipo de controle do mar. Há conflitos em que o controle do mar foi parcial, como foi o caso nas Malvinas, onde os britânicos nunca neutralizaram totalmente a ameaça da Força Aérea da Argentina contra a *task force*. Porém, por meio do que pode ser classificado como “controle episódico”, os britânicos lograram desembarcar e estabelecer sua cabeça-de-praia em *Puerto San Carlos*, mesmo sofrendo a baixa de embarcações naquela batalha (SPELLER, 2014).

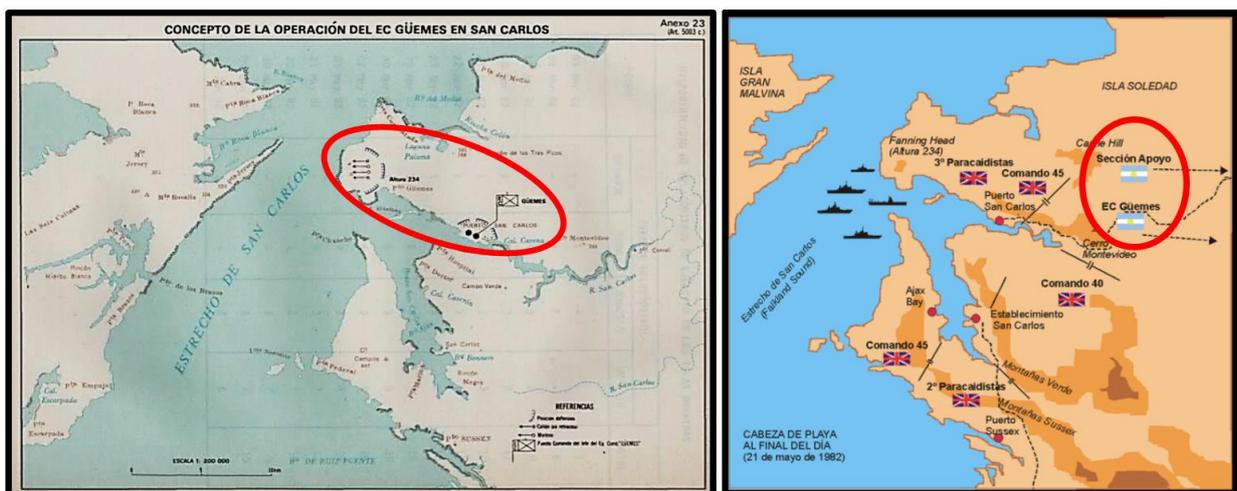
Figura 19 - Operation Sutton



Os assaltos anfíbios, como foi o caso da *Operation Sutton* nas Malvinas, devem apresentar como requisito a celeridade no que diz respeito a estar em condições de reagir ante um eventual contra-ataque das posições adversárias ali estabelecidas. Aqui cabe a ênfase no sentido de indicar que os argentinos não contra-atacaram. Se o tivessem feito, colocariam a tropa britânica em situação de extrema dificuldade. Cabe lembrar que as principais defesas argentinas estavam em Port Stanley, local concebido como o provável desembarque das tropas do Reino Unido (SPELLER, 2014).

Conforme já mencionado nesta pesquisa, doutrinariamente, pelo menos duas linhas de ação opostas devem ser concebidas pela função de combate inteligência, mesmo ante a exiguidade do tempo: a mais provável e a mais perigosa. No caso argentino, em relação ao desembarque britânico em San Carlos, espantosamente a linha de ação mais perigosa para o oponente não foi considerada, uma vez que os argentinos concebiam que os britânicos corriam o risco de engajamento (tornar-se vulnerável aos fogos) no estreito entre as duas ilhas (Gran Malvina e Soledad, para os argentinos, e West Falkland e East Falkland, respectivamente, para os britânicos) e, como tal, não empregaram minas navais contra a marinha britânica naquele local.

Figura 20 - Defesas argentinas em San Carlos



Fonte: Adaptado de 1982 Malvinas (2008)

San Carlos, conforme já abordado na presente pesquisa, não era vislumbrada, pelos argentinos, como sendo de elevada probabilidade de desembarque anfíbio britânico, uma vez que a desinformação dos ingleses (Operação Sutton) obteve êxito e a percepção argentina

considerava Port Stanley, Darwin – Goose Green e Fox Bay como locais prioritários a defender. A convicção argentina se materializou no efetivo militar que desdobrou em San Carlos: um esquadrão (tropa valor subunidade, ou seja, uma fração de uma tropa valor batalhão/regimento). Foi empregada uma Equipe de Combate¹⁰ (cuja sigla é EC) denominada Güemes¹¹. O esquema de manobra (mapa da esquerda) ilustra o conceito da operação das tropas argentinas no mencionado local, com posições defensivas e emprego de canhões e morteiros, antes do desembarque inglês. No mapa da direita (após a consolidação da cabeçade-praia do Reino Unido, ao final do dia 21 maio 1982) a Equipe de Combate argentina já perdeu terreno e a tropa inglesa já se reorganizava para, a partir dali, conquistar as alturas dominantes da East Falkland (Isla Soledad) e atingir Port Stanley.

4.3 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Quando se estuda um adversário ou, como menciona o Manual EB70-MC-10.307 Planejamento e Emprego da Inteligência Militar (BRASIL, 2016c), quando se avalia a ameaça (o oponente), há alguns fatores que não podem ser negligenciados.

Sobre as Necessidades de Inteligência, o EB70-MC-10.307 (BRASIL, 2016c) diz “... é relevante conhecer a organização e os efetivos da ameaça (deduzidos de sua Ordem de Batalha), assim como os seus procedimentos táticos, articulação e possíveis linhas de ação.” O mesmo Manual menciona, a respeito das atribuições do Oficial de Inteligência, que uma delas é “Determinar a doutrina, técnicas, táticas e procedimentos empregados pelo oponente.”

O Capítulo VIII do mesmo Manual de Planejamento e Emprego da Inteligência Militar é dedicado à “Avaliação da Ameaça”, a qual é definida pela publicação da seguinte forma: “A Avaliação da Ameaça consiste na determinação das capacidades da força adversária e os princípios e técnicas, táticas e procedimentos (TTP) que a ameaça prefere empregar.”

Analisados os fatos e a doutrina, conclui-se que:

- a) Woodward, como Comandante da *task force* estava assessorado por um Estado-Maior, onde uma das frações é a Inteligência;

¹⁰ Segundo o Manual RC-2-2 Conducción para las fuerzas terrestres (Ejército Argentino, 1983), A Equipe de Combate (EC) é uma agrupação temporária, sob comando único, com a finalidade de cumprir missão em uma operação ou missão específica, com efetivo inferior a uma Unidade de valor Batalhão/Regimento, sendo, normalmente, uma subunidade orgânica daqueles. Pode ser, ainda, uma seção de uma subunidade, reforçada por outros elementos que não lhe são orgânicos. No caso em tela, a EC era uma fração do 25º Regimento de Infantaria.

¹¹ Alusão ao herói argentino das guerras de independência contra a Espanha, Martín Miguel de Güemes.

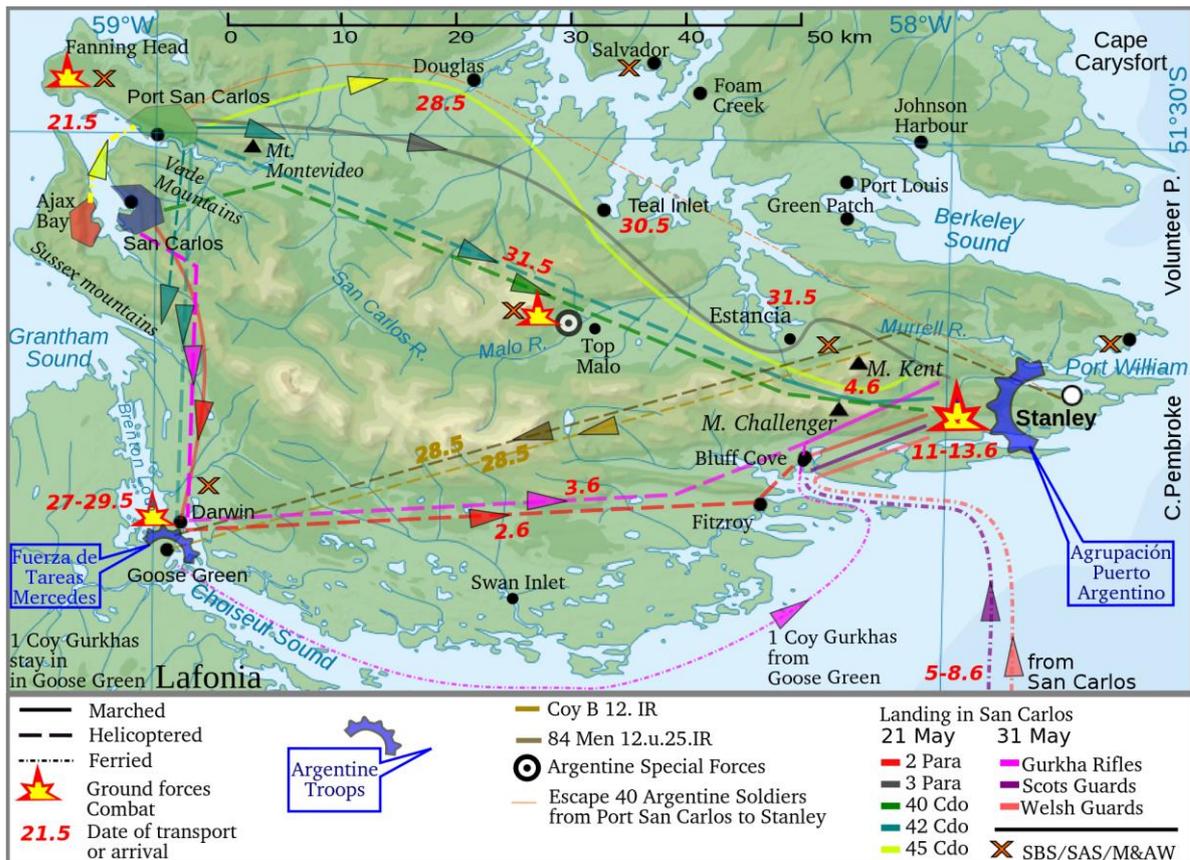
- b) as relações de aliança entre Estados Unidos e Reino Unido, bem como de influência doutrinária de um em relação ao outro e dos norte-americanos em relação aos argentinos facilitavam a “previsão” do Almirante inglês;
- c) a “previsão” de Woodward se apoiava, em certa medida, no assessoramento da sua Inteligência, ou seja, era muito mais um produto analítico do que mero subjetivismo;
- d) a Inteligência britânica sabia que a Inteligência do adversário tinha condições de avaliar as táticas e procedimentos de emprego em combate usualmente empregados pelos ingleses, dada a proximidade com os estadunidenses. Logo, não proceder da forma usual e desinformar os argentinos a respeito desta intenção foi a linha de ação da *task force*.

A desinformação britânica, dando a entender que atacaria *Port Stanley*, estava sincronizada com os dados da Inteligência a respeito da percepção dos argentinos (a missão da tropa argentina, desde 08 de abril, era de que os locais a defender eram *Port Stanley*, *Fox Bay* e *Darwin – Goose Green*). A simbiose entre Inteligência e Desinformação foi fundamental para o êxito do desembarque anfíbio britânico de 21 maio 1982, a fim de estabelecer uma cabeça-de-praia e, não menos importante, impor a surpresa, um dos princípios de guerra, aos argentinos. Inteligência e Desinformação foram complementares.

Se assumirmos como verdadeira a premissa de que o desembarque em San Carlos foi decisivo para o êxito do Reino Unido na conflagração, impõe atribuir papel preponderante à exitosa relação entre a Desinformação e a Inteligência no desenlace daquela Guerra.

O presente trabalho não tem a pretensão de dar à Inteligência papel mais relevante do que aquele que ela efetivamente tenha desempenhado. Porém, é significativo mencionar que a Função de Combate Inteligência não ficou aquém de nenhuma outra na Operação Sutton.

Figura 21 - Combates a partir do desembarque anfíbio britânico em Puerto San Carlos



Fonte: Fonte: British... (2020)

A partir de uma análise da figura 21 e de sua legenda, é possível dimensionar o quão decisivo foi para os britânicos o êxito em *Puerto San Carlos*:

- um período de 24 dias foi o que os britânicos empregaram do desembarque para estabelecer a cabeça-de-praia (21 de maio, indicado na figura com o formato “21.5”, na cor vermelha) até a conquista de Port Stanley (“13.6” na figura);
- forças especiais da marinha (SBS) e da Força Aérea (SAS), reforçados por especialistas em combate em montanha e na neve (M&AW), tropas reconhecidas como de elite, foram empregados pelos britânicos em *Fanning Head*, *Darwin*, *Salvador*, *Mount Kent* e *Port William*;
- além da maioria da tropa que desembarcou em *Puerto San Carlos* em 21 de maio de 1982, dez dias depois (31 de maio) desembarcaram tropas de tradição e experiência em combate: *Gurkhas* (nepaleses), e unidades de Guardas Escoceses e Galezes;
- após o desembarque anfíbio de 21 de maio, os britânicos avançaram pela *Isla Soledad* empregando marchas a pé, aeronaves de asa rotativa e embarcações.

5 A PERDA DO BELGRANO: NÍVEL TÁTICO

Este capítulo analisa o papel da inteligência na decisão de arremeter, no dia 30 de abril, com o cruzador ARA Belgrano, resultando no ataque por parte do submarino britânico de propulsão nuclear HMS Conqueror e no afundamento do vaso argentino, levando à morte 323 dos cerca de 1.100 tripulantes da embarcação. Ao longo do conflito o número de baixas da Argentina atingiu 649, ou seja, o naufrágio responde por aproximadamente 50% das baixas do país sul-americano na contenda.

O ARA Belgrano era tido pelos britânicos como uma ameaça, principalmente em virtude de possuir canhões de 152mm (6 polegadas) e da capacidade de realização de tiros indiretos com alcances de até 25 km. A Artilharia de Campanha, por exemplo, emprega, normalmente, dois calibres: 105mm e 155mm. Ou seja, o calibre dos canhões do Belgrano eram comparáveis à Artilharia de Campanha de 155mm, cujos Grupos de Artilharia são normalmente empregados em apoio às Divisões de Exército, dado o alcance de seus disparos, da ordem de 20 km. Héctor Bonzo, Almirante, que era o capitão de cruzeiro do ARA Belgrano à época da Guerra das Malvinas, menciona, no documentário *“La historia que pudo ser”* que o vaso era parte de uma manobra que buscava impor a surpresa e atacar, com o ARA *25 de Mayo*, a força-tarefa britânica (MALVINAS..., [2014]). Ou seja, o ARA Belgrano estava em missão de combate.

As forças armadas da Argentina tiveram problemas no que diz respeito à percepção sobre a dimensão do inimigo que enfrentavam, bem como em relação às evoluções do combate. No nível tático, por exemplo, segundo Aldo Rico, político e ex-militar argentino, em entrevista ao documentário *“Aldo Rico – Malvinas”* (RICO, 2012), relata que logo nos primeiros dias da guerra o, à época, Tenente-Coronel Martín António Balza, Comandante do Grupo de Artilharia nº 3, insistia com seu comandante de Brigada para que os obuses Oto Melara, de calibre 105mm, que eram dotação da unidade, fossem substituídos por calibres 155mm, notadamente com maior poder de fogo e de maior alcance. Em uma das tantas abordagens de Balza ao comandante da Brigada, o comandante da artilharia ouviu o seguinte argumento: “as avaliações argentinas sinalizam que os EUA são neutros e os ingleses não atacarão. Não é necessário substituir os obuses. Não haverá guerra.”

5.1 O AFUNDAMENTO DO ARA BELGRANO

Quanto ao nível tático, Anderson (2002) aborda, dentre outros aspectos, a questão do emprego do ARA Belgrano e a resposta britânica com o torpedeamento que levou a embarcação argentina ao naufrágio.

Segundo Freedman (1986), quando analisados o uso adequado das inteligências de sinais (*sigint*) e de imagens (*imint*), é perceptível que os argentinos, no mínimo, não realizaram uma avaliação correta das possibilidades das fontes de inteligência do oponente, o que, caso tivesse ocorrido, permite inferir que o ARA Belgrano tivesse se furtado ao torpedeamento e conseqüente naufrágio.

O HMS Conqueror detectou e acompanhava o ARA Belgrano desde 1º de maio, no momento em que a embarcação argentina reabastecia. O submarino britânico reportava, periodicamente, a posição do cruzador sul-americano. Em dezembro de 1982, o comandante do Conqueror naquela operação declarou, à imprensa britânica, que esteve no encalço do Belgrano durante aproximadamente trinta horas (ARGENTINA, 1982, parágrafo 410).

O vaso argentino se aproximava do limite sul da região denominada Burdwood Bank (Banco Namuncurá, para os argentinos), uma área com 1.000 milhas quadradas onde a água é muito superficial, o que inviabiliza a navegação de submarinos nucleares.

Sandy Woodward, almirante que comandava a *task force* do Reino Unido, considerava a possibilidade de o Belgrano avançar em direção ao norte, ingressando na área do banco, o que, em tese, permitiria que a embarcação argentina ficasse a uma distância de onde seria possível engajar pelo fogo a Força-Tarefa britânica. Ainda que o ARA Belgrano fosse uma ameaça para a *task force*, o contrário também era verdade. Expor tal vaso, sem o correspondente apoio aéreo, ao alcance da frota britânica era um risco que poderia ter sido evitado.

Limitações impostas pelo clima impediram que as aeronaves embarcadas no ARA 25 *de Mayo* deixassem o porta-aviões para cumprir as missões de ataque à *task force* naquelas condições. Após tentativas inclusive de aliviar o peso das aeronaves, com a retirada de parte do combustível das mesmas, para permitir o desencadeamento do ataque, a operação terminou por ser cancelada (“abortada”). Héctor Bonzo descreve, no documentário “*La historia que pudo ser*” (MALVINAS..., [2014]), que a esta altura dos acontecimentos, para o ARA *Belgrano* já era demasiado tarde para retrair incólume, uma vez que foi detectado, também, por uma aeronave britânica em vôo de reconhecimento.

Não dispondo de aeronaves remotamente pilotadas, os ingleses empregaram aeronaves para perscrutar as ameaças que se avizinhavam. Um Harrier avistou, na manhã de 2 de maio, o principal grupo argentino. A Inteligência de Sinais (*sigint*) foi largamente empregada pelos britânicos, principalmente a partir da Ilha de Ascensão, onde a operação cabia ao GCHQ¹. Freedmann (1986), menciona que, segundo o periódico *The Economist* de 3 de março de 1984, os ingleses se beneficiaram da *sigint* que a NSA² repassava ao GCHQ. Ainda segundo o mesmo periódico, 98% da inteligência sobre os movimentos argentinos provinham dos norte-americanos (FREEDMAN, 1986, p. 321).

Uma das grandes carências de dados dos britânicos no contexto da Guerra das Malvinas dizia respeito à inteligência de imagens, seja a partir de sensores orbitais ou dos reconhecimentos aéreos. Ainda que dispostos a repassar dados à tropa do Reino Unido, os estadunidenses somente nos estágios finais da campanha modificaram a órbita de um de seus satélites, passando a ter uma melhor cobertura da área das Malvinas.

Até aquele momento, as imagens orbitais disponíveis provinham do satélite comercial Landsat, cujos dados estavam acessíveis também aos argentinos, mas cuja qualidade dos dados era muito baixa, principalmente no que diz respeito à resolução espacial (FREEDMAN, 1986, p. 322).

Em 02 maio 1982, o HMS Conqueror, submarino nuclear, atingiu e afundou o cruzador argentino ARA Belgrano. Na análise dos britânicos, o Belgrano se aproximava das Malvinas, como parte de uma “manobra naval argentina em pinça”, a fim de empregar uma versão anti-navios dos mísseis Exocet, contra a área onde estava estacionada a *task force*.

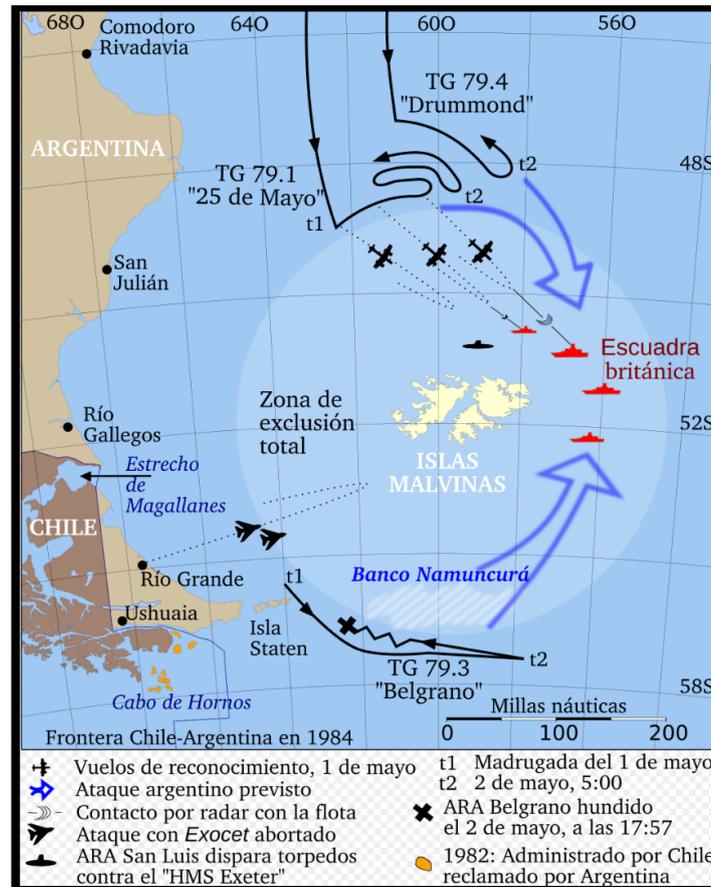
Os Exocet disparados de aeronaves argentinas foram letais aos vasos britânicos naquele conflito. O afundamento do ARA Belgrano teve uma consequência significativa a favor dos britânicos: os vasos argentinos se recolheram aos portos continentais e ali permaneceram até o final da conflagração (TANGREDDI, 2013).

Não é exagero concluir que os argentinos, no mínimo, não realizaram uma avaliação correta das possibilidades das fontes de inteligência do oponente, o que, caso tivesse ocorrido, permite inferir que o ARA Belgrano tivesse se furtado ao torpedeamento e consequente naufrágio.

¹ *Government Communications Headquarters* (GCHQ), serviço de inteligência britânico especializado em *sigint*.

² *National Security Agency*, serviço de inteligência estadunidense especializado em *sigint*.

Figura 22 - Afundamento do ARA *Belgrano*, Zona de Exclusão, posições do ARA *25 de Mayo* e da *task force* britânica



Fonte: Belgrano (2012, p. 231)

Segundo Freedman (1986, p. 328), enquanto os vasos argentinos estivessem no mar a *task force* estava submetida a elevado risco caso tentasse executar o desembarque anfíbio. Acrescente-se a esta situação que logo a partir de 1º de maio tanto o ARA *Belgrano*, como o ARA *25 de Mayo* (porta-aviões), se aproximavam das bordas da área de exclusão traçada pelos britânicos, em uma manobra naval que ameaçava o centro de gravidade da força britânica estacionada no Atlântico Sul.

O alvo da *task force* era prioritariamente o ARA *25 de Mayo*, cuja localização exata era desconhecida dos britânicos naquele momento. Seguido pelo submarino HMS *Conqueror*, o ARA *Belgrano* e os dois destroyers que o acompanhavam se converteram em alvos compensadores. Levar o ARA *Belgrano* ao naufrágio significava inibir o ataque iminente dos argentinos e, ao mesmo tempo, exercitar o poder dissuasório que representava um submarino nuclear (FREEDMAN, 1986, p. 328).

O afundamento do ARA *Belgrano*, em 2 maio 1982, fez com que as naves argentinas se recolhessem aos portos, o que teve como uma de suas consequências um melhor cenário para a realização do desembarque anfíbio britânico, o qual viria a ser executado no dia 21

daquele mês. Segundo Kipp (1983, p. 18), este contexto, de recolhimento aos portos, em virtude de não possuir defesa contra ataques de submarinos (ASW, sigla para Anti Submarine Warfare) apresenta características de *fleet in being* (seção 3.2 desta pesquisa).

5.2 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

A derrota tática que representou o afundamento do ARA *Belgrano* teve consequências no nível Operacional (o desembarque anfíbio britânico em *Puerto San Carlos*). Uma das medidas argentinas após a perda do *Belgrano* foi recolher os seus vasos ao continente, situação que favorecia a intenção do inimigo e sua busca pelo estabelecimento de uma cabeça-de-praia a fim de combater em terra. Se pode conjecturar que se o cruzador argentino não fosse abatido, talvez não ocorresse o desembarque anfíbio e não haveriam cabeça-de-praia e todas as ações que foram possíveis aos britânicos dali em diante.

Ainda assim, para consolidar sua posição em terra após o desembarque, a operação militar britânica teve um custo que pode ser considerado elevado, sobretudo em meios de emprego. Com a presença do ARA *Belgrano*, os custos para o Reino Unido provavelmente teriam sido maiores. A ação contra o vaso pode ser entendida como indicativo desta percepção pelos britânicos.

Ainda que se apresente como paradoxal, o torpedeamento do ARA *Belgrano* é, ao mesmo tempo um êxito e uma falência da inteligência britânica: êxito, no sentido de que tinha sob controle de seus meios de obtenção de inteligência o cruzador; falência, porquê deixou claro que os mesmos meios da *task force* desconheciam a posição da maior ameaça naquele momento, qual seja, o ARA *25 de Mayo*, porta-aviões argentino.

6 CONCLUSÃO

A Função de Combate Inteligência proporcionou resultados completamente distintos para britânicos e argentinos. Debatê-los, nos ambientes social e acadêmico, pode contribuir para ampliar ou consolidar a percepção a respeito dos resultados que uma Força pode obter a partir do judicioso emprego dos seus meios de obtenção de dados, bem como em que medida a inteligência pode efetivamente contribuir com as demais funções de combate.

Ainda que os níveis da Inteligência Militar estejam divididos, para fins de estudo, em estratégico, operacional e tático, as ações, em cada um deles, se interconectam e interdependem.

O analista e historiador Hug Bicheno, autor da obra “*Razor's Edge: The Unofficial History of the Falklands War*”, afirma que “se refizermos a Guerra das Malvinas eliminando os equívocos de parte a parte, os argentinos saem vencedores”¹.

A partir da teoria de falhas de inteligência de Wohlstetter (1962), a conclusão é de que o caso argentino que é o objeto de estudo da presente pesquisa contempla equívocos que estão relacionados não apenas aos decisores (nível estratégico, pela opção bélica) e à inteligência como sistema (níveis operacional e tático, ao não ter a cultura e a estrutura da inteligência militar suficientemente adestrada e em condições de enfrentar um evento de tamanha magnitude e de não identificar a *deception* britânica que permitiu o desembarque anfíbio em San Carlos), mas também ao nível político-estratégico, ao não levar em conta os conhecimentos disponíveis a respeito das capacidades militares do adversário e das condições climáticas adversas, os quais indicavam que a ocupação militar das Malvinas era um equívoco. Deve ser considerada, ainda, a percepção errônea do alto escalão do Governo da Argentina a respeito da posição que seria adotada pelos EUA, onde pelo menos a neutralidade era tida como altamente provável.

Sob a ótica da inteligência como atividade de assessoramento:

a) quanto ao nível **estratégico nacional**:

- ocorreu um erro que gerou consequências nos demais níveis: se as reuniões da CNI que definiam o conflito com o Reino Unido pelas Malvinas como grave e vigente, foram, em sua maioria em 1981, e os prazos para as conclusões serem apresentadas eram 1982 e 1983, para, só a partir daí se estabelecer as Necessidades de Inteligência (NI), antecipar a data da Operação Rosário para 2 de

¹ Documentário disponível no site de vídeos Youtube (MARINONI, 2014).

abril de 1982 pode ser comparado a decidir ir para o combate sem ter dados sobre o inimigo.

- as três apreciações difundidas pela CNI, com equívocos na avaliação dos meios de combate do Reino Unido e avaliando como pouco factível a vinda dos britânicos ao Atlântico Sul, ao se apoiarem em elementos de pouco valor sob a ótica da metodologia para a produção do conhecimento, reforçam a necessidade de que os analistas e os meios de obtenção devem estar adestrados para cumprirem suas tarefas, desde o tempo de paz; em qualquer nível (estratégico, operacional ou tático), a atividade de inteligência, em seu papel de assessoramento ao decisor, tem que ter no horizonte a visualização do emprego de tropa, com os respectivos riscos que ensejam uma ação no terreno durante o combate.

b) quando analisadas as falhas ocorridas na **Inteligência Estratégica Nacional**, principalmente no que diz respeito ao Ciclo do Conhecimento, é perceptível que três dos princípios básicos da atividade de inteligência não foram atendidos: amplitude, integração e relevância²; não tiveram amplitude por não serem completos e abrangentes. Não oportunizaram a geração de produtos completos. Como não responderam às necessidades do cliente, não foram relevantes.

c) no que diz respeito à **inteligência estratégica militar**, estar focado no combate à subversão desde 1976, e na iminência de enfrentamento com o Chile em 1978, foi um dos fatores que contribuiu para os erros cometidos na Guerra das Malvinas. Era contra um inimigo de porte completamente distinto, em um teatro de operações majoritariamente aéreo e naval e em condições geográficas e climáticas adversas.

- o historiador argentino Rosendo Fraga, aborda a questão do enfrentamento com o Chile no final dos anos 1970. Fraga sustenta que as melhores tropas argentinas estavam empenhadas na fronteira oeste da região da patagônia argentina, decorrente do conflito por Beagle; uma das implicações deste emprego de tropa foi a necessidade de ter que empregar, na Guerra das Malvinas, tropas do litoral e

² Segundo o Manual de Campanha EB20-MF-10.107 – Fundamentos da Inteligência Militar Terrestre (BRASIL, 2015, grifo nosso): ... 4.3.6 **Amplitude** – Os conhecimentos produzidos devem ser tão **completos e abrangentes** quanto possível. ... 4.3.9 **Integração** – A produção do conhecimento de Inteligência deve valer-se de **dados oriundos de todas as fontes**, favorecendo a geração de produtos precisos e completos. ... 4.3.12 **Relevância** – O conhecimento produzido **deve ser capaz de responder às necessidades dos decisores**.

da região de Buenos Aires, ambas não aclimatadas ao inverno austral que estava na iminência de começar (MALVINAS..., [2014]).

- d) a **inteligência estratégica militar** apresentou problemas que estão associados a algumas das falências no desempenho na Guerra das Malvinas:
- volume excessivo de dados, o que dificulta o trabalho de análise;
 - sistema inadequadamente estruturado e trâmites pessoais, o que indica falta de comprometimento com a atividade fim;
 - falta de dados fidedignos, o que compromete o emprego e o produto da inteligência militar;
 - baixa qualificação dos dados disponíveis, o que indica carência de meios de obtenção, seja para efetivamente obter os dados ou mesmo para confirmá-los;
 - reciclagem e recirculação de dados, problema este que está diretamente conectado à falta de emprego correto da metodologia para a produção do conhecimento;
 - fontes sob a influência do inimigo, problema este que possui estreita relação com a carência de meios de obtenção, tais como inteligência de sinais e de imagens, como a partir do uso de plataformas orbitais.
- e) na **inteligência operacional**, além de ser alvo da deception britânica, a tropa argentina não deu a devida atenção às medidas de contrainteligência, o que acabou por proporcionar relevantes dados ao inimigo.

A CAERCAS, no parágrafo 723 do Informe Rattenbach (ARGENTINA, 1982, grifo nosso), apresenta suas conclusões sobre as falhas de inteligência nos níveis estratégico nacional, estratégico militar e operacional. Um extrato destas falhas é o seguinte:

A continuación, nuestra conclusión se basará sobre la medida en que ella ha quedado concretada en la realidad.

a. **Inteligencia Estratégica Nacional**

[...]

2) **Conclusiones**

- a) De acuerdo con la finalidad: no se contó con el reconocimiento desde la paz y sólo pudo obtenerse parcialmente durante la guerra por las capacidades y debilidades del enemigo y sus posibles aliados; **no se tuvo un conocimiento suficiente de los ambientes geográficos de interés**, lo cual se tradujo en un empleo inconveniente de los medios; **Existieron filtraciones en lo relativo a seguridad nacional (Contrainteligencia)**.

- b) De acuerdo con los objetivos: **no se proporcionó inteligencia adecuada**.

[...]

- f) De acuerdo con la oportunidad de producción: se inició su producción inmediatamente antes de la iniciación del conflicto.

b. Inteligencia Estratégica Militar

[...]

2) Conclusiones

[...]

- b) De acuerdo con los objetivos: **se desconoció el potencial de guerra del enemigo y sus aliados.**

[...]

- e) De acuerdo con la responsabilidad de producción: **el órgano de Inteligencia Estratégica Militar conjunto - la Jefatura 2 – Inteligencia, del Estado Mayor Conjunto-, no estuvo preparado para la eventualidad.**

c. Inteligencia Estratégica Operacional

[...]

2) Conclusiones: la conducción estratégica operacional **tampoco explotó convenientemente** los muy limitados aportes que le brindó la IEM.

Não ter obtido dados a respeito da redução da *Royal Navy* que estava no horizonte próximo teve impacto significativo no desenlace do conflito. A CAERCAS apresentou argumento no sentido de que se a ocupação militar das ilhas pelos argentinos fosse alguns meses mais tarde, os britânicos estariam sob o risco de ter que adotar outra linha de ação para reaver o arquipélago (ARGENTINA, 1982, parágrafo 741).

O governo argentino tinha uma percepção equivocada no que diz respeito ao local que ocupava no cenário geopolítico do subcontinente. Seu desempenho como aliado dos EUA na América Central era tido como fator condicionante, no mínimo, da neutralidade estadunidense, o que não ocorreu. Segundo o Informe Rattenbach (ARGENTINA, 1982, parágrafo 744) a leitura correta do contexto político deveria ter sido entendida, pela Junta de Governo da Argentina, como sendo um fator a ser considerado para que fosse postergada a Operação Rosário. As forças armadas da argentina não estavam preparadas para enfrentar uma reação militar do Reino Unido. Reação militar esta que também deveria ter sido considerada com maior probabilidade pela inteligência militar argentina.

Antecipar a retomada das ilhas, com o desencadeamento da Operação Rosário, deixou as forças armadas argentinas expostas aos riscos inerentes ao enfrentamento de um oponente com o poderio militar britânico. A pouca preparação argentina, contrastando sobretudo com a tradição naval do Reino Unido, tornava o contexto em amplamente desfavorável à Argentina (ARGENTINA, 1982, parágrafo 759).

No final da III Parte (Avaliação e análise crítica), em seu Capítulo VIII (As causas da derrota), no parágrafo 788, o Informe Rattenbach (ARGENTINA, 1982) é taxativo: “A oportunidade, livremente fixada pela Junta Militar para a recuperação dos arquipélagos do Atlântico Sul, beneficiou fundamentalmente o inimigo”.

O recorte desta pesquisa que trata do nível tático, no que diz respeito ao afundamento do ARA Belgrano, analisa a controversa a decisão argentina de levar um de seus vasos mais nobres até o limite da zona de exclusão, em uma manobra conjunta com o ARA 25 de Mayo. Sabidamente o Reino Unido empregava submarinos nucleares naquela guerra e a Argentina não dispunha de capacidade de sensoriamento em relação a uma ameaça de tal envergadura. Paradoxalmente, ao assumir o risco com o ARA Belgrano, a Argentina marchava no sentido contrário da percepção que teve no final de março de 1982. Logo após o incidente das Geórgias do Sul, a tropa britânica, em atitude que objetivava iludir o adversário, anunciou que despachara para o Atlântico Sul um de seus submarinos nucleares. Crer nesta afirmação foi um dos fatores que levou à antecipação da Operação Rosário. Sandy Woodward, comandante da *task force*, assim abordou o tema no documentário “A vantagem dos submarinos é que eles permanecem embaixo da superfície. Os argentinos assumiram como verdadeiro que após o incidente das Geórgias do Sul um submarino nuclear partiu de Gibraltar (MALVINAS..., [2014]).

Os meios de *Intelligence, Surveillance e Reconnaissance* (ISR, ou Inteligência, Vigilância e Reconhecimento) dos britânicos eram melhores e foram reforçados pelos EUA. A Argentina possuía capacidades limitadas e insuficientes para conduzir operações na área, o que ensejou a aceitação, ainda que discreta, de dados repassados por fontes soviéticas, notadamente no que diz respeito às plataformas orbitais.

O *Informe Rattenbach* (ARGENTINA, 1982, parágrafo 722) registra que os britânicos historicamente deram provas de possuir expertise em quebra de cifras, interceptação de dados, proteção dos dados próprios e execução de *deception*. Não ter considerado esta capacidade do adversário como motivador para implementar medidas eficazes de Contrainteligência também foi uma falha argentina.

As aspirações argentinas em relação às Malvinas estão materializadas na carta magna do país. Os britânicos não sinalizaram, em nenhum momento ao longo dos anos que se seguiram à guerra, intenção de abrir mão do arquipélago. Ou seja, Guerra das Malvinas, em 1982, foi “um” episódio pela posse definitiva das ilhas. Porém, apesar da magnitude, não foi o primeiro e tende a não ser o último.

Retomando o **objetivo**, o **problema** e a **hipótese** que moveram esta pesquisa, a **conclusão** é de que a Guerra das Malvinas é uma fonte de lições aprendidas para a inteligência militar brasileira.

As lições indicadas na conclusão desta pesquisa não têm o objetivo de assinalar o que é ou não executado na inteligência militar. Elas (lições) pretendem ratificar aquilo que já é

executado, e introduzir o que não é realizado. Tampouco objetivam desconstruir o que é realizado, mas complementar.

Analisar um evento da envergadura da guerra das Malvinas, decorridos de 38 anos dos fatos, se justifica principalmente pelos seguintes aspectos: há escassos trabalhos cujo foco exclusivo seja a inteligência; a guerra ficou no final do século passado e, no que diz respeito à inteligência militar, os ensinamentos não foram apontados. Quem não se debruça sobre os erros do passado, tende a se equivocar no futuro; ainda que uma nação não tenha inimigos de fato, possui, certamente, inimigos potenciais.

Uma das possibilidades, devido ao personalismo dos decisores, é de que a inteligência em determinado momento não seja levada em conta pelo nível político-estratégico e estratégico. Sem eximir o decisor de seu equívoco, há que se pensar se a atividade de inteligência militar cumpriu, com eficácia, sua missão precípua.

As conclusões do presente trabalho não possuem como objetivo estabelecer um paradigma. São para fomentar o debate em torno do emprego correto da inteligência militar. Ainda que as ideias aqui apresentadas sejam refutadas, este trabalho estará ocupando um lugar no debate sobre o tema.

A seguir, são elencados **ensinamentos**, obtidos a partir da análise dos três recortes que esta pesquisa realizou, que corroboram esta conclusão:

- a) a inteligência militar tem que estar apontada (meios, equipamentos, pessoal, doutrina) para a **missão principal**: Inteligência nas Operações Militares; como a Inteligência é essencialmente atividade de assessoramento, não é ela que vai decidir quando ir ou não para o campo de batalha; logo, tem que estar permanentemente adestrada;
- b) nenhum dos níveis pode ser **negligenciado**; estratégico, operacional e tático são complementares e dependentes entre si; assim, os resultados ficam comprometidos caso um dos níveis não consiga cumprir a sua missão específica ou não se desempenhe em consonância com o desempenho dos outros;
- c) há que se investir em **tecnologia**, seja na aquisição ou no desenvolvimento, se em 1982 a Argentina ficou à mercê de fontes das quais não dispunha, com a constante evolução dos meios tecnológicos, a tendência é este gap ser maior ainda nos dias atuais;
- d) as **hipóteses de Conflito** devem ser mantidas atualizadas, sejam as reais ou as potenciais, sobretudo no que diz respeito às capacidades militares dos eventuais inimigos; por outra parte, deve ser constantemente buscado o adestramento da

inteligência em **Operações conjuntas**; um Teatro de Operações ensejará emprego conjunto;

- e) as tropas de inteligência devem se adestrar no **emprego de todas as fontes disponíveis** (humanas, sinais, imagens, tecnológicas, técnicas); o intercâmbio com nações amigas pode ser uma das soluções; exercitar permanentemente a **metodologia** para a produção do conhecimento, a fim de reduzir a possibilidade de ser alvo de Operações de Desinformação, também deve ser um objetivo a ser alcançado;
- f) o estudo das **Técnicas, Táticas e Procedimentos** dos inimigos reais e potenciais deve ser constante, em todos os níveis escolares no âmbito das forças armadas, seja na carreira de oficiais ou na de graduados.

Por fim, elenca-se como uma **possível agenda de pesquisa futura** o aprofundamento dos seguintes aspectos:

- a) identificar quais as evidências que a inteligência militar argentina dispunha ou obteve a fim de estabelecer o cenário no qual considerava como altamente provável a participação das forças armadas chilenas na Guerra das Malvinas; tal investigação pode ajudar a compreender se havia evidências consistentes neste sentido ou se foi mais um dos equívocos de análise cometido pelos argentinos;
- b) avaliar em que medida a Guerra das Malvinas contribuiu para que fossem abandonadas as hipóteses de conflito de Brasil e Argentina, um tendo o outro como adversário, e para o surgimento e a consolidação do Mercosul; quais eram e quais passaram a ser as relações entre as forças armadas de ambos os países, principalmente nos intercâmbios e atividades nas áreas de inteligência e exercícios conjuntos;
- c) dimensionar qual foi o impacto da Guerra das Malvinas junto às Forças Armadas do Brasil, notadamente na movimentação de unidades militares do Sul para o Norte do país e na criação do Programa Calha Norte; durante a década de 1980 e nos anos iniciais da década de 1990, Organizações Militares do Exército Brasileiro foram movidas do Rio Grande do Sul para a porção Norte do território nacional; a pesquisa a respeito pode levar ao entendimento de quais os fatores contribuíram para que o Exército Brasileiro concluísse que conflitos contra vizinhos austrais já não se configuravam como sendo uma ameaça;

- d) aprofundar estudos no sentido de aumentar o número de evidências sobre o apoio da extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) ao Governo da Argentina por ocasião da Guerra das Malvinas; buscar dados, a partir de documentos desclassificados, para verificar quais foram as ações desencadeadas pelos argentinos com base nos dados soviéticos; pretende-se ratificar, a partir da confirmação do apoio da URSS, que a Junta de Governo combatia um inimigo cuja posição no Teatro de Operações era um dado negado durante a Guerra das Malvinas.

REFERÊNCIAS

- ANAYA, Jorge Isaac; NICOLETI, Máximo Alfredo. “**Milenio 3 – Operación Algeciras**”. 13 jun. 2015. (52min40seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yd7A65d0aOY>. Acesso em: 2 jun. 2019;
- ANAYA, Jorge Isaac; NICOLETI, Máximo Alfredo. “**Operación Algeciras: Secreto**”. 7 fev. 2017. (5min52seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DiaF3Olyi1w>. Acesso em: 31 maio 2019.
- ANAYA, Jorge Isaac; NICOLETI, Máximo Alfredo. **Operación Algeciras 2003**. 10 jul. 2008. (2min 27seg). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IR0Hdj_DTH8. Acesso em: 31 maio 2019.
- ANAYA, Jorge Isaac; NICOLETI, Máximo Alfredo. **1333950764109[2] (1).mp4**. 12 abr. 2012. (6min54seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yLl8Md5iqtw>. Acesso em: 1 jun. 2019.
- ANDERSON, Duncan. **The Falklands 1982: essential stories**. Oxford: Osprey, 2002.
- ARGENTINA. Poder Legislativo Nacional. **Constitución Nacional Argentina**. 1994. Disponível em: <https://www.casarosada.gob.ar/nuestro-pais/constitucion-nacional>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- ARGENTINA. Junta Militar. **Comisión de Análisis y Evaluación de las Responsabilidades del Conflicto del Atlántico Sur - CAERCAS**. Informe Final (“Informe Rattenbach”). Buenos Aires, 1982. Disponível em: <https://www.casarosada.gob.ar/informacion/archivo/25773-informe-rattenbach>. Acesso em: 30 maio 2019.
- ARGENTINA. Junta Militar. RC-2-2 - **Conducción para las fuerzas terrestres ejército argentino**. 1983, p. 46. Buenos Aires. Disponível em: <https://www.mpf.gob.ar/plan-condor/files/2019/04/3.pdf> RC-2-2. Acesso em: 25 de janeiro de 2020.
- ARMONY, A. C. **La Argentina, los Estados Unidos y la cruzada anticomunista em América Central, 1977-1984**. Buenos Aires: Universidade Nacional de Quilmes, 1999.
- BASTOS, Cezar Luiz Brochado. **Informações Militares na Guerra do Atlântico Sul (Falklands/Malvinas)**. Rio de Janeiro: ECEME, 1992.
- [BELGRANO: Zona de exclusão, ARA 25 de Mayo, Task Force]. **Revista da Armada de Portugal**, Lisboa, p. 231, 2012. Disponível em: https://marinha.pt/conteudos_externos/RevistaArmada/_FlipVersion/2012/files/assets/seopa/ge231. Acesso em: 25 out. 2019.
- BOYCE, George. **The Falklands War**. Hampshire: Palgrave, 2005.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **Emprego das Comunicações**. C11-1. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 1997. Disponível em: <http://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/386>. Acesso em: 20 maio 2018.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **Manual de Fundamentos da Inteligência Militar Terrestre**. EB20- MF-10.107. Brasília, DF, 2015. Disponível em: <http://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/95>. Acesso em: 20 maio 2018.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **Segurança das Comunicações**. C24-50. Brasília, DF, 1978. Disponível em: <http://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/384>. Acesso em: 25 maio 2019.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Lista de Tarefas Funcionais**. EB70-MC-10.341. Brasília, DF, 2016b. Disponível em: <http://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/16>. Acesso em: 20 maio 2018.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações**. EB70- MC-10.223. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/1/848>. Acesso em: 20 maio 2018.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Planejamento e Emprego da Inteligência Militar**. EB70- MC-10.307. Brasília, DF, 2016c. Disponível em: <http://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/64>. Acesso em: 20 maio 2018.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Apresentação em tema**: "Secretaria de Pessoal, Ensino, Saúde e Desporto - SEPESD." 2016a. Disponível em: <https://slideplayer.com.br/slide/11650102/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Doutrina de Operações Conjuntas**: MD 30-M-01. Brasília, DF, 2011. v. 3. Disponível em: <http://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/134>. Acesso em: 20 maio 2018.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Doutrina Militar de Defesa**. MD 51-M-04. 2.ed. Brasília, DF, 2007a. Disponível em: <http://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/135>. Acesso em: 20 maio 2018.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Glossário das Forças Armadas**. MD 35-G-01. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2007b. Disponível em: <http://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/141>. Acesso em: 20 maio 2018.

BRITISH logistics in the Falklands War. **Wikipedia**, 2020. Disponível em: https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=British_logistics_in_the_Falklands_War&oldid=969856280. Acesso em: 20 jan. 2020.

CASSAN, Dave. **Target Gibraltar: Operation Algeiras**. In: Falklands: untold stories of the war in the south atlantic an invaluable reference in words and pictures. Stamford, Reino Unido. Key Publishing Ltd. 2012. p. 68-74. Disponível em: <https://ia800109.us.archive.org/3/items/Falklands/Falklands.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2020.

CAVALLINI, Henrique H. J. **The Malvinas/Falklands Affair: A New Look**. London: Routledge, 1988.

CEPIK, Marco. **Espionagem e democracia**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

DEFENCE FRONTLINE ONLINE. **Passive Countermeasures**. 2011. Disponível em: <https://defence.frontline.online/article/2011/4/1907-Passive-Countermeasures>. Acesso em: 25 maio 2019.

DUARTE, General Paulo de Queiroz. **Conflito nas Malvinas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1986. V. 1 e 2.

EL APOYO ruso en la Guerra de Malvinas. **Servicio Privado De Informaciones Y Noticias – Seprin**, Buenos Aires, 2012. Disponível em: <http://seprin.info/2012/04/02/el-apoyo-ruso-en-la-guerra-de-malvinas>. Acesso em: 25 maio 2019.

ESBRY, Gabriel Alejandro. Inteligencia britânica durante la Guerra de Malvinas. **Revista Visión Conjunta**, Buenos Aires, ano 8, n. 14, p. 11-19, 2016. Disponível em: http://www.esgcfcaa.edu.ar/pdf/ESGCFCAA-2016_pdf-41.pdf. Acesso em: 25 jun. 2019.

FANNING Head. **Wikipedia**, 2020. Disponível em: https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Fanning_Head&oldid=123741858. Acesso em: 20 jan. 2020.

FOWLER, William. **Battle for the Falklands (1) Land Forces**. London: Osprey, 1982.

FOWLER, William. **Battle for the Falklands (2) Land Forces**. London: Osprey, 1982.

FREEDMANN, Lawrence. **The official history of the Falklands campaign**. Abingdon: New York: Routledge: Taylor and Francis, 2005.

FREEDMANN, Lawrence. **Intelligence Operations in the Falklands**. In: Intelligence and national security. London: Routledge, 1986. p. 309 - 335.

GALTIERI y sus aliados soviéticos. **La Nación**, Buenos Aires, 30 maio 2010. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/opinion/galtieri-y-sus-aliados-sovieticos-nid1269664>. Acesso em: 12 jun. 2019.

GUERRA das Malvinas: o poder aeronaval em gráficos. **Poder Naval**, 03 mar. 2009. Disponível em: <https://www.naval.com.br/blog/2009/03/03/guerra-das-malvinas-o-confronto-aeronaval-em-graficos/>. Acesso em: 15 jan. 2020.

KIPP, Jacob W. **Naval art and the prism of contemporaneity: soviet naval officers and the lessons 1 of the Falklands conflict**. Austin, TX, USA: Texas University, 1983.

MALVINAS: La historia que pudo ser. **Discovery Channel**, [2014]. Documentário (45min 23seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CN1QoGhc7K8>. Acesso em: 31 maio 2019.

- MARINONI, Marcos Horácio. **Malvinas contado por los ingleses**. 10 abr. 2014. (44min55seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4WYLA5X-4kY>. Acesso em: 31 maio 2019.
- MEARSHEIMER, John Joseph. **The tragedy of Great Power politics**. New York: Norton, 2001.
- MORALES, João Luis Ribeiro. **O emprego da guerra eletrônica nos conflitos entre nações**: focalizar o emprego da Guerra Eletrônica desde a 1ª Guerra Mundial até os dias atuais; destacar sua influência nos resultados dos conflitos armados. Rio de Janeiro: ECEME, 1993.
- NICOLETI, Máximo Alfredo. **“Operación Algeciras”**. 24 out. 2017a. (7min8seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oN-icoJ7TCU>. Acesso em: 2 jun. 2019;
- NICOLETI, Máximo Alfredo. **“1982: Operación Algeciras (Gibraltar) Relato del integrante del comando”**. 5 jan. 2017b. (50min32seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P-3z7MpjDf4>. Acesso em: 5 jun. 2019.
- PAGET, Steven. **Target San Carlos: British Deception during the Repossession of the Falkland Islands**. In: REIN, Christopher M. *Military Deception in Large-Scale Combat Operations*. Fort Leavenworth, Kansas, United States. Army University Press (U.S.), 2018. p. 193-214. Disponível em: <https://fas.org/sgp/eprint/weaving.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2020.
- PAGET, Steven. **Under Fire: The Falklands War and the Revival of Naval Gunfire Support**. 2017. Newbury Park, Califórnia, United States. Sage Publications. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/81671434.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2020.
- RADAR Malvinas. **Página web com documentos PDF sobre a guerra das Malvinas**. [20--] Disponível em: <http://www.radarmalvinas.com.ar>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- RICO, Aldo. **Aldo Rico – Malvinas**. 3 abr. 2012. (21min9seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oS3xYT5OQs0>. Acesso em: 15 jun. 2019.
- RIVAS, Santiago; CICALES, Juan Carlos. **Malvinas, 1982: grandes batalhas aéreas**. São Paulo: C&R, 2007.
- SCIARONI, Mariano. **Malvinas, documentos desclasificados: los partes de inteligencia del "amigo invisible" soviético y los satélites que “espiaron” a la flota británica**. **Infobae**, Argentina, 18 abr. 2019. Disponível em: <https://www.infobae.com/sociedad/2019/04/18/malvinas-documentos-desclasificados-los-partes-de-inteligencia-del-amigo-invisible-sovietico-y-los-satelites-que-espiaron-a-la-flota-britanica>. Acesso em: 30 maio 2019.
- SPELLER, Ian. **Understanding Naval Warfare**. London: Routledge, 2014.
- TANGREDI, Sam J. **Anti-Access Warfare, Countering A2/AD Strategies**. Annapolis, Maryland: Naval Institute Press, 2013.
- TRAIN, H. **Malvinas: un caso de estudio**. Buenos Aires: Boletín del Centro Naval, 1987.

UNITED STATES. Army. FM 6-0. **Commander and Staff Organization and Operations**, Washington: Department of the Army, 2014. Disponível em: https://armypubs.army.mil/epubs/DR_pubs/DR_a/pdf/web/ARN14843_FM_6-0_Incl_C2_FINAL_WEB.pdf. Acesso em: 19 nov. 2019.

UNITED STATES. Army. FM 34-130. **Intelligence Preparation of the Battlefield: FM 34-130**. Washington: Department of the Army, 1994. Disponível em: <https://fas.org/irp/doddir/army/fm34-130.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2019.

UNITED STATES. Department of Defense. Joint Chiefs of Staff. **Joint Publication 3-02, Amphibious Operations**. Washington: Department of Defense, 2019. Disponível em: https://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Doctrine/pubs/jp3_02.pdf. Acesso em: 19 nov. 2019.

UNITED STATES. Department of Defense. Joint Chiefs of Staff. **Joint Publication 3-13.4, Military Deception**. Washington: Department of Defense, 2012. Disponível em: https://jpsc.ndu.edu/Portals/72/Documents/JC2IOS/Additional_Reading/1C3-JP_3-13-4_MILDEC.pdf. Acesso em: 19 nov. 2019.

WARD, Simeon L. **The Falklands War April-June 1982: Operation CORPORATE - An Example of Operational Manoeuvre from the Sea, or a Fait Accompli for Operational Planning?** 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Militares) - Marine Corps University, Quantico Station, Virginia, United States, 2008. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a491387.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2020.

WOHLSTETTER, Roberta. **Pearl Harbor: Warning and Decision**. Stanford, California, USA: Stanford University Press, 1962.

WOODWARD, Admiral Sandy. **One hundred Days: the memoirs of the Falklands battle group commander**. London: Harper Press, 2012.

1982: La guerra desde el aire. **History Channel**. Documentário (1h 33min 42seg). 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JEofjadnnyY>. Acesso em: 19 abr. 2020.

1982 MALVINAS. **Archivos La Vanguardia, de España**. [20—?]. Disponível em: <https://www.1982malvinas.com/archivos-de-prensa/>. Acesso em: 20 maio 2019.

1982 MALVINAS. **Mapas**. 2008. Disponível em: <https://www.1982malvinas.com/mapas/>. Acesso em: 20 maio 2019.

30 PHOTOGRAPHS from the Falklands War. **IWM.Org, Imperial War Museums**. [19--?]. Disponível em: www.iwm.org.uk/history/30-photographs-from-the-falklands-war. Acesso em: 15 abr. 2019.